

UNIVERSIDADE FUMEC

Mayra Coelho Monteiro de Castro

**A “SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA”,
A “FEMINIZAÇÃO DO MUNDO” E SUAS INCIDÊNCIAS
SOBRE A FEMINILIDADE**

Belo Horizonte

2018

Mayra Coelho Monteiro de Castro

**A “SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA”,
A “FEMINIZAÇÃO DO MUNDO” E SUAS INCIDÊNCIAS
SOBRE A FEMINILIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos Culturais e Contemporâneos da Universidade FUMEC como requisito parcial à obtenção de Mestre em Estudos Culturais e Contemporâneos.

Área de concentração: Cultura e Interdisciplinaridade

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Augusto Chagas de Laia

Belo Horizonte

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C355s Castro, Mayra Coelho Monteiro de, 1970-
A “subjetividade contemporânea”, a “feminização do mundo” e suas incidências sobre a feminilidade / Mayra Coelho Monteiro de Castro. – Belo Horizonte, 2018.
132 f. ; 29,7 cm

Orientador: Sérgio Augusto Chagas de Laia
Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos), Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Belo Horizonte, 2018.

1. Globalização. 2. Identidade (Psicologia) - Brasil. 3. Feminilidade - Brasil. I. Título. II. Laia, Sérgio Augusto Chagas de. III. Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE
FUMEC

Mayra Coelho Monteiro de Castro

A “subjetividade contemporânea”, “a feminização do mundo” e suas incidências
sobre a feminilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade
Fumec, como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos.

Aprovado em: 22 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sergio Augusto Chagas de Laia – Universidade FUMEC
(Orientador)

Profa. Dra. Astréia Soares Batista – Universidade FUMEC
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Luís Flávio Silva Couto – PUC MINAS
(Examinador Externo)

REITORIA

Av. Afonso Pena, 3890 - Cruzeiro
30130-009 - Belo Horizonte, MG
Tel. 0800 0300 200
www.fumec.br

CAMPUS

Rua Cobre, 200 - Cruzeiro
30510-190 - Belo Horizonte, MG
Tel. (31) 3228-3000
www.fumec.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, José (*in memoriam*) e Jane, pela minha existência, pelo amor e pelo carinho. À minha irmã e aos meus irmãos, guardo vocês no meu coração. Às minhas amigas Tânia Mara Lage, Maria Inês Manna Julião e Fernanda Pádua Barth, que me serviram de suporte, carinho e incentivo, para atravessar esses dois anos, do início ao fim. Aos “anjos” que atravessaram o meu caminho justamente na hora em que eu mais precisava: Ângela Maria Diniz Costa e Cláudia Chaves Fonseca. À Sandra Cavalcante, a minha admiração. À Mariana Cardiere, colega de mestrado que tornou-se uma amiga querida. À Pepe, à Tati e as “Afinidades”, que me trouxeram alegria e descontração, nas horas de aflição. À Lucia Amâncio Rodrigues, sempre carinhosa e cuidadosa com meus filhos, em minhas ausências.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Augusto de Chagas Laia, essencial durante a minha formação acadêmica. Agradeço a Coordenadora do Mestrado em Estudos Culturais e Contemporâneos, Profa. Dra. Astreia Soares por ter me apoiado durante “momentos difíceis”, sempre cuidadosa com as palavras e também por participar da minha banca de qualificação e de defesa. Agradeço ao Prof. Luís Flavio Silva Couto, pela minha banca de qualificação e defesa desse mestrado, compartilhando seus conhecimentos comigo. Agradeço ao corpo docente de professores do mestrado em Estudos Culturais e Contemporâneos da Fumec, contribuindo com o meu aprendizado e conhecimento, marcando a minha trajetória acadêmica.

Agradeço a FAPEMIG, pelo suporte durante os anos em que dediquei à minha formação acadêmica.

Agradeço a “não todas” mulheres, pela luta social e pessoal, no lidar diariamente com esse modo “não todo” de existir. Agradeço às mulheres *Eu sei tudo*. Ter voltado ao passado fez-me compreender muitos aspectos da história e trajetória da mulher - a nossa história.

De modo especial, agradeço ao Romário, meu amor e meu companheiro de uma vida: seu carinho, sua paciência, alegria e incentivo. Sem você não teria conseguido atravessar esses anos. Aos nossos filhos Rafael e Helena, alegria de minha vida. Obrigada pela paciência de vocês, nesses dois anos de ausência e de trabalho extenuante.

À “flor do mamulengo, que se apaixonou por um boneco...”

Aos meus amores
Romário, Rafael e Helena

“Mais além da noção de agir correta ou incorretamente,
há um campo... lá eu encontrarei você”.

Rumi.

RESUMO

A sociedade contemporânea está passando por mudanças e transformações bastante contundentes. Verificamos, na atualidade, uma sociedade mais líquida e fluida em comparação a sociedade moderna. Essa “fluidez” seria um fenômeno advindo do multiculturalismo e da globalização, provocando mudanças na categoria espaço-tempo. Essas mudanças incidem nas identidades, produzindo o seu deslocamento, das referências patriarcais que lhes fixavam e lhes davam direção. Na transição da modernidade para a sociedade contemporânea, por um lado tivemos o declínio dos ideais patriarcais e, por outro lado, tivemos a ascensão do capitalismo de consumo. Esse processo incide sobre as subjetividades, tornando-as mais fluidas e transitórias, sobretudo sobre a subjetividade da mulher. Se na modernidade, a feminilidade era equivalente à maternidade e a posição da mulher restrita ao lar; na sociedade contemporânea, verificamos que houve um deslocamento dessa posição, e hoje percebemos a feminilidade de forma fluida, múltipla e singular. Para que esses deslocamentos na subjetividade da mulher sejam exemplificados, efetivou-se uma análise documental, em duas fontes. Foram analisados 84 artigos do almanaque *Eu sei tudo*, representando a sociedade moderna e 15 reportagens da revista contemporânea *Marie Claire*, representando a mulher contemporânea. Essa fluidez é um fenômeno observado tanto na sociedade, como foi verificado pelos estudiosos dos Estudos Culturais, quanto pelo fenômeno “feminização do mundo” e na feminilidade, como foi verificado com a psicanálise de orientação lacaniana. Advinda da queda dos ideais patriarcais e da ascensão do objeto *a* ao Zênite social, conceito formalizado por Lacan, demonstrando a fluidez nos processos de identificação das subjetividades contemporâneas. Os efeitos da globalização sobre a sociedade, sobre as subjetividades e sobre a feminilidade, apontaria para uma nova lógica, a lógica do “não todo” e um novo *modus operandis* da sociedade incidindo na subjetividades e na feminilidade.

Palavras-chave: globalização - identidade - subjetividade contemporânea- feminização do mundo - feminilidade

ABSTRACT

The contemporary society is going through very blunt changes and transformations. We have verified, nowadays, a more liquid and fluid society in comparison to the modern society. This fluidity would be a phenomena coming from multiculturalism and globalization causing changes in the space-time category. These changes happen onto the identities, producing its dislocation, of the patriarchal references which fixated them and gave them direction. In the transition from modernity to contemporary society, on one hand we had the decrease of the patriarchal ideals, and on the other hand we had the rise of capitalism of consumption. This process happens onto the subjectivities making them more fluid and transitory above all the subjectivity of the woman. If in modernity, femininity was equivalent to maternity and the position of the woman restricted to the home, in the contemporary society we have verified that there has been a dislocation of this position, and today we notice the femininity in a more fluid, multiple and singular form. For these dislocations in the woman's subjectivity to be exemplified, a documental analysis was carried out in two sources, 84 articles from the *Eu sei tudo* almanac were analyzed representing the modern society, and 15 articles from the contemporary magazine *Marie Claire*, representing the contemporary woman. This fluidity is a phenomenon observed in both, society as it has been verified the researches of the Cultural Studies, and by the phenomenon of "feminization of the world" and in femininity as it has been verified with psychoanalysis of lacanian orientation. Coming from the fall of the patriarchal ideals, and the rise of the object "a" to the social zenith, a concept formalized by Lacan, showing the fluidity in the processes of contemporary identification and subjectivity. The effects of globalization onto society, subjectivity and femininity, would point towards a new logic, the logic of the "not everything" and a new *modus operandis* of the society including the subjectivities and femininity.

Key words: globalization – identity - contemporary subjectivity - world's feminization - femininity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA	15
2.1 Identidade e globalização	15
2.2 Liquidez, fluidez e movimento: características da sociedade contemporânea	27
2.3 As “identidades híbridas” também caracterizariam a “subjetividade contemporânea”?	36
2.4 A “subjetividade contemporânea” segundo a leitura de Hall sobre as relações entre sujeito e inconsciente	41
3 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE	46
3.1 A feminilidade de acordo com a linha editorial de <i>Eu sei tudo</i>	50
3.2 A feminilidade segundo a linha editorial de <i>Marie Claire</i>	72
3.3 Estudo comparativo entre a “feminilidade moderna” e a “feminilidade contemporânea”	85
4 A FEMINIZAÇÃO DO MUNDO	89
4.1 A fluidez e a multiplicidade da sociedade hipermoderna, segundo a psicanálise de orientação lacaniana	92
4.2 O efeito feminizante do objeto <i>a</i>	99
4.3. Diferentes perspectivas da “feminização do mundo”	104
5 CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	131

1 INTRODUÇÃO

A identidade, na sociedade contemporânea, assumiu um estatuto diferente daquele da sociedade moderna. Podemos verificar que, para os Estudos Culturais, o conceito de identidade é pensado em sua relação com a cultura, como um “sentimento de pertencimento de realidades” (CANCLINI, 1998; HALL, 2001) e um “conjunto de significados compartilhados” (BAUMAN, 2005; HALL, 2001; 2016). Nesta dissertação, a identidade será tomada nessa perspectiva, ou seja, como um posicionamento culturalmente formado por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano de cada um. Dessa forma, a identidade comportaria “pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70).

Para os Estudos Culturais, a identidade implicaria precisamente as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente, por exemplo, a uma cultura específica. Porém, com o intercâmbio cada vez mais frequente entre diferentes culturas, com a ascensão do multiculturalismo, deparamo-nos com os sujeitos imersos em um verdadeiro “caldeirão cultural” e, nesse contexto, podemos destacar a importância da identidade tomada como narrativa (BHABHA, 2001; CANCLINI, 1998), como construção realizada no ato de ser narrada ao modo de uma história que se conta para si mesmo e para os outros, uma história de suas interações e relações com a sociedade, a cultura, a sexualidade, etc. Assim, frente a mudanças sociais que cada vez mais se intensificam, gostaríamos de avaliar como essas mudanças incidiriam sobre as identidades.

Segundo os Estudos Culturais, estamos vivendo um deslocamento intenso das identidades, ou seja, as identidades não seriam mais fixas. Elas seriam, hoje em dia, dispersadas e fragmentadas. Portanto, nessa dissertação nos voltamos para esse fenômeno bastante focalizado pelos Estudos Culturais quanto aos processos contemporâneos de deslocamento e fragmentação das identidades, mas focalizando sobretudo a identidade das mulheres e o que tem sido chamado de *feminilidade*. Assim, se as identidades estão sendo deslocadas, como ficariam as identidades da mulher e a feminilidade que, historicamente, nunca tiveram muito lugar, embora sempre se fizessem presentes no mundo?

Assim, esta pesquisa nasce em função de nossas inquietações a respeito da subjetividade da mulher nos dias de hoje. Embora a origem dessas inquietações não seja

o foco desta pesquisa, consideramos importante esclarecer, na Introdução, que elas advêm de uma experiência da pesquisadora como psicóloga no atendimento clínico prestado a mulheres; da própria convivência da pesquisadora em diferentes grupos de mulheres; de observações empíricas, a respeito de diferentes posições que as mulheres ocupam na sociedade e, certamente, da própria experiência da pesquisadora como mulher.

Contudo, por mais que tenham avançado bastante com relação a seus lugares e funções no mundo, hoje em dia as mulheres parecem ainda se encontrar atravessadas por um mal-estar, mobilizadas por uma insatisfação que não se aplaca. É comum ouvi-las dizer, por exemplo: “não sei por que as mulheres foram queimar sutiãs, a nossa carga de trabalho só aumentou.” Tal questionamento revela e explicita algo dessa insatisfação que parece não localizar-se especificamente em um único ponto. Percebemos que queixas dessa natureza parecem estar relacionadas com o fato de as mulheres, na atualidade, encontrarem-se acometidas por múltiplas tarefas, sempre divididas entre família-trabalho-filhos-trabalho-marido-trabalho-casa-trabalho e ainda por várias outras exigências que a sociedade impõe, em termos do que é ser uma mulher.

Esse tipo de situação e de impasse, apresentados nessas divisões e nessas exigências, levou-nos a questões acerca da subjetividade feminina na contemporaneidade: há uma turbulência que atravessa, inclusive de forma paroxística ou mesmo interrompida e inconclusa, os múltiplos modos de “ser mulher” hoje em dia. Como exemplo, há aquelas mulheres que se realizam profissionalmente e, em nome dessa “realização”, deixam de lado o casamento e os filhos. No que diz respeito aos cuidados e a “criação” dos filhos, verificamos que, muitas vezes, isso não acontece de forma unificada, mas por meio do que Giddens (2002) chamou de “sistemas peritos”, ou seja, coloca-se o filho em um professor para “fazer para-casa”, pois ele é especializado nisso; matricula-se em um curso de como “ser mãe” ou “ser avó” com especialistas na área. Nesse contexto, assiste-se a uma terceirização das atividades clássicas que identificavam o que era ser uma mulher e tampouco essas atividades, hoje, passam a ser exercidas exclusivamente por mulheres.

A sociedade, da modernidade até a contemporaneidade, vem passando por mudanças e transformações bastante contundentes, tal como poderemos verificar e ressaltar em Hall (1991), Bauman (2005), Giddens (1991), Lipovetsky (2011), Hardt e Negri (2014). Giddens(1991) questionará a respeito desse momento, e seus

questionamentos datam do final do século XX quando, segundo ele, a pós-modernidade ainda não havia chegado e estaríamos vivendo ainda uma “modernidade tardia”. O termo *modernidade* se apresentaria, então, em referência ao “estilo”, aos “costumes de vida” ou “organização social” herdados da sociedade pós-industrial. Então, estaríamos, no século XX, com a chegada de novas tecnologias, da globalização, etc. ainda vivendo em “estruturas modernas” e, por isso, ele se serve da expressão “modernidade tardia”. De forma diferente, Lipovetsky (2011) sustenta que esse conceito de pós-modernidade estaria ultrapassado e questiona tal noção de pós-modernidade, afirmando que ela se apresenta de forma “ambígua” e “desajeitada”, até mesmo “vaga”. Portanto, segundo Lipovetsky (2011), o conceito de pós-modernidade teria servido para ilustrar a década de 1980, mas não serve para ilustrar a nossa sociedade contemporânea que ele prefere denominar como sociedade “hipermoderna”, destacando que esse “hiper” tem a ver com o fato de haver, nesse novo modelo de sociedade, a marca de um excesso.

Com o advento da globalização, com mudanças na categoria espaço-tempo, as subjetividades estão sendo deslocadas e fragmentadas, e novas subjetividades estão surgindo. Hall (1991) faz essa referência em relação a identidades e atribui esse fenômeno ao processo de globalização que afeta o local e o global. Como efeito de migração, da diáspora e da absorção dessas identidades em outras sociedades, uma “tradução” vem acontecendo, ou seja, novas identidades são introduzidas ou passam a existir em novas sociedades, quando a cultura que cada um traz de seu país de origem ou de sua raça ao mesmo tempo absorve a cultura atual em que se vive, cada vez mais, de modo globalizado. Dessa forma, entra em cena o multiculturalismo.

Para Bhabha (2001, p. 85), as identidades, as subjetividades deveriam ser pensadas nos interstícios, na fenda desse multiculturalismo. Para exemplificar, esse autor comenta a teoria de Fanon (1986) que, em “Pele negra, máscara branca”, demonstra a duplicação como um problema que emerge do próprio conceito de identidade: há uma ambivalência do desejo (de uma identidade colonizada) pelo outro (colonizador), ou seja, o colonizado desejaria estar no lugar do colonizador. Essa “inscrição dupla” explicitaria a “diferença entre identidade pessoal como indicação de realidade” e a questão psicanalítica da identificação, que coloca o sujeito em questão, se impõe. Hall (1991), como citado anteriormente, propõe também que, ao invés de falarmos de identidades, deveríamos, hoje, falar de subjetividades, pois “as identidades são os pontos instáveis de identificação” (HALL, 1996, p. 67).

Fundamentados nesses autores, então, migraremos da identidade para a subjetividade, pois nos interessa saber, além daquilo que a identidade representava para a sociedade e das questões políticas apresentadas na discussão das identidades, como a subjetividade contemporânea se estrutura e de como esta última é perpassada hoje pelo que Miller (2005) tem chamado de “feminização do mundo”. Por isso, além das referências encontradas no campo dos Estudos Culturais, esta pesquisa pretende detectar o que é hoje a subjetividade e a feminilidade, valendo-se da psicanálise de orientação lacaniana e trabalhando em uma possível interface dela com os Estudos Culturais.

Bhabha (2001, p. 72), citando Freud, faz ecoar a pergunta clássica sobre a mulher – “o que quer a mulher?” – para tematizar o homem negro colonizado: “o que deseja o homem negro colonizado?”. Ao desenvolver essa discussão, Bhabha (2001) inclui “o olhar branco do negro”. Isso muito nos faz pensar no “olhar homem da mulher”, ou seja, seguindo esse raciocínio, podemos pensar que a mulher se vê pelos olhos dos homens, de uma sociedade que ainda é patriarcal. Tomando isso como referência, interessa-nos saber se, na contemporaneidade, a mulher ainda se vê, ou seja, se representa pelo “olhar homem”.

Autores como Lipovetsky (2011), Hardt e Negri (2014) também pensam a contemporaneidade apontando suas diferenças fundamentais com relação à modernidade. Lipovetsky (2011) entende que a pós-modernidade foi um período curto, justamente dos anos de 1990 a 2000. Estaríamos, portanto, na hipermodernidade e, nesse sentido, uma divisão binária como a demarcada, na modernidade, entre opostos, tais como, negro-branco, homem-mulher já não seria, na hipermodernidade, o que funcionaria no mundo contemporâneo. A hipermodernidade inclui os opostos e faz tudo circular num movimento de inclusão e não mais de exclusão, de oposição. A hipermodernidade se apresenta como um sem limites, sem bordas, numa lógica bem diferente da lógica que imperava na modernidade, e nesse contexto, para pensarmos a mulher contemporânea, teremos que pensa-la numa outra lógica, diferente da modernidade. Essas questões serão melhor discutidas no primeiro capítulo, intitulado “A subjetividade contemporânea”. Em seguida, procuraremos explicitar algumas referências empíricas dessas questões através de uma análise documental que será realizada no segundo capítulo que, por sua vez, se intitula: “A representação da mulher na modernidade e na contemporaneidade”.

Segundo Cellard (2012, p. 296), a história social estaria privilegiando, na atualidade uma abordagem globalizante em relação ao que é considerado documento.

Para esse autor, a noção de documento teria sido ampliada e de fato, “tudo que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte [...]’”. Também é importante citar Castells (1999), que afirma que a imprensa produziria seus artigos, suas reportagens, reproduzindo um momento histórico. Então, fundamentados nesses autores, a nossa pesquisa privilegiará, no segundo capítulo, a representação da mulher e da feminilidade na modernidade e na contemporaneidade utilizando duas publicações. Uma referente à modernidade é o almanaque *Eu sei tudo* e outra, representando a sociedade contemporânea – a revista *Marie Claire*. Acreditamos que artigos extraídos dessas publicações podem ilustrar um contexto sócio histórico que nos permitirá verificar empiricamente as mudanças apontadas no primeiro capítulo sobre “a subjetividade contemporânea”, o deslocamento das identidades, a identidade da mulher fixada em certos padrões e os modelos de representação feminina articulados a identidades mais fluidas.

A nossa hipótese é que no momento em que as mulheres passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho e tiveram destaque para além das atividades propriamente domésticas, estaríamos frente a algo novo em termos de representação da mulher e, assim, experimentaríamos certo deslocamento da identidade da mulher. Através do percurso por matérias de *Eu sei tudo* e *Marie Claire*, procuraremos então evidenciar, no segundo capítulo, empiricamente, alguns aspectos que trabalhamos conceitualmente no primeiro capítulo. O segundo capítulo desta dissertação se apresenta inicialmente, portanto, como uma pesquisa empírica de cunho qualitativo, com relação a exemplares difundidos nas décadas 1940 e 1950 do almanaque *Eu sei tudo*. Escolhemos essas duas décadas porque, segundo se evidenciou no primeiro capítulo, elas são decisivas para o que se apresenta como “modernidade” e comportam dados importantes com relação às representações do que é “feminilidade” ou mesmo “subjetividade feminina”. Essa pesquisa empírica de cunho quantitativo e qualitativo prossegue com a análise que procuraremos fazer de algumas matérias da revista *Marie Claire* para, sempre no segundo capítulo, delinear algumas representações femininas difundidas na contemporaneidade e cotejá-las com o que se apresentava, na modernidade, através das páginas de *Eu sei tudo*.

Bauman (2005) se refere à atualidade como tomada por uma “liquidez”: o mundo é líquido, assim como o amor, a sociedade, a vida. Desde a modernidade, estaríamos vivendo a liquidez, pois aqueles valores sólidos que orientavam a modernidade acabam demonstrando como não sendo tão sólidos assim. Nessa

“sociedade líquida”, a globalização tem um grande efeito segregador, não se faz como igual para todos e aqueles que têm “uma mobilidade” entre diferentes lugares são considerados a nova elite, pois circulam e têm acesso aos novos equipamentos e às novas tecnologias, compondo identidades híbridas e gerando, portanto, uma “cultura híbrida”. Hardt e Negri (2014) também abordam, ainda que não exatamente nos mesmos termos, essa liquidez, essa fluidez em que vivemos na atualidade. Eles sustentam que novas subjetividades já nasceriam engendradas por esse sistema múltiplo, diversificado e global.

Nossa hipótese, nesta dissertação, é de que essa fluidez, essa multiplicidade, essa labilidade das fronteiras que caracterizam a cultura contemporânea também ecoam o modo plural, diversificado e enigmático com que, na psicanálise de orientação lacaniana, a feminilidade tem sido abordada. Nesse contexto, também tomado pelo “empoderamento” das mulheres, pareceu-nos oportuno investigar o que Miller (2005) pôde designar como “feminização do mundo”. Dessa forma, no terceiro capítulo desta dissertação, procuraremos esclarecer o que essa expressão procura interpretar. Dessa forma, parece-nos que, ao falarmos a respeito de constituição de subjetividades em um mundo tomado pela “feminização”, poderemos considerar que seja possível estabelecer as seguintes relações: entre o capitalismo de consumo e a fragmentação contemporânea das identidades e subjetividades; entre o “Outro que não existe” e a “feminização do mundo”. Elucidar tais relações irá possibilitar-nos averiguar como se processam as articulações entre a “subjetividade contemporânea” e a “feminilidade”, favorecendo as conclusões que poderemos apresentar nas considerações finais desta dissertação.

2 A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo, discute-se a subjetividade contemporânea, os conceitos de identidade e de globalização, como as novas subjetividades são marcadas pela liquidez, pela fluidez e pelo movimento. Também é averiguado se as chamadas “identidades híbridas” caracterizam a “subjetividade contemporânea”.

2.1 Identidade e globalização

Segundo Hall (2001) tem-se problematizado muito a respeito do conceito de identidade no âmbito dos estudos sociais, considerando especialmente a “crise de identidade” que permeia o mundo contemporâneo. Argumenta-se que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui, visto como um sujeito unificado” (HALL, 2001, p. 7), as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou fragmentadas, colocando as identidades, no nosso mundo, em uma constante e intensa “crise”.

A “crise das identidades” pode e deve ser localizada historicamente, na medida em que Hall (2016), por exemplo, demarca a historicidade dos sistemas de representação de gênero, de grupo, de instituição, de família e de etnia, ao mesmo tempo em que demonstra como as identidades estariam fundadas em uma memória que unifica e tende à homogeneização e à unidade chegando até, paradoxalmente, em muitos

contextos, em função desse tipo de padronização, a se apresentarem como a-históricas. Para Bhabha (2001, p. 239), essa “crise das identidades” é ressaltada também pelos confrontos dos “discursos das ‘minorias’” frente aos “discursos da modernidade” ideologicamente articulados para dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às diferentes histórias das nações, raças, comunidades e povos. Nesse contexto, estaríamos sendo afetados, na contemporaneidade, por uma crise generalizada das concepções construídas e cristalizadas da modernidade. Essa “crise” provocaria uma descentralização dos conceitos modernos que não mais responderiam ao fluxo contínuo das diferentes culturas e de seus participantes em nosso mundo. Esta “crise das identidades” implicaria, portanto, novas perspectivas de interpretação e colocar-nos-ia diante de novas temporalidades para refletirmos e encontrarmos as “fronteiras” onde novas e, muitas vezes, fluidas identidades se apresentam.

Para Bhabha, as “fronteiras” onde poderíamos localizar mais claramente essa “crise”, em praticamente todos os cenários da atualidade, seriam historicamente definidas nos confrontos das diferentes perspectivas pós-coloniais contra o que se definia como “normalidade”:

As perspectivas pós-coloniais intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas das nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade (BHABHA, 2001, p. 239).

A urgência, tão comum aos nossos tempos, por algo “novo” também deflagra uma crise na herança recebida e a modernidade, nesse sentido, não mais responderia às formas e manifestações das identidades atuais. Para Bhabha (2001), os discursos ideológicos que configuraram, por exemplo, as narrativas modernas seriam ainda uma forma de legitimar o processo de colonização e de dominação fundamentado nas diferenças, sobretudo raciais, hierarquizando-as como justificativa de um processo civilizatório. Daí, a importância que o autor confere ao pós-colonialismo¹ e à experiência de descolonização que ele procura destacar: as narrativas pós-coloniais

¹ Segundo Hall (2001), “pós-colonial” e outros termos que lhe são derivados não se restringem a um modelo específico de sociedade, nem a uma época em particular. Trata-se de uma releitura da colonização como parte de um processo global, considerando fundamentalmente a sua característica transnacional e transcultural.

denunciariam as crueldades do colonialismo, evidenciando a diáspora e as relações de poder entre colonizados e colonizadores. Porém, é importante lembrarmos que, para Bhabha (2001), esses confrontos não pautam pura e simplesmente nos termos de definições estanques sobre a identidade do colonizador e a identidade do colonizado, pois essa seria uma forma maniqueísta de abordar a “crise das identidades” no mundo contemporâneo, onde as relações entre colonizador e colonizado, dominador e dominado não seriam mais tão homogêneas, demarcadas e evidentes, mas repletas de contradições e ambivalências que, por sua vez, nos demonstrariam a complexidade de tal “crise”.

Embora muitas categorias advindas da modernidade e definidoras de identidade sejam diferentes hoje em dia, existem discursos orientados por uma ideologia que, no mundo contemporâneo, ainda se “relaciona com o poder, que regula condutas, inventa e constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados” (HALL, 2016, p. 27). Dessa forma, em nossa atualidade permeada pela “crise das identidades”, insistem e se multiplicam diversos meios para controlar, organizar e ordenar a vida e a experiência das diferentes nações, raças, comunidades e povos. Nesse contexto, é importante averiguar a articulação entre o capitalismo de consumo e as novas tecnologias de informação advindas do processo de globalização, sobretudo em suas consequências sobre o que chamaremos, nesta dissertação, de “subjetividade contemporânea”, considerando a transição da modernidade para o que tem sido designado como “pós-modernidade”, no final do século XX.

Com relação a este termo – “pós-modernidade” – e considerando os propósitos desta dissertação, o tomaremos mais em uma perspectiva histórica e dos costumes que propriamente conceitual. Assim, segundo Giddens (1991), a modernidade teria sido um estilo de vida, de organização social e institucional surgida na Europa no século XVII com impactos e influências em grande parte do mundo e, por sua vez, poderíamos entender a pós-modernidade como o que aparece com o deslocamento de um sistema baseado na manufatura de bens materiais para outro centrado na tecnologia da informação. Nesse deslocamento, experimentaríamos uma radicalização das transformações promovidas pela modernidade e até mesmo uma grande perturbação com relação ao que já estava estabelecido como moderno e passaríamos a “perceber os contornos de uma nova ordem e diferente, que é ‘pós-moderna’”, ainda que isso não significa dizer que estaríamos plenamente na “pós-modernidade” (GIDDENS, 1991, p.

9). Segundo Giddens (1991, p. 9), para delinear o que seria este momento da sociedade que se desloca do que se consolidou como “modernidade”, uma “estonteante variedade de termos” tem sido utilizada: “pós-modernismo”, “pós-modernidade”, “sociedade pós-industrial”, “pós-colonialismo” ou mesmo “modernidade tardia”.

Por sua vez, Lipovetsky afirma que “a noção de pós-modernidade fez sua entrada no palco intelectual com o fim de qualificar o novo estado cultural das sociedades desenvolvidas” (LIPOVETSKY, 2011, p. 51). Essa noção, segundo esse autor, refere-se, então, ao abalo dos “alicerces absolutos” da racionalidade herdada da modernidade, quando estávamos diante da supremacia do individual e da pluralização de tudo. Seriam três as condições da modernidade que impactam a sociedade atual que Lipovetsky (2011) prefere qualificar como “hipermoderna”: o individualismo, o mercado e a tecnologia. Assim, nos nossos dias, essas condições se apresentam de formas ainda mais extremadas, como o individualismo hedonista, a globalização e uma tecnologia cuja sofisticação chega aos limites de clonagem. Teríamos, com este “período pós-moderno”, o “advento de uma temporalidade social inédita, marcada pela primazia do aqui-agora” (LIPOVETSKY, 2011, p. 51) e, ao invés de adotar a noção de pós-modernidade que lhe parece, de alguma forma, “ambígua”, “desajeitada”, até mesmo “vaga”, Lipovetsky prefere sustentar que nossa contemporaneidade é “hipermoderna” para, com esse prefixo “hiper-“, ressaltar o excesso característico dos nossos tempos.

Entre as consequências, para o que trabalharemos aqui como “subjetividade contemporânea”, dessa “nova ordem mundial” que é inaugurada com a intensificação da tecnologia da informação no mundo, destacamos uma mudança fundamental e que impacta nosso tempo, alterando significativamente noções como “classe”, “gênero”, “sexualidade”, “etnia”, “raça”, entre tantas outras que forneciam aos participantes de nossas culturas localizações mais sólidas que, agora, entretanto se fragmentam. Dessa forma, de acordo com Bhabha (2001), entra em cena o multiculturalismo e a diversificação das fronteiras, e com isso, as identidades, as subjetividades precisam ser tematizadas nos interstícios, nas fronteiras, no encontro, por exemplo, entre diferentes culturas. A concepção de uma identidade original, pura, essencialista e fixa que nos daria a impressão de sermos literalmente indivíduos, ou seja, não-divididos – indivíduos – está vacilando. Nesse contexto, Hall (1996) propõe que, ao invés de falarmos de identidades, deveríamos, hoje, falar de *subjetividades* porque, neste mundo onde as

identidades estão em crise, “as identidades são os pontos instáveis de identificação” (HALL, 1996, p. 67).

Por isso, nesta dissertação, pareceu-nos importante procurar investigar a “subjetividade contemporânea” a partir do que se propaga a partir das mulheres e de um acontecimento que, como veremos sobretudo no capítulo 4, tem sido apontado pela psicanálise de orientação lacaniana como a “feminização do mundo²”. Afinal, já para Freud (1905,1923, 1924, 1931,1935) era impossível delimitar precisamente o que caracterizariam as mulheres em termos de “identidade” e de “desejo” e esse tipo de *imprecisão* ou de *fluides* com relação à “feminilidade” não deixa de se fazer presente, para além da minoria representada ainda social e culturalmente pelas mulheres, na “crise de identidade” que permeia a “subjetividade contemporânea”.

Verificamos a todo tempo o quanto as identidades, no mundo contemporâneo, não são mais construídas a partir de bases fixas, tradicionais e dão muito mais lugar a subjetividades relacionadas ao que Bhabha (2001) e Hall (2001) também apresentam como uma descentralização do sujeito da razão moderna³. Mais especificamente, Hall (2001) caracteriza essa descentralização como uma perda de “sentido de si”, explicitando-a como um duplo deslocamento: uma descentração de cada um com relação a “si mesmo” e de seu lugar sociocultural, constituindo, dessa forma, o que já citamos aqui como “crise de identidade”. Ele se serve da concepção de sujeito “centrado” presente nos discursos e práticas que moldaram a sociedade moderna, ou seja, da concepção racionalista do sujeito para evidenciá-la como ordenadora de uma identidade fixa, integral, originária e unificada, que expressa a cultura e o pensamento prevalente dessa época. Por sua vez, na sociedade contemporânea, as identidades são cada vez mais fragmentadas, fraturadas, contraditórias e abertas, sem qualquer referência a um segmento do eu que permaneceria como “idêntico” ou “o mesmo” ao longo da história e da vida.

² Jacques Allan- Miller conceitua a “feminização do mundo” em seu livro *El outro que no existe y sus comités de ética*, (2005, p. 107), como um fenômeno advindo da queda dos ideais patriarcais e a ascensão do objeto *a* ao Zênite social. Isso apontaria para uma “nova ordem” e um novo *modus operandi* da sociedade incidindo na subjetividades, como veremos no capítulo “A feminização do mundo”.

³ Na pré-modernidade o sujeito era pensado como divinamente estabelecido, a ordem secular e divina das coisas predominava sobre cada um em sua particularidade. A concepção racionalista descentra essa concepção, e o sujeito passa a estar no centro como sujeito soberano e da razão. Concebido por Descartes, esse pensamento foi dominante na modernidade. Para Hall (2001, p. 25) esse foi “o motor que colocou todo o sistema social” em movimento, da modernidade.

Nesse sentido, as identidades passam a se formar e se dissolver cada vez mais de acordo com práticas ligadas à cultura e, como afirma Hall (2001), a crise que lhes afeta na contemporaneidade faz parte de um processo de mudança relacionado à globalização. Então, o que tem sido observado é que estruturas e processos considerados centrais, como o Estado-nação, estão se deslocando e, em consequência estão fazendo vacilar quadros de referências que, antes, estabilizavam os indivíduos no mundo social. Precisamente, a partir da fragmentação desses quadros de referência, Canclini (2000) sustentará que vivemos uma “cultura de fronteira”:

Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento (CANCLINI, 2000, p. 348).

Também podemos dizer que a “crise de identidade” e a disseminação de “fronteiras” no mundo vão se tornar ainda mais incisivas com o processo que é designado como *globalização*. De fato, este termo já aparece após a Segunda Guerra Mundial, referindo-se a um pacto mundial, sob a forma de acordos comerciais e diplomáticos, que tentavam aproximar as nações em benefício da humanidade que, por sua vez, seria pensada como uma “aldeia globalizada” (HALL, 2001). Logo, a globalização não é um fenômeno que acontece de forma recente e ela vem, há muito tempo, descentrando o sujeito, deslocando e fragmentando as experiências de se ter, perder e ganhar identidades. Giddens (1991, p. 60) afirma que a “modernidade é inerentemente globalizante”. Nessa perspectiva, a globalização já se coloca como uma característica essencial, constitutiva e fundamental da modernidade.

Portanto, as mudanças posteriores à Revolução Industrial, que têm como características o dinamismo e a velocidade nunca experimentados pelas sociedades anteriores à modernidade, representam descontinuidades com a cultura e modos de vida pré-modernos. A importância de aprofundarmos nosso entendimento sobre o que é a globalização tem a ver com a intensificação de seus efeitos, para além do mundo moderno e industrial, na sociedade contemporânea, transformando não só o modo de produção capitalista, como também as identidades e as subjetividades.

Segundo Giddens (1991), as consequências da modernidade, tais como o dinamismo da sociedade e o escopo globalizante, estão se tornando cada vez mais

universalizados e radicalizados, possibilitando a emergência de uma nova e diferente ordem que, muitas vezes, é considerada como pós-moderna. Aqui, interessa-nos mais destacar, juntamente com esse autor, como essa transformação globalizada do nosso mundo se faz a partir de três aspectos: a *separação entre tempo e espaço*, o *desencaixe das instituições sociais* e a *reflexividade institucional*.

A *separação entre tempo e espaço* é fundamental para o dinamismo apresentado socialmente pela modernidade e, como veremos um pouco mais adiante, é a principal condição para o mecanismo de *desencaixe das instituições*. Estas, uma vez desencaixadas, dilatam o distanciamento do tempo e do espaço, abrindo uma gama de possibilidades de mudanças quanto às restrições e práticas locais. A separação do tempo e do espaço também proporciona meios de diferenciação da vida social moderna que, embora composta por organizações com qualidades estáticas, possui um dinamismo que se encontrava ausente nas instituições pré-modernas, sendo capazes de conectar o global com o local.

Em contraste com as sociedades pré-modernas, cujo espaço e tempo coincidiam na vida social em termos de presença em atividades localizadas, na modernidade, o espaço é arrancado do tempo, por meio de relações entre “ausentes” ou distantes do local. Dessa forma, argumenta Giddens (1991), o local se torna *fantasmagórico*, isto é, penetrado e moldado por influências sociais que lhe são distantes. A ligação que existe entre eles e como são vinculados de forma a organizar a presença e a ausência conduzem a complexas relações existentes entre os envolvimento locais e a interação através da distância.

A humanidade que se configura na sociedade contemporânea vive uma relação diferente com o tempo e o espaço. Aparece um distanciamento tempo-espaço denominado *desencaixe* e que, na atualidade, é maior do que em períodos anteriores. O fato de o tempo não mais depender de ocorrências externas ou naturais e do espaço não estar mais vinculado a lugar algum transformou radicalmente a natureza das relações sociais e do próprio senso de organização social e, como consequência, há o *desencaixe das instituições sociais*.

Portanto, o *desencaixe das instituições*, para Giddens (1991, p. 24), se refere justamente ao “‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de sua interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”. A globalização, nesse contexto, pode ser definida como a intensificação das relações

sociais em escala mundial conectando o local com o global, em diferentes regiões e contextos sociais no mundo:

A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores – tais como dinheiro mundial e mercados de bens – operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão. O resultado não é necessariamente, ou mesmo usualmente, um conjunto generalizado de mudanças atuando numa direção uniforme, mas consiste em tendências mutuamente opostas. (GIDDENS, 1991, p. 61).

A respeito dessa condição do processo de desencaixe nas relações de presença e ausência, Giddens (1991) nos mostra como o global, incidindo nas cidades e afetando o local, libera algumas restrições, modifica hábitos e práticas locais. Com a globalização da informação, as subjetividades parecem começar a ter acesso a culturas diferentes, e isso incide sobre as vivências locais de bairro, vizinhança e, assim, abre-se a possibilidade de uma reorganização social através dessa extensão indefinida de tempo e espaço. Uma hibridização da cultura toma a cena do mundo e, com isso, o multiculturalismo começaria a emergir, valendo-se dessa reorganização extensional advinda do contato com outras formas de cultura, vida, arte, religiões, etc. Portanto, o multiculturalismo não se caracteriza pela sua uniformidade, nem por um padrão. Muito pelo contrário, como nos explica Canclini (2000), ele diria respeito a uma pluralidade, misturando relações hegemônicas e subalternas, tradicionais e modernas, o culto, o popular e a cultura de massa. A atualidade estaria tomada por essas forças que, por vezes, apresentam-se de forma contraditória, ambígua e até mesmo opostas.

Outro aspecto que verificamos a partir da citação acima de Giddens (1991) é o mecanismo de funcionamento do desencaixe. De fato, são dois tipos de mecanismos de desencaixe envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas: a criação das “fichas simbólicas”, como o dinheiro e o cartão de crédito; o estabelecimento de “sistemas peritos”, que são os “sistemas” de excelência técnica ou competência profissional, que organizam as grandes áreas em que vivemos, os ambientes materiais e sociais. Por exemplo, advogados, médicos, psicólogo, etc., segundo Giddens (1991), atuam diretamente na vida privada das subjetividades como “sistemas peritos”, relacionados a tal excelência/competência técnico-profissional. Por

sua vez, as formas como lidamos com o dinheiro, os serviços *on-line* e toda a tecnologia de informação teria mais a ver com os “sistemas de fichas simbólicas”. Para que esses dois mecanismos funcionem, é necessária a “confiança nas relações” e ambos operam num distanciamento entre o tempo e o espaço.

Essa separação espaço-tempo tem efeitos sobre a identidade porque “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos.” (HALL, 2001, p. 71). Portanto, a separação das relações espaço-tempo tem consequências no interior das diferentes representações, inclusive de acordo com o modo como são localizadas e experimentadas. Hall (2001) pensa o lugar como específico, concreto, delimitado, familiar, conhecido e, portanto, fixo. É nele que criamos nossas raízes, é o ponto de referência para as práticas sociais acontecerem, práticas que se relacionam com nossas identidades e que procuram nos moldar culturalmente. O espaço também, segundo Hall (2001), pode ser “cruzado”: por um avião, um fax, um satélite. Então, o espaço e o tempo configuram-se como coordenadas básicas de todos os sistemas de representação: escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização por meio da arte ou das telecomunicações, etc.

Bhabha (2001) compreende que a linguagem, o tempo e o espaço entrelaçam-se nas descontinuidades, desigualdades e minorias, provocando uma energia inquieta e revisionista no “tempo do agora”. Nesse sentido, ele aponta que “o presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica” (BHABHA, 2001, p. 23). Esse movimento exige da cultura um *trabalho fronteiro* em direção ao novo como “ato insurgente de tradição cultural” (BHABHA, 2001, p. 27) que, então, “renova o passado, reconfigurando-o como um “*entre-lugar*” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente”.

Assim, as culturas tiveram que lidar com o tempo e com os modos de situar-se espacialmente, configurando-se diferentes sentidos de futuro, passado e presente. A sociedade contemporânea, portanto, se caracteriza por um ritmo mais rápido da mudança social que afeta, mais radicalmente, os comportamentos e práticas daqueles que dela participam. Nessa prática sociais, nesse corpo social, parece-nos possível verificar o surgimento de uma nova ordem flexível e fluida, que vem substituir a fixidez.

Segundo Giddens (1991, p. 10), os “modos de vida” são deslocados em seu “plano extensional” que estabelece a interconexão global e, em sua intencionalidade,

agem exatamente alterando as características individuais e sociais. Essas mudanças radicais tornam-se, por sua vez, cada vez mais universais. Agindo em conjunto, os mecanismos de desencaixe e a separação do espaço e do tempo afastam, portanto, o indivíduo e a vida social de códigos e práticas preestabelecidos e isso tem a ver com o fato de que as influências sociais são cada vez mais globalizadas.

Para exemplificar esse aspecto apontado por Giddens (1991), podemos pensar em uma feira de artesanato local: onde antes tínhamos, em sua maioria, artesãos vendendo seus próprios produtos (feitos por eles próprios), hoje encontramos produtos padronizados (“made in China”, por exemplo), sem a marca que define o artesão. O “saber fazer” advindo da tradição perde o seu valor, operando-se, assim, uma separação com o que se fazia antes.

De modo semelhante, circunscrevendo a experiência em termos individuais, podemos perceber uma mudança na relação de confiança: “Não precisamos confiar em alguém que está constantemente à vista e cujas atividades podem ser diretamente monitoradas.” (GIDDENS, 2002, p. 25). Entretanto, precisamos estabelecer relações de confiança para utilizarmos os serviços de compra *on-line*. Esse é o sistema perito atuando. Verificamos assim que se antes, na modernidade, tínhamos a confiança no Estado, hoje em dia essa confiança parece estar sendo substituída, pouco a pouco, para os “sistemas peritos” e para as “fichas simbólicas”. Nesse contexto, surge a *reflexividade* que, assim como a separação do espaço e do tempo e os mecanismos de desencaixe, representa a terceira influência sobre o dinamismo das instituições modernas. Então, a reflexividade pensada em termos institucionais, envolve a confiança que se encontra na “base de muitas decisões cotidianas que tomamos na orientação de nossas atividades” (GIDDENS, 2002, p. 25) e diz respeito ao “uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação.” (GIDDENS, 2002, p. 26).

Bauman (1998) também tece reflexões sobre a globalização. Ele a problematiza não apenas pelo ponto de vista econômico, mas, fundamentalmente, sobre seus efeitos na vida quotidiana de homens e mulheres. Para ele, a globalização é o ponto de partida para a sociedade contemporânea, caracterizada pela interconectividade em uma escala planetária. A globalização é o destino do mundo cujo processo se constitui de forma irreversível e afeta a todos, na medida em que todos estamos sendo “globalizados”. Isso inclui, necessariamente, a reflexão sobre as categorias espaço-

tempo, que estão diretamente relacionadas com os efeitos, nos homens e nas mulheres, experimentados em termos de estabilidade e de flexibilidade.

As categorias espaço-tempo, segundo Bauman (1998), são historicamente mutáveis e se relacionam com a organização social. O modo de produção e a organização humana influenciam, de forma específica, a percepção e a forma de experimentar o tempo e o espaço. Então, o direcionamento dado ao uso e desenvolvimento de tecnologias da informação, os modos de produção, os meios de transporte, comércio e finanças e as relações em sociedade têm efeitos nos modos como experimentamos o tempo e o espaço, assim como nos modos como percebemos a realidade e a vida.

Para Bauman (1998) a “modernidade líquida” constitui a globalização como forma de mudança radical que começou por afetar as estruturas tomadas pelas relações entre o Estado e a subjetividade coletiva, bem como as condições de trabalho, a produção cultural e a vida quotidiana de homens e mulheres e as relações entre o eu e o outro. Na “modernidade líquida” é cada vez mais difícil sustentar a existência de fronteiras geográficas. A distância deixa de ser um dado objetivo (impessoal e físico) e torna-se um produto social, pois há uma variação em sua extensão e isso depende de fatores como a velocidade e o aspecto econômico. Há, ainda, uma relação entre o acesso às novas tecnologias e a dimensão econômica.

A “modernidade líquida” (ou a globalização), para Bauman (2005), deve ser vista como um processo que interfere na concepção da identidade. Na atualidade, a identidade se afirma justamente *em movimento*. Isso significa que, por um lado, as identidades não têm mais o Estado (suposta durabilidade) como referência, e por outro lado, tem-se livre acesso a muitas outras expressões de identidade, prontas para serem usadas. Segundo Charles (2011), essa seria a lógica do individualismo apontada por Lipovetsky (2011), como uma lógica hipermoderna que valoriza ao mesmo tempo a autonomia e aumenta a independência. Entretanto, essa mesma lógica pode produzir uma desagregação. Na medida em que não teríamos um suposto controle, externo à própria subjetividade, esse fenômeno poderia deslizar de uma tomada de responsabilidade para um desregramento, o que caracterizaria um paradoxo, pois “os indivíduos, em contexto pós-disciplinar, têm a opção de assumir as responsabilidades ou não, de autocontrolar-se ou deixar-se levar” (CHARLES, 2011, p. 21).

A “modernidade líquida” também é a era do consumo e é nesse sentido que as identidades encontram-se dispostas como se fossem produtos. Uma vez fluidas e

efêmeras, também são facilmente sugestionáveis e influenciáveis: há, segundo Bauman (2005), muitas outras expressões de identidade. Muda-se de identidade conforme as tendências da época, que são várias e podem até acontecer ao mesmo tempo: *rock, hip-hop, punk, gótico, funk*, etc. A atenção deve ser para qual é a tendência, corroborando a velocidade e o movimento de se mudar de identidade todo o tempo. Nesse sentido, a internet, as redes sociais, ou seja, as novas mídias acabam por servir de vitrines privilegiadas para identidade que se afirma *em movimento* e de modo sempre *cambiante, fluido*.

Segundo Bauman (2005), o Estado – que representava um poder que protegia e garantia os direitos da sociedade civil e, portanto, as identidades – deixa de ser essa referência. Então, o fato de as identidades não serem mais fixas também se relaciona com a essa fragilidade frente a tal ausência de proteção e garantia. Soma-se ainda, a esses aspectos, uma sensação de insegurança que a própria flexibilidade tem provocado na sociedade. Nesse sentido, Bauman (1998) parece-nos sustentar que as mudanças nas categorias espaço-tempo tem efeitos nas subjetividades permeadas por conflitos entre estabilidade e instabilidade, fixidez e flexibilidade, conflitos estes que aumentam a ansiedade dos agentes na vida moderna. Afinal, torna-se muito mais difícil hoje em dia escapar da fragilidade da identidade, e isso nos perturba:

Atualmente, é mais difícil esconder essa verdade do que no início da era moderna. As forças mais determinadas a ocultá-la perderam o interesse, retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para nós, homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente. (BAUMAN, 2005, p. 22).

Bauman (2005) se refere, então, a forças mais determinadas a ocultar a verdade relacionada, precisamente, à fragilidade da identidade antes vivida como fixa e orientada por valores creditados, por exemplo, ao Estado, como referências simbólicas. Para esse autor, então, globalização e abalo da identidade são fenômenos estreitamente relacionados. A globalização implica também que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com as diferenças das nações. Então, segundo Bauman (2005), os *estados* pré-modernos determinavam o nascimento das

identidades por *classes* (sociais) e isso, de certa forma, limitava o questionamento de identidades: “pelos classes, as identidades se tornaram tarefas que os indivíduos tinham de desempenhar [...] por meio de suas biografias” (BAUMAN, 2005, p. 55).

Bauman (2005), servindo de Sartre, sustenta que, para ser burguês, é preciso viver uma vida como burguês, não basta ter nascido assim. Desse modo, era ainda necessário provar, pelas suas atitudes, que se era um burguês, fazendo parte da classe burguesa, experimentando-a como uma formação social, evidenciando sua identidade e sua forma de vida, durante a era moderna. Temos, nesse exemplo, uma demonstração do pensamento de uma época, da percepção sobre a identidade através do tempo, datada historicamente em sua relação com a vida social. A identidade também, naquelas circunstâncias, concedia-nos uma localização social, ou seja, um espaço que ocupávamos na sociedade.

As ideias de Bauman (1998) sobre a compressão tempo-espaço estão, também, relacionadas com os processos globalizadores. Os usos do espaço e do tempo são tanto diferenciados quanto diferenciadores e, juntamente com os negócios, as finanças, o comércio e o fluxo de informações, passam a problematizar a fixação do espaço e do tempo, inclusive para se demarcar e diferenciar o que é global e o que é local. Isso significa que a globalização divide o mundo ao mesmo tempo em que une, realiza inclusões ao mesmo tempo que estabelece exclusões.

Tal como Hall (2001), Bauman (1998) assinala e insiste na tensão existente entre o local e o global, demarcando o valor que as diferenças assumem no processo de globalização. Ambos os autores concordam que, embora a globalização pretenda ser para todos, ela não acontece de forma equânime. Pertencer a uma localidade e ser local em um mundo cada vez mais globalizado caracteriza privação, degradação social e segregação espacial, ou seja, separação e exclusão. Nesse sentido, para aqueles que têm acesso à mobilidade, a globalização pode ser percebida como liberdade e, para aqueles cujo acesso se impõe de forma mais restrita, a globalização pode revelar um fator de estratificação social, marcando uma localização até mesmo indesejada. Logo, parece que Bauman (1998), ao afirmar que a globalização é a felicidade para alguns e a infelicidade para outros, refere-se ao efeito segregador da globalização.

Com essa tensão entre o local e o global, a mobilidade se torna um valor cobiçado na sociedade contemporânea. A liberdade de movimento se torna, dessa forma, uma mercadoria distribuída de forma desigual e a imobilidade, num mundo em permanente mudança, não é desejável. O movimento ou a falta dele se apresenta, para

Bauman (1998), como principal fator estratificador da sociedade contemporânea. Então, a identidade perde as suas referências tradicionais e fica deslocada. Cada vez mais se torna imperativo a necessidade de a identidade estar em movimento, pois apenas assim ela acompanha a sociedade que se apresenta cada vez mais globalizada e veloz.

Nesse sentido, a identidade não se apresenta mais pronta, ou dividida por classes, raça, religião e nação. Para Bauman (2005), pensar a identidade em termos de uma tarefa a ser desenvolvida ao longo da vida não deixa de ser um objetivo de vida, e essa atitude representaria um ato de libertação em relação a era pré-moderna, “libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis.” (BAUMAN, 2005, p. 56). Essa liberdade possibilita o surgimento da autoidentificação, que acontece concomitantemente à decomposição do modelo de identidade advindo das classes pré-modernas. Surge, ao mesmo tempo, com a modernidade, um sentimento de confiança em si mesmo e nos outros, apontando para certa substituição de referência dos valores simbólicos vigentes nas instituições tradicionais.

Como lembra Bauman (2005, p. 57), alguns observadores já teriam antecipado esse fenômeno, como Robert Musil, em *Diaries 1899-1941*, apontando que, no século XIX, essa confiança no Estado, já não tinha suas bases tão sólidas como se acreditava e que a sociedade já não funcionava tão bem assim. Naquela época, percebemos duas tendências fortemente implicadas: o deslocamento da responsabilidade de escolha para o indivíduo e a retirada de sinalizadores (que serviam como referências identificatórias). Essa duas tendências, fortalecidas no mundo contemporâneo, se fizeram ainda acompanhar de uma crescente indiferença dos poderes superiores em relação aos indivíduos e à natureza de sua vida social. Então, experimenta-se certa ausência do Estado na vida social e isso, associado ao processo de globalização, é também o que possibilita a transição de um modelo moderno de sociedade para outro “pós-moderno” e “líquido”. Portanto, na vida contemporânea, passa-se de uma era “sólida” para uma era líquida e, nesse contexto, a força determinante é a da “liquefação’ das estruturas e instituições sociais”. (BAUMAN, 2005, p. 57).

2.2. Liquidez, fluidez e movimento: características da sociedade contemporânea

Procurando evidenciar o que entende por “identidade” – termo importante para esta nossa pesquisa sobre a “subjetividade contemporânea” –, bem como os aspectos fluido e múltiplo com que a identidade se apresenta na atualidade, Bauman (2003) nos parece contrapor esse termo àquele de “comunidade”. Assim, “comunidade” seria uma espécie de outro nome para o “paraíso perdido”, designando um espaço onde os indivíduos se sentem seguros e protegidos, configurando-se como um lugar ao qual se espera retornar inclusive porque se refere a uma experiência que, na atualidade, não encontramos mais e que, possivelmente, existiu na pré-modernidade: viver em “um círculo aconchegante⁴”, dentro do qual a lealdade não é consequência de uma lógica social externa e econômica baseada em uma lógica do tipo custo-benefício. Em uma “comunidade” encontraríamos o entendimento compartilhado do tipo “natural” e “tácito”, de modo que os indivíduos, inseridos nesse contexto, não se questionam, não se perguntam a respeito do mundo em que vivem.

Mas, no momento em que esse tipo de pergunta e de questionamento se faz, por meio de comunicações que rompem a barreira e a fronteira entre o dentro e o fora, começa uma distinção entre nós e eles: a “comunidade” entra em colapso, já não agrega mais um coletivo em torno de uma experiência comum e, então, a *identidade* surge como uma possibilidade de se manter uma coesão entre ideias, sentidos, pertencimento a um grupo, evidenciando uma nostalgia por aquilo que deixou de ser... como se, pela *identidade*, tentássemos retornar ao “paraíso perdido” chamado “comunidade”. Por isso, Bauman (2003) afirma a identidade como substituta da “comunidade”, ou seja, do “lar supostamente natural” ou do “círculo aconchegante”, apresentando-se, ao modo de um contraponto, como mais relacionada ao que ele também chama de “modernidade líquida”: pela “identidade”, procuraríamos retornar a um lugar seguro, para nos protegermos dos paradoxos e impasses relativos à velocidade, à instabilidade e à fluidez característicos desse novo modelo da sociedade moderna e que nos dão insegurança e ansiedade.

Entretanto, nem *identidade* nem *comunidade* estão à nossa disposição na atualidade, marcada muito mais pela velocidade, pela privatização, pela individualização e pela globalização, embora o que designam esses termos sejam imaginados e desejados como abrigo e segurança. Aqui, interessa-nos tematizar mais a *identidade* por ser muito mais evocada que a *comunidade* nos debates sobre a

⁴ Conceito desenvolvido, segundo Bauman (2003), por Góran Rosenberg, em *La Nouvelle Lettre Internationale* (2000).

subjetividade contemporânea. Assim, mesmo que ela apareça como um substituto ao “paraíso perdido” ainda presente no conceito de *comunidade* e passe a ser almejada em nossos dias como uma solução para os deslocamentos e desenraizamentos próprios da nossa atualidade, é fundamental percebermos o quanto o conceito de *identidade* comporta uma série de paradoxos:

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (BAUMAN, 2003, p. 21).

Por conseguinte, *identidade*, para Bauman (2005), nasce como uma ficção da modernidade e procura, incluindo as tensões próprias do mundo atual, resgatar-nos um sentido de *comunidade* que existia na pré-modernidade. Por exemplo, a separação entre negócios e o lar foi um ato constitutivo do capitalismo moderno que, como consequência, separou os produtores de suas fontes de sobrevivência, libertando as ações voltadas para o lucro e para a sobrevivência dos laços morais e emocionais da família e da vizinhança, esvaziando essas ações de sentido (BAUMAN, 2003). Se, para o empresariado, essa separação representou um avanço de seus empreendimentos capitalistas, para os trabalhadores ela implicou uma expropriação, um desenraizamento e uma perda do uso de sua propriedade e do seu lar. É possível destacar, então, uma divisão que marca duas posições sociais claramente diferentes: para os empresários, a nova ordem significava o começo de uma expansão e de uma autoafirmação individual; para os trabalhadores que migraram de suas propriedades para o chão de fábrica, anunciava-se um deslocamento em suas relações de trabalho com impactos em suas vidas.

Portanto, para os trabalhadores urbanos advindos do meio rural, se a vida no campo representava uma vida adversa, a mudança para a cidade era tão ou mais adversa quanto a vida no campo. Há um esforço para que o ritmo outrora regulado pela tradição, pela natureza e pela lavoura fosse substituído por um ritmo moderno, caracterizado pelo

chão de fábrica, resgatando o sentido de *comunidade* na nova ordem mundial pela perspectiva da *identidade* para que se possa enfrentar a diferença de posições na nova ordem social. Nesse contexto, não deixa de se impor a segregação relativa a determinadas posições sociais: a divisão social presente na passagem da pré-modernidade para a modernidade pressupõe “a premonição ou a aceitação tácita de uma relação social desigual e assimétrica – a divisão entre os atores e os receptores, ou objetos da ação, entre agir e sofrer o impacto da ação; entre os gerentes e os gerenciados, os instruídos e os ignorantes, os refinados e os grosseiros.” (BAUMAN, 2009a, p. 73). Logo, consideramos que a segregação, embora tenha se complexificado, advém de longa data e passa a ter consequências cada vez mais perturbadoras, com a globalização, na sociedade contemporânea.

Interessa-nos aqui averiguar como essa transformação ocorrida no início da vida moderna afeta o modo como a *identidade*, hoje, se apresenta como fluida e em crise, embora muitas vezes ela seja almejada para a composição da “subjetividade contemporânea”, servindo-lhe de localização, referência, orientação, mesmo quando se apresenta como múltipla, fluida e cambiante. Canclini (2000) irá nos apresentar, a partir de sua concepção de multiculturalismo, uma saída para tais contradições quando propõe, como referência para as identidades, justamente o multiculturalismo. Nessa perspectiva, trata-se de pensar a cultura como diferente de “única”, já não é mais “A cultura”, mas, sim, o que é *multicultural*, relacionado a culturas híbridas, a “cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (CANCLINI, 2000, p. 18).

Bauman (1998) e Canclini (2000) concordam quanto ao aspecto segregador advindo da globalização: na medida em que a globalização se impõe como uma nova ordem mundial, mesmo que as diferenças entre as classes sociais vigorem em novos contornos, as identidades já não são mais tão referidas à classe social de onde provém, elas se deslocam, tornam-se fluidas, permitindo que cada um, ao longo de sua vida, faça da identidade uma escolha e uma tarefa.

Nesse cenário de intensas transformações e de grande fluidez, *identidade* aparece como uma configuração da subjetividade contemporânea experimentada como sem parâmetro, sem lugar definido, fluida e cambiante:

A ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha

entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia- recriar a realidade à semelhança da ideia. (BAUMAN, 2005, p. 26)

A subjetividade contemporânea, então, é marcada por identidades fluidas e deslocadas, porque todos, hoje, ficam “compondo, decompondo e recompondo suas identidades” (BAUMAN, 2009a, p. 41). Dessa forma, para Bauman (2009a, p. 11), os modos como a noção de *identidade* forma, hoje, a subjetividade contemporânea implicam uma “tolerância à fragmentação”, “uma disposição de destruir o que já se fez”, “uma capacidade de florescer em meio ao deslocamento”, uma “confiança de viver na desordem” porque os preceitos que orientam as identidades passam a ter a ver, justamente, com compromissos revogáveis e ligações frouxas.

Nesta sociedade que Bauman (2009) qualifica de “líquida”, a noção de *identidade* aparece como um eixo organizador por onde se discute e analisa diversos aspectos da vida contemporânea, tais como a cultura em termos de diferença individual, grupal, miscigenação; os “direitos humanos”; o direito a uma “identidade separada”, mas não menos construída, negociada e afirmada como “identidade”. Nesse sentido, a noção de *identidade* se constitui como um *sintoma* da sociedade líquida e que afeta bastante a “subjetividade contemporânea”.

Poderemos esclarecer melhor, agora, que a referência de Bauman (2001) ao adjetivo “líquida”, empregado por ele com relação à modernidade e a uma série de outros termos, vem das características físicas do estado líquido e da fluidez própria também aos gases. Assim, a “solidez” que por muito tempo caracterizou o mundo social passa a se encontrar, na nossa sociedade “líquida”, em processo avançado de desintegração, afetando inclusive valores como lealdade, tradição, os direitos costumeiros e as obrigações que representavam impedimentos ao surgimento do novo. Essa solidez, uma vez derretida, permitiu o surgimento do fluido que compõe a nova ordem globalizada e um novo modelo capitalista, diferente do modelo industrial, que é o capitalismo de consumo.

A vida líquida, portanto, está intimamente ligada à sociedade líquida, como forma de vida nessa sociedade: ambas não podem manter ou permanecer por muito tempo na mesma forma, precisam estar em movimento. A “sociedade líquida” é aquela em que as “condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.”

(BAUMAN, 2009a, p. 7). Nessa nova forma de sociedade, há uma impossibilidade de as realizações individuais solidificarem-se em posses permanentes, uma vez que os ativos se transformam em passivos e as capacidades em incapacidades. Outro aspecto é a rapidez como tudo envelhece e se torna obsoleto, inclusive no âmbito do conhecimento e da experiência de aprendizagem. Como “prever tendências futuras a partir de eventos passados torna-se cada dia mais arriscado e, frequentemente, enganoso” (BAUMAN, 2009a, p. 8), a “vida líquida” é uma vida precária, cuja incerteza é constante e comporta uma sucessão de reinícios. É necessária uma habilidade para livrar-se das coisas ao invés de apenas adquiri-las, é preciso acelerar o alcançar para que se possa largar mais rapidamente as coisas. O alívio e a ênfase está no largar, no esquecer, apagar, desistir e substituir, do princípio ao fim. Tudo passa a ser descartado ou descartável e a velocidade associada à eficiência do descarte segue uma lógica na qual se mantém essa nova sociedade e, não sem paradoxos, a satisfação das pessoas. Assim, a constância, a aderência e a viscosidade representam um risco, pois a vida líquida não pode parar: trata-se de “ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassam a data de vencimento, repelindo as identidades que atualmente estão sendo montadas e assumidas” (BAUMAN, 2009a, p. 9).

Segundo Bauman (2009a), essa característica fluida e descartável da “vida líquida” é colocada em termos de uma escolha a ser o tempo todo realizada: “modernizar-se” ou “perecer”. Podemos pensar que, nessa escolha, cada um se vê forçado a modernizar-se porque, caso contrário, será excluído, descartado e o esforço é exatamente correr para ficar longe desse destino do descarte que atinge os retardatários. Então, as identidades se constroem, se decompõem e se reconstróem a todo instante e é preciso estar atento à velocidade dessas mudanças que a sociedade contemporânea impõe e que constituem, ao nosso ver, a “subjetividade contemporânea”.

Bauman (2009a) pensa também a sociedade de consumo característica da “modernidade líquida” em termos de uma lógica de satisfação: todos devem estar insatisfeitos para que seus desejos sejam satisfeitos pela perspectiva do consumo. Portanto, a premissa é satisfazer os desejos humanos a partir de uma promessa de satisfação, que só se mantém sedutora enquanto o desejo não for realizado: “a *não* satisfação dos desejos e a crença firme e eterna de que cada ato visando a satisfazê-los deixa muito a desejar e pode ser aperfeiçoado – são esses os anúncios da economia que tem por alvo o consumidor.” (BAUMAN, 2009a, p. 105).

Ao mesmo tempo que os objetos de consumo são apresentados como muito atraentes e indispensáveis, eles sofrem uma forte depreciação e desvalorização para que se mantenha uma constante emergência de novas necessidades, desejos e vontades de consumo. O consumo, portanto, ao mesmo tempo em que mantém o sistema funcionando, alivia a ansiedade do consumidor que, no entanto, volta a ser estimulada pela própria lógica de consumo. Para que esse circuito se mantenha, para que a busca da realização seja uma presença constante e que novas promessas possam atrair e seduzir o consumidor, as antigas promessas precisam ser quebradas assim como frustradas as esperanças para realizá-las. Somos invadidos, então, por um “mar de hipocrisia que se estende das crenças populares às realidades da vida dos consumidores... para que uma sociedade de consumidores funcione apropriadamente.” (BAUMAN, 2009a, p. 107).

Hardt e Negri (2014) também nos ajudam a abordar a subjetividade contemporânea a partir de mudanças e transformações na sociedade. Para esses autores, a sociedade contemporânea é perpassada por forças que visam à dominação e forças que não querem ser dominadas e resistem, mas já não é mais tão fácil como antes localizar de onde vêm exatamente essas forças antagônicas. Configura-se, então, o que chamam – por uma referência renovada ao que se passou, por exemplo, na Roma Antiga – de “Império”. Segundo eles, a partir de 1960, as lutas feministas, estudantis, operárias se opuseram ao capitalismo e ao imperialismo, mas também houve uma realocação do poder e uma reestruturação do capitalismo sob a forma de capitalismo de consumo, forçando uma mudança de paradigma que os levam a retomar, de forma renovada, a noção de “império”.

A noção de “império”, para Hardt e Negri (2014), implica um poder sem limites, abrangente, que governa todo o mundo “civilizado”, incluindo as subjetividades, como um regime sem fronteiras espaço-temporais porque suspende a história e funciona em todos os registros da ordem social. Ao mesmo tempo, esse poder administra um amplo território e sua população, cria o próprio mundo no qual ele se estende, regula e rege a natureza e as interações humanas, tendo como objeto de seu “seu governo... a vida social como um todo” (Hardt e Negri, 2014, p. 15). A produção de subjetividades nessa nova ordem imperial se faz nos nexos imateriais da produção de linguagem, incrementados pelas indústrias de comunicação e que tanto expressam quanto organizam o movimento de globalização, multiplicando e estruturando as interconexões das redes de relacionamento, funcionamento, trabalho, política, etc. Consolida-se, então, um poder virtual que parte de um não-lugar porque se encontra em

lugar nenhum e ao mesmo tempo está em todo lugar. A nova ordem imperial caracteriza-se pela fluidez de forma, ou seja, um ir-e-vir de formação e deformação, geração e degeneração constitui-se como sua própria essência. Opera-se desde um não-lugar que não é dialético⁵ porque se estende para todos os lugares e sem deixar de fora nenhuma subjetividade, desfazendo-se da dialética como o que opera com tensões e oposições. Todos os lugares aparecem, então, como agrupados nesse não-lugar geral.

Importante esclarecer que, para Hardt e Negri (2014), o império não se confunde com o que antes se notabilizou como imperialismo. O imperialismo tem relação com os Estados-nação e, a partir da transição da modernidade para a sociedade contemporânea, mais especificamente a partir da segunda metade do século XX, há o declínio dessa forma geopolítica do Estado-nação e, por consequência, do imperialismo, dando lugar ao império que, de forma diferente da difusão imperialista de domínios em diferentes lugares, se constitui exatamente como um não-lugar. Nesse sentido, o poder do império, diferente do que acontece com a dominação imperialista realizada antes pelos Estados-nação, é difuso, sem a polarização colonizador-colonizado. Essa difusão afeta as relações com o outro, com o sistema financeiro, com as riquezas materiais e imateriais, a difusão da informação, o conhecimento, as ideias, os afetos, as imagens, colocando enfim, tudo e todos, de modo global, como descentralizados e não polarizados.

Essa noção de “império” interessa a esta dissertação sobre a “subjetividade contemporânea” porque, na nova ordem imperial, “as grandes potências industriais e financeiras produzem... não apenas mercadorias, mas também subjetividades... necessidades, relações sociais, corpos e mentes – ou seja, produzem produtores”, levando a vida “a trabalhar para a produção” e fazendo “a produção ... trabalhar para a vida” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 51). Tal concepção de império, relacionada a fluxos interligados, capilares e ininterruptos também nos parece relacionável ao que Bauman (1998, 2001, 2005, 2009a) destaca em seus livros sobre a dimensão “líquida” de nossa sociedade atual.

Segundo Hardt e Negri (2014), nesse mundo fluido, o poder não tem lado de fora, nem de dentro, é descontínuo porque se vale, ao mesmo tempo, do capital, do éter e da bomba, ou seja, de três meios globais de controle e que impactam fortemente as subjetividades do novo sistema social. O capital é o mecanismo de controle do mercado

⁵ A dialética para os autores se refere a um movimento capaz apenas de reconhecer diferenças como contradições e a partir daí, recuperar toda diferença numa unidade final. (BROWN; SZEMAN, 2006).

em seu poder de acumulação e na sua extensão global em nossa sociedade. O *marketing* é o éter comunicativo e se manifesta desterritorializando e disseminando nossas relações com os produtos, as pessoas e o consumo. Por fim, a ameaça da bomba (sob a forma de armas termonucleares) ou, mais recentemente, dessa “bomba relógio” que é o próprio aquecimento global, aciona o medo de uma contínua possibilidade de destruição da vida.

Em termos de estratégia de ação, ou forma de mando, como se referem Hardt e Negri (2014), o império não se utiliza da repressão e punição, e sim da produção e do controle: as subjetividades são produzidas e engendradas pelo sistema imperial. Assim, por mecanismos imperceptíveis e antes mesmo que possamos perceber, já estamos produzindo e reproduzindo tal sistema, sem nos darmos conta dessa linha que separa liberdade e servidão, pois as diferenças são absorvidas pelo domínio imperial ao invés de, como acontecia na modernidade, serem por ele excluídas. Nessa absorção, elas são aceitas, hierarquizadas, mesmo se não deixam de colocar em risco tal domínio imperial. Afinal, no império, o poder não é centralizado e não se baseia em fronteiras fixas, ele se torna um aparelho de “descentralização e desterritorialização”, administrando entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais.

A mudança do imperialismo para o império marca uma mudança no modo capitalista de produção que passa a se defrontar com um mundo definido por novos e complexos regimes de diferenciação e homogeneização, de desterritorialização e territorialização. Esses novos fluxos globais transformam o modo de produção capitalista, e isso nos permite retomar a já assinalada mudança do capitalismo industrial para o de consumo. O capitalismo aparece, então, cada vez mais como o eixo norteador de nossa sociedade, sobretudo considerando seu formato atual como capitalismo de consumo. O consumo é uma atividade privilegiada e tudo é consumido, desde os corpos, as relações, o sexo até a própria vida, assim como a morte. O consumo se apresenta como força que se sobrepõe a tudo e a todos, permeando, inclusive, a constituição das subjetividades.

Ao abordar essa constituição, Bauman (2005) faz referência à falta: indivíduos carentes das velhas tradições que garantiam, de alguma forma, sentido, uma vez deslocados dessas tradições, tornam-se presas fáceis para o modo capitalista de consumo. A satisfação associada ao consumo ganha destaque: “seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a única ‘utilidade’, dos objetos é a sua capacidade de proporcionar satisfação” (BAUMAN, 2005, p. 70). Enquanto, no

passado, nossa ancestralidade foi treinada e moldada como produtores, tornamo-nos, na sociedade líquida, socializados como consumidores e, como consequência, buscamos fanaticamente por falsas soluções:

soluções de segunda classe, meias soluções, soluções temporárias, paliativos, placebos. Servirá qualquer coisa que possa afastar as dúvidas corrosivas e as questões irrespondíveis, postergar o momento do ajuste de contas e da verdade – e assim permitir que permaneçamos em movimento ainda que nosso destino esteja, é o mínimo que se pode dizer, envolto na neblina. (BAUMAN, 2005, p. 75)

Nesse sentido, é possível considerar o movimento como um recurso a ser destacado. Juntamente com a liquidez e a fluidez, o movimento qualifica a “subjetividade contemporânea”: estar ou não em movimento revela aspectos importantes a respeito de cada um hoje e do modo como nos situamos na sociedade contemporânea. A liquidez se relaciona e se aproxima da fluidez, na medida em que, hoje, as subjetividades apresentam-se como fragilizadas, deslocadas, fragmentadas em suas experiências e marcadas pelo que a sociedade mesma lhes impõe como falta – falta de referências simbólicas, falta de tradição que nos ancoraria ao passado, falta perspectiva para o futuro, falta de estabilidade e de certeza.

A vida muda de forma muito rápida, tomada por um intenso movimento e o valor já não está mais na durabilidade das relações e dos objetos, mas justamente no seu descarte, como diz Bauman (2009a). Essa falta de localização que intensifica os movimentos infundáveis de perder-se e encontrar-se se apresenta tanto na concepção da “modernidade líquida” de Bauman (2001), quanto na de “império” proposta por Hardt e Negri (2014). Assim como Bauman (2001), Hardt e Negri (2014), também para Bhabha (2001) há, na sociedade contemporânea, uma profunda sensação de desorientação.

Segundo Bhabha (2001) pensar as subjetividades na contemporaneidade implica passar para além das narrativas de identidade concebidas na modernidade e focalizar os processos que são produzidos na articulação de diferentes culturas, que são justamente os “entre-lugares”.

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 2001, p. 20).

Portanto, o “entre-lugar” é o espaço de negociação, nem sempre consensual e colaborativo, mas também antagônico e conflituoso, das forças advindas da sobreposição e do deslocamento da diferença. Ele também designa o modo como a constituição das subjetividades emergem em espaços intersticiais, precisamente naquilo que excede a soma das partes da diferença demarcada por categorias como “raça”, “gênero”, “classe”, etc. Estamos no campo, portanto, do hibridismo cultural, onde uma nova demografia do social emerge – o internacionalismo, com ênfase no “inter”, advindo da história da migração pós-colonial bem como das narrativas da diáspora cultural e política.

Nessa complexa e móvel cartografia atual, insere nossa investigação sobre a “subjetividade contemporânea”. Apoiando-nos em Hall (2000), consideramos que a concepção dessa subjetividade, perpassada, como vimos, tanto pela globalização quanto pela fluidez, pela liquidez e pela mobilidade das identidades, pode ser melhor apreendida se considerarmos como se dá o processo de identificação, inclusive em sua concepção psicanalítica. Afinal, como nos indica esse importante representante dos Estudos Culturais Contemporâneos, uma concepção psicanalítica da identificação implica

sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade... A identificação envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”, ... requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui. (HALL, 2000, p. 106)

2.3. As “identidades híbridas” também caracterizariam a “subjetividade contemporânea”?

A partir dos anos 1970, mesmo sem ainda receber esse nome, a “globalização” passa a acelerar o ritmo das conexões entre diferentes partes do mundo, aumentando os fluxos e os laços entre as nações, impactando as identidades. Hall (2001) discerne esse impacto a partir de três ocorrências: as identidades estão se desintegrando,

estão sendo reforçadas e novas identidades – “híbridas” – estão tomando os lugares das identidades desintegradas e reforçadas. Portanto,

a globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e mais diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2001, p. 87).

Para explicitar o que seriam essas “identidades híbridas”, Hall (2001) introduz o conceito de tradução, descrevendo formações de identidade que atravessaram as fronteiras, rompendo barreiras e se posicionando como diferentes da tradição. Uma “identidade híbrida” oscilaria, então, entre tradição e tradução. Afinal, em toda parte, temos emergência de identidades que não são fixas e que podem ser apresentar como suspensas, em transição, entre diferentes posições extraídas recursos, ou referências, relacionados a diferentes tradições culturais ou a vários contextos sociais. O hibridismo próprio a essas identidades se configura, então, como o produto do cruzamento e das misturas culturais em um mundo globalizado. Como exemplo, Hall (2001) cita o fenômeno de migrações em grande escala, por vezes ilegais, como os que na atualidade acontecem com as populações do norte da África e de países árabes em direção à Europa.

Segundo Hall (2001), para esses imigrantes, é possível manter fortes vínculos com sua origem e suas tradições, mas sem qualquer ilusão de retorno à terra natal. Há uma espécie de obrigação para se negociar com as novas culturas, sem que elas sejam assimiladas por completo, sem perder totalmente as origens, ou seja, garantindo alguma “identidade”. Portanto, no mundo globalizado, torna-se mais possível manter traços de uma cultura de origem, tal como a linguagem e a história, na medida em que eles são marcas subjetivas importantes, embora tenham que ser negociadas – não sem conflitos – com culturas diferentes nas quais esses traços “originais” passam a tentar se inserir. Esses conflitos, por sua vez, se apresentam como tensões entre o local e o global, dando lugar a movimentos de resistência: tenta-se fechar diante da globalização para não desaparecer, mas tal fechamento pode implicar também um desaparecimento. Como aponta Hall (2001), esse movimento é defensivo, por parte de grupos étnicos que se sentem ameaçados por outras culturas.

Bhabha (2001) se serve das ideias de Fanon (1926-1961) que, a partir de sua própria experiência de psiquiatra, negro, colonizado, discorre das identidades binárias, nos moldes de duplicações da identidade, revelando a ambivalência entre raça e sexualidade, da “batalha” entre representação psíquica e realidade social. Em seus questionamentos, Fanon, segundo Bhabha (2001), propõe pensar essa ambivalência da identificação a partir da dialética de Hegel e – o que é bem importante para esta dissertação – da célebre pergunta de Freud: “O que quer uma mulher?”. Então, Fanon também indaga: “O que deseja o homem negro?” Nessa pergunta, a dimensão psíquica se sobressai e desvela precisamente a ambivalência do olhar branco do negro. Assim como para Hall (2001), o processo de identificação para Fanon, segundo Bhabha (2001) implica a “sobredeterminação” do sujeito colonial: através da sobredeterminação “de fora”, e esse fora tem a ver com a cultura, destaca-se o aspecto alienante da identificação, uma vez que o negro olha a si próprio como se fosse um branco, dando lugar a uma identificação ambivalente. Nos termos do próprio Bhabha (2001, p. 75):

A identificação ambivalente do mundo racista – movendo-se em dois planos sem ser de modo algum incomodada por ele [...] gira em torno da ideia do homem como sua imagem alienada; não o Eu e o Outro, mas a alteridade do Eu inscrita no palimpsesto perverso da identidade colonial.

Dessa forma, Bhabha (2001) compreende o processo de identificação e construção da identidade nos contextos culturais por meio de três condições. A primeira condição se refere ao existir, a “existência em relação a uma alteridade”, em que a demanda está em direção ao objeto externo, a base da identificação. O “desejo colonial” articula-se sempre em relação ao lugar Outro e isso permitiria uma inversão de papéis. Isso significa que no encontro dos olhares, negro e colono, o negro gostaria de tomar o lugar do colono. A identificação entre demanda e desejo configura-se como a segunda condição, delineando um espaço de cisão: a expectativa do colonizado de estar no lugar superior do colonizador, mas sem se separar da sua condição inicial, caracteriza uma divisão que estabelece uma imagem duplicadora e dissimuladora onde se ocupa, ao mesmo tempo, dois lugares: o Eu colonialista e o Outro colonizado. Entre esses dois lugares, existe uma distância, que é a alteridade colonial - “o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro” (BHABHA, 2001, p. 76). Por meio dessa condição, destaca-se o problema da identidade colonial. Por fim, como terceira

condição, Bhabha (2001) ressalta que a identificação “nunca é a afirmação de uma identidade pré-datada” e, portanto, nunca é uma profecia *autocumpridora*. Ela tem a ver com a produção e a transformação do sujeito em assumir certa imagem de identidade: ser *para* um Outro, nos limites da linguagem e isso caracterizaria a incerteza de sua existência e a ameaça do desmembramento, configurando a identidade sempre como “identidade híbrida”. (BHABHA, 2001, p. 76).

A “subjetividade contemporânea”, portanto, não deixa de ser afetada também por essas tensões, assim como pelas incertezas e inseguranças a respeito do futuro, tal como vimos também Bauman (2009a) destacar em suas considerações sobre a constituição atual de nossa sociedade. A identidade híbrida não deixa de ser fragmentada. A ausência de fronteiras definidas ou sua menor definição a partir do deslocamento quanto à tradição, juntamente com a velocidade das mudanças no mundo contemporâneo, colocam-nos diante da efemeridade da cultura, bem como determina a fluidez das referências simbólicas e dos processos identificatórios. Aparece, então, uma multiplicidade de identidades com que o sujeito pode se identificar, mas sempre de forma muito rápida porque, tal como uma mercadoria descartável, logo outra identidade passará a se destacar e valer mais. Parece-nos que, assim, um grande desamparo passa a afetar também essas novas subjetividades caracterizadas por seu hibridismo.

Bauman (2009a) nos apresenta ainda outro ponto de interpretação a respeito das concepções de identidade híbrida e de cultura híbrida. Para ele, a “imagem de cultura híbrida é um verniz ideológico sobre a extraterritorialidade atingida ou declarada” (BAUMAN, 2009a, p. 42). Isso significa dizer que a hibridização seria uma estratégia substitutiva de “assimilação” de culturas, mas, aos moldes da sociedade líquida, desenvolvida pela elite letrada globalizada. Em contraste com a assimilação cultural que pressupunha uma hierarquia, a hibridização seria uma espécie de equivalência de culturas, como se elas fossem iguais:

a “hibridização” significa um movimento em direção a uma identidade eternamente “indeterminada”, de fato, “indeterminável”. No horizonte desse processo inatingível e teimosamente em retirada surge uma identidade definida unicamente por se distinguir de todo o resto: de todas e cada um das identidades nomeadas, conhecidas e reconhecidas, e por essa razão, aparentemente estabelecida. Desse “resto”, a identidade dos “hibridizadores” permanece, não obstante, irremediavelmente dependente (BAUMAN, 2009a, p. 45).

Bauman (2009a) compara o movimento contemporâneo de busca de identidade, mesmo em sua forma híbrida, com o que acontece com um ciclista: deve-se pedalar continuamente, como se fosse uma tarefa para uma vida inteira porque, se parar de pedalar, o ciclista cai, mas, o ciclista tem a liberdade de escolher se quer continuar a pedalar ou não. Tratar-se-ia de um destino sem escolha ou, melhor, de uma escolha forçada, pois decidir parar significa uma opção apavorante. Nesse contexto, para Bauman (2009) a preocupação gira mais em torno de qual identidade escolher, frente a essa multiplicidade de identidades e nas quais se encontram também as identidades híbridas. Também é necessário, segundo as exigências atuais, manter-se em estado de alerta constante, com um olhar permanente para a sociedade-mercado, visando a uma melhor escolha de identidade. Afinal a identidade, mesmo se for escolhida, pode ser retirada do mercado a qualquer momento, ou ser despida de seu poder de sedução. Assim, o que é conquistado pode ser rapidamente destruído ou derretido. Portanto, segundo Bauman (2009), obter as identidades segundo uma escolha e tê-las reconhecidas à sua volta é menos importante do que sustentar a identidade que se conquista.

Os processos identitários tornam-se, então, muito diferentes de se encontrar um lugar dentro do que se apresentava antes como uma sólida estrutura de classe social porque esse lugar, uma vez que fosse encontrado, podia ser guardado para evitar sua desapropriação. Porém, no mundo contemporâneo, há sempre a suspeita de que a identidade conquistada será derretida, descartada. Novas subjetividades são, portanto, produzidas, por um lado, sob a égide do capitalismo, e por outro lado, a partir da tensão entre as forças sociais, do conflito entre aqueles que querem dominar e aqueles que não querem ser dominados. Nesse processo de produção das subjetividades, dois aspectos são enfatizados: a subjetividade é um constante processo social de geração e o lugar de produção de subjetividade não é mais definido do mesmo modo que antes. Afinal, o que é produzido e reproduzido tem a ver com o não-lugar, com a diluição de fronteiras do tipo interior-exterior, com o poder virtual através do qual o Império exerce o controle das próprias subjetividades:

A progressiva indeterminação entre interior e exterior tem implicações importantes para a produção social de subjetividade. [...] a subjetividade não é um dado prévio ou

original, ... ela é, pelo menos até certo ponto, formada no campo das forças sociais (HARDT; NEGRI, 2014, p. 215).

A produção de subjetividades na nova ordem imperial tende a não se limitar a um lugar específico e a indefinição do lugar da produção de subjetividades encontra correspondência na indeterminação da forma das subjetividades. Há, portanto, um processo fluido de geração e corrupção de subjetividades, sua estrutura é como um *software* que carrega um vírus capaz ao mesmo tempo de corromper e regular continuamente as instituições a sua volta (HARDT e NEGRI, 2014).

Assim, uma subjetividade híbrida produzida na sociedade contemporânea pode não portar apenas identidade específica de um detento, ou de um operário, por exemplo, embora possa ser constituída por sua lógica: operário fora da fábrica, estudante fora da escola, louco fora do hospício, tudo ao mesmo tempo, pertencendo a nenhuma identidade e pertencente a todas as identidades. (HARDT e NEGRI, 2014, p. 353). Embora as subjetividades sejam constituídas e engendradas pelo sistema, o poder imperial dá lugar a um potencial maior de revolução do que os regimes modernos de poder: uma máquina de comando existe tanto quanto uma alternativa que lhe contrapõe. Não há mediação: os conflitos sociais, constitutivos do tecido político, confrontam-se diretamente, e esse aspecto do Império constitui a grande novidade da sociedade pós-moderna: a multidão – nome dado por Hardt e Negri para a subjetividade no império – opõe-se de forma direta à ordem imperial, tal como se verifica nas próprias relações de trabalho. Afinal, quando a multidão trabalha, ela produz e reproduz autonomamente todo o mundo da vida, destacando-se como singularidade capaz de estabelecer um novo lugar no não-lugar do império, uma singularidade real produzida por cooperação, representada pela comunidade linguística e desenvolvida pelos movimentos de hibridização.

Hall (2001) e Bhabha (2001), enfatizando os processos de deslocamento, descentração e fragmentação, focalizam, como já aludimos, as identidades híbridas numa relação direta com os movimentos migratórios. Canclini (2000) aponta-nos o multiculturalismo como um aspecto determinante nesse processo de hibridização das identidades em nosso mundo. Bauman (2001, 2005, 2009, 2009a), por sua vez, com sua teoria líquida, permite-nos situa as identidades híbridas em sua concepção da sociedade contemporânea como líquida.

Assim, nos nossos dias, as “identidades híbridas” ao exporem a tendência de todos nos tornarmos objetos descartáveis, encontrados em qualquer lugar e provenientes de vários lugares ao mesmo tempo, também demarcam o esvaziamento, a insegurança e as incertezas que constituem, a nosso ver, a subjetividade contemporânea em sua dimensão cada vez mais fragmentada e fluida.

2.4 A “subjetividade contemporânea” segundo a leitura de Hall sobre as relações entre sujeito e inconsciente

Hall (2001) se serve do deslocamento do sujeito cartesiano da razão para o que ele, valendo-se da descoberta freudiana, designa como “sujeito do inconsciente”. Este autor, inclusive para demarcar os “pontos instáveis” relacionados às identificações, focaliza, então, graças à psicanálise, aspectos contraditórios nos processos de formação de identidade e que são, muitas vezes, desconsiderados pelas concepções e propostas atuais relacionadas à identidade, mesmo quando esta última é abordada em termos de diferenças e pluralidade. Sem dúvida, as relações entre sujeito e inconsciente, em uma perspectiva psicanalítica, são mais complexas que aquelas destacadas por Hall (2001), mas, aqui, nosso interesse por sua leitura se vale do fato de um importante representante dos Estudos Culturais considerar a psicanálise entre suas referências.

As mudanças referentes à noção de identidade são apresentadas por Hall (2001) através de três diferentes concepções de subjetividade: a subjetividade iluminista, a subjetividade sociológica e a subjetividade pós-moderna.

Com o Iluminismo, temos, segundo Hall (2001), um sujeito unificado e dotado das capacidades de razão, consciência e ação. Esse centro subjetivo se fazia essencialmente no eu ou no que se apresentava como identidade para alguém. Presente em cada ser dotado de razão, esse centro, mesmo se desenvolvendo ao longo do tempo, permanecia contínuo ou idêntico ao longo de uma mesma existência. Temos, assim, uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade. Vale ainda ressaltar que, nessa concepção iluminista, a subjetividade se valia preferencialmente do que era considerado masculino, devido à força que a noção de gênero masculino representava para a sociedade da época.

A subjetividade sociológica, por sua vez, passa a refletir as transformações do mundo moderno, evidenciando que esse “núcleo interior” do sujeito racional não era

autônomo, nem autossuficiente. A subjetividade, então, é apresentada como mediada por valores, símbolos, sentidos, enfim, pela cultura. Portanto, tal subjetividade se fazia na interação entre o eu e a sociedade, evidenciando-se como uma concepção interacionista, ou interativa do sujeito. Assim, nós próprios nos projetaríamos em identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, alinhando sentimentos subjetivos a lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, nesse contexto, preenche o espaço entre o mundo privado e o público e, segundo Hall (2001) estabiliza e unifica o sujeito à cultura e à sociedade.

Com a passagem da subjetividade iluminista à subjetividade sociológica, o sujeito previamente tomado por uma identidade unificada e estável começa a se fragmentar. Na atualidade, ainda tomada pela subjetividade sociológica, verificamos o quanto o sujeito é composto por várias identidades e que podem ser, inclusive, contraditórias. Dessa forma, as identidades sociais, que ancoravam o sujeito em seus processos identificatórios tornam-se cada vez mais provisórias e variáveis, inclusive porque se percebe um certo colapso da cultura possivelmente advindo dessas mudanças estruturais e institucionais da sociedade. É nesse contexto que surge o sujeito pós-moderno. O sujeito pós-moderno é aquele que não tem identidade fixa, essencial ou permanente porque ela é transformada continuamente em relação as formas pelas quais são interpeladas na cultura ou na forma como cada um é representado:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, p.13).

Segundo Hall (2001), à medida que nos confrontamos com a multiplicidade de sistemas de significação e representação cultural, também nos confrontamos com uma multiplicidade de identidades e poderíamos nos identificar com cada uma, ao menos temporariamente. O autor (2001), ao evocar dessa multiplicidade, mostra-nos como ela perpassa noções como classe social, gênero, raça, cor, etnia, etc. mas também

a própria estratificação sociocultural: existe um “jogo das identidades” porque elas passam a ser contraditórias e se deslocam continuamente.

Em uma concepção tradicional, o sujeito é concebido de modo convencional, como uma entidade fixa, dotada de consciência, de fonte autêntica, alheia à ação e à multiplicidade dos sentidos. De acordo com esse ponto de vista, quando nos ouvimos falar, sentimos que somos idênticos ao que acabamos de dizer e é essa identidade com o que é dito que nos fornece uma posição privilegiada em relação ao sentido: “*nós somos a fonte de sentido, em primeiro lugar*”. (HALL, 2016, p. 99). Entretanto, além desse sujeito que se apresentaria como fonte de sentido, há o sujeito “como uma figura discursiva, cuja forma unificada e identidade racional eram pressupostos tanto pelos discursos do pensamento moderno como pelos processos que moldaram a modernidade” (HALL, 2001, p. 23). Conceber o sujeito como uma figura discursiva significa que é o discurso, e não os sujeitos, que falam. Percebemos, portanto, que os sujeitos podem produzir até textos particulares, mas, de certa forma, essas particularidades dos textos operam dentro dos limites da formação discursiva, de uma cultura em um dado período, ou seja, têm seus sentidos determinados de lugares que são alheios àqueles que os produzem. Há, portanto, uma mudança de perspectiva: passa-se de um sujeito soberano, que é a fonte de seu próprio sentido, para um sujeito referido ao discurso.

Para Hall (2001), a “nova ciência” do século XVII deslocou Deus do centro do universo e influenciou Descartes (1596-1650): o sujeito cartesiano emerge da dúvida, mas, por sua capacidade de pensar, ganha a certeza pela qual se funda: “*Cogito, ergo sum/ Penso, logo existo*”. Nesse contexto, o sujeito soberano é o sujeito da razão. Com o século XVIII, as sociedades vão se complexificando ainda mais, adquirindo uma forma muito mais coletiva. Por sua vez, com a industrialização, no século XIX, as leis da economia, do contrato, da política, da propriedade, do comércio tornam-se indispensáveis às formações das classes características do capitalismo moderno. Com o século XIX e início do século XX, segundo Hall (2001), a partir do surgimento das novas ciências sociais, temos uma concepção de subjetividade mais social, localizada e definida no interior das grandes estruturas que formam a sociedade, mas também outra concepção de subjetividade emerge nesse mesmo período histórico, derivada do darwinismo que descentra o homem em relação a sua posição de criatura divina, embora ainda o situe privilegiadamente no topo da evolução das espécies.

O sujeito cartesiano e racional permanece, de acordo com Hall (2001), como central em muitos discursos da política e da lei, assim como a concepção cartesiana de um dualismo entre “pensamento” e “corpo/extensão” passa a fazer parte, desde o século XIX, do escopo privilegiado da psicologia. A sociologia, porém, tece críticas ao individualismo racional do sujeito cartesiano e dá lugar a outra concepção da subjetividade na modernidade, ao destacar tanto uma “ ‘internalização’ do exterior no sujeito” quanto uma “ ‘externalização’ do interior, através da ação no mundo social” (HALL, 2001, p. 31). Essa perspectiva de um modelo social interativo, mas estável, atravessado por uma espécie de reciprocidade entre interior e exterior é produto da primeira metade do século XX. Nessa mesma época, segundo Hall (2001), começa a emergir outra concepção da subjetividade, derivada do surgimento do Modernismo: aparece um sujeito “isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.” (HALL, 2001, p. 32).

Por sua vez, no tempo designado como “modernidade tardia”, Hall (2001) localiza cinco grandes avanços no âmbito das ciências humanas e da teoria social, nos quais temos o descentramento do sujeito cartesiano e da identidade como uma referência fixa: o pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, a filosofia de Michel Foucault e o movimento feminista. Priorizaremos, aqui, o modo como Hall (2001) aborda o descentramento operado pela descoberta freudiana do inconsciente porque ele nos parece mais articulável com as relações que esta dissertação procurará discernir entre a subjetividade contemporânea e a feminilidade. Também no contexto dos Estudos Culturais, lembramos que, assim como Hall (2001), Woodward (2004) considera a importância das relações estabelecidas pela psicanálise entre sujeito e inconsciente para a discussão a respeito de identidades cada vez mais tomadas pela liquidez, pela fluidez e pela mobilidade com que se tem procurado delinear a “subjetividade contemporânea”.

A descoberta do inconsciente por Freud, segundo Hall (2001) e Woodward (2004), permite-nos considerar que uma lógica diferente daquela do sujeito da consciência impacta as identidades e as subjetividades porque elas passam a ser atravessadas por conflitos entre, por exemplo, o que se deseja inconscientemente e o que se define conscientemente como objetivos, propósitos, etc. Assim, por exemplo, alguém pode estar muito bem informado sobre determinado domínio da vida social e, mesmo assim, agir contra esses interesses, sem conseguir explicar o que o leva a agir de

modo a afetar diretamente a sua identidade e até mesmo comprometer o meio social em que vive.

Referindo-se à leitura lacaniana do “estádio do espelho”, Hall (2001) mostra que a experiência de um eu unificado resulta da identificação com a imagem do outro, ou seja, de uma alienação no que vem do outro e não exatamente da autonomia que se tenta apreender em uma imagem de si mesmo. Embora o sujeito seja efetivamente, para a psicanálise, um sujeito dividido – tal como encontramos nos sonhos, atos falhos e sintomas em que ao mesmo tempo se quer, por exemplo, algo e seu contrário – a identificação alienante com uma imagem de si o faz tomar sua identidade como se fosse unificada e autônoma quando, na verdade, é alienada e dependente do que se apresenta como outro. Por conseguinte, a psicanálise apresenta-nos, pela relação alienada com o que se toma como “imagem de si mesmo” ou “eu”, “a origem contraditória da ‘identidade’” (HALL, 2001, p. 38). A partir dessas concepções lacanianas, Hall (2001) enfatiza que a identidade não é de modo algum inata, nem fixa. Ela é formada ao longo do tempo e persiste sempre algo de estranho a respeito do que consideramos como “nossa” identidade. Dessa forma, as identidades deveriam ser consideradas como um processo em andamento, inconcluso e não como acabado: “Psicanaliticamente nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.” (HALL, 2001, p. 39).

Portanto, no mundo contemporâneo, perpassado, como vimos, por transformações e movimentos velozes, as identidades se configuram como deslocadas, difusas, fluidas, instáveis e fragmentadas, possibilitando-nos considerar que a psicanálise se torna uma importante ferramenta para esclarecermos o que está em jogo na “subjetividade contemporânea”, tal como pretendemos fazer ao longo desta dissertação.

3. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, faremos, de início, uma análise documental da revista-almanaque *Eu sei tudo*, com o objetivo de delinear a representação da mulher na modernidade. Em seguida, tomaremos alguns parâmetros definidos para essa representação e realizaremos uma comparação com matérias de conteúdo similar publicados em *Marie Claire*, uma revista feminina de referência no mundo contemporâneo. Procuraremos elucidar, nessa comparação, o que caracteriza as mulheres em suas relações com o trabalho, família, sociedade, parceria amorosa e se houve mudanças na forma de representação da mulher moderna em relação à mulher contemporânea. Usaremos, nesse percurso, amostras retiradas dessas revistas com intuito de realizarmos um estudo comparativo, entre esses dois diferentes contextos históricos. Portanto, nosso objetivo é delinear uma cartografia sobre a representação da mulher nas décadas de 1940 e 1950 para cotejá-la com o que se passa na contemporaneidade, de modo a termos referências, em épocas diferentes, sobre a mulher e a feminilidade.

Casa Nova (2010) se vale, em sua pesquisa, de dados coletados no *Almanaque d'A saúde da Mulher* e no *Almanaque do Biotônico Fontoura*, mostrando-nos que essas publicações eram dirigidas, em sua grande parte, ao público feminino, apresentando às leitoras uma imagem feminina tecida em “detalhes na teia ideológica de representações” (CASA NOVA, 2010, p. 101). Para Casa Nova, essa imagem é discurso, e como tal existe uma intencionalidade naquilo que se transmite como significados e que retrata a cultura de uma época. Estimamos ser esse o caso também do *Eu sei tudo*. Afinal, para Casa Nova (2010, p. 101) esse tipo de publicação que ficou conhecida como almanaque “repousa sobre a estrutura normativa familiar e socioeconômica do Brasil desta fase histórica: 1920-1950” e a existência do almanaque *Eu sei tudo* vai de 1917 até 1957, reproduzindo modelos ideológicos sobre as mulheres também derivados, como veremos, da norma familiar então vigente.

Segundo Casa Nova (2010), esse tipo de publicação é pouco comum na atualidade. Em sua origem, apresentou-se numa estreita ligação com o calendário lunar, contendo informações de uso geral e eram distribuídos dentro das páginas dos livros das igrejas. No século XVIII eles começam a ter uma circulação anual e tem como conteúdo, além dos citados acima, informações políticas, notícias variadas, divulgação publicitária, conselhos higiênicos e receitas de medicina popular. Com essa circulação anual, passou a ser considerado o precursor da revista moderna, segundo Casa Nova (2010), por serem compostos em formato de jornal e apresentarem cerca de 15 páginas. Entretanto, o êxito desse tipo de publicação veio no final do século XIX, “almanaques cômicos, proféticos, pitorescos, astronômicos, astrológicos, anedóticos e outros que tentavam levar a sério alguns assuntos e responder a necessidade básica do leitor” (CASA NOVA, 2010, p. 29). Dessa forma, continha informações relevantes para as identidades da época, como a importância das fases da lua no meio rural para a agricultura, bem como informações sobre moda e a saúde da mulher.

Devido a esse tipo de conteúdo, as pessoas passaram a ter uma relação muito estreita com os almanaques, sobretudo as mulheres. Alfabetizadas, elas podiam, de fato lê-los. Para aquelas que não sabiam ler, havia o recurso às ilustrações, e elas podiam se fixar nas imagens. Para Casa Nova (2010), desde as mulheres urbanas, de classes mais privilegiadas (mesmo que fosse por modismo) até aquelas dos meios rurais e que não passaram pela escola, encontravam nos almanaques uma fonte importante de informações. Casa Nova (2010) aponta ainda, como esses almanaques, para as gerações até a década de 1960, constituíram-se como fonte de representação e de construção de identidades.

Relacionado, então, a esse tipo de publicação conhecido como “almanaque”, o *Eu sei tudo* surgiu em junho de 1917, na primeira metade do século XX, como um “magazine mensal ilustrado”. De publicação periódica e mensal, vinha no formato de uma revista ilustrada, contendo seções diversas: “artigos especiais”, “a ciência ao alcance de todos”, “conhecimentos úteis”, “contos e aventuras”, “diversos”, “novidades e invenções”, “páginas de artes”, “romances”, “esportes”, “drama”, “teatro”, “nossa terra” e “horóscopo”.

Nesta dissertação, priorizamos os “artigos especiais” concernentes à representação da mulher, no *Eu sei tudo* publicado nas décadas de 1940 e 1950, por ser esse um período histórico que precedeu as mudanças apontadas no primeiro capítulo e advindas com a globalização e as novas tecnologias da informação. Como, agora, neste

segundo capítulo, estamos interessados em comparar as representações das mulheres no mundo moderno e no mundo contemporâneo, consideramos o *Eu sei tudo* como uma fonte importante para verificarmos como se processou a representação da mulher moderna. Acreditamos que os artigos dessa publicação ilustram um contexto sócio-histórico que nos permitirá dar maior visibilidade às mudanças apontadas no primeiro capítulo quando discutimos a “crise de identidade” e que, neste segundo capítulo, procuraremos tematizar em termos da comparação entre as identidades femininas fixadas culturalmente em certos padrões e modelos de representação e aquelas identidades femininas contemporâneas que são muito mais atravessadas pela fluidez, pela indistinção e o questionamento de padrões.

Nossa hipótese é a seguinte: no momento em que, com a vida moderna, as mulheres passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho e tiveram destaque para além das atividades propriamente domésticas, algo novo em termos das representações femininas já começaria a evidenciar culturalmente o quanto as “identidades” femininas não se ajustariam a um padrão, a uma norma e que esse “desajustamento” se intensifica, ainda mais, no mundo contemporâneo. Assim, no percurso histórico do *Eu sei tudo* às matérias mais atuais sobre as mulheres, reencontraríamos os aspectos que, no primeiro capítulo, localizamos teórica e conceitualmente como crise, fluidez, hibridização e fragmentação das identidades, mas, agora, neste segundo capítulo e no próximo, procuraremos abordar essas referências teórico-conceituais considerando, mais especificamente, a diversidade e os impasses concernentes à feminilidade. Com isso, procuraremos dar maior consistência ao tema de nossa pesquisa concernente aos efeitos da transição da modernidade para a sociedade contemporânea e suas incidências na feminilidade.

Segundo Cellard (2012), um modo de “testemunharmos” a história passada, de recontá-la e, ainda, de reconstruir e compreender fatos históricos perdidos no tempo bem como suas consequências na atualidade, seria por meio de documentos escritos. Para Cellard (2012), a memória tem uma capacidade de armazenamento limitada, podendo alterar, esquecer ou ainda deformar lembranças e também, por conseguinte, fatos históricos importantes. O documento escrito, por sua vez, nos possibilitaria uma reconstrução ou reconstituição de um passado cheio de histórias, vestígios de fatos, acontecimentos, pensamentos, representações de identidades, de subjetividades em determinadas épocas históricas, registradas nos próprios documentos. Assim, o almanaque *Eu sei tudo* e as matérias aqui extraídas de números da revista *Marie Claire*

parece-nos constituir uma fonte fundamental, testemunhando-nos como referências do passado contribuem para a análise do que se passa hoje em dia.

O almanaque *Eu sei tudo*, publicado de 1917 a 1957, totaliza-se em 487 exemplares. Para nossa pesquisa, reiteramos que vamos considerar os textos da seção “artigos especiais” das décadas de 1940 e 1950, mas passamos também a esclarecer que, nesta última década, o limite foi o ano de 1957, quando *Eu sei tudo* deixou de ser publicado. Teremos, na amostragem que consideremos, 84 “artigos especiais”, distribuídos ao longo dos 17 anos que compõem o período que selecionamos e com o qual vamos trabalhar nesta dissertação. Embora os “artigos especiais” não estejam presentes no sumário em todas as edições, a escolha desta pesquisa recaiu sobre eles por serem reportagens maiores, em torno de duas a três páginas, apresentando uma melhor consistência para os dados que nos interessam recolher sobre as representações modernas da subjetividade feminina. Para a coleta dos dados, os artigos foram divididos nas seguintes categorias: **biografias, religião, trabalho/inserção social, economia doméstica, estética/comportamento e gênero**. No Anexo 1, apresentamos essa divisão em categorias com o nome, data e número da revista da qual retiramos os dados, assim como o *site* para consulta do Almanaque *Eu sei tudo*, na íntegra.

Para delinear a representação da mulher na sociedade contemporânea, utilizaremos a revista *Marie Claire*. Sobre essa revista se faz necessário ressaltar a dificuldade de encontrarmos informações precisas sobre o seu histórico porque nos pautamos apenas pelo seu conteúdo *on-line*. Situamos, por meio de informações obtidas *on-line*, que a sua criação teria ocorrido por volta do ano de 2002, por ocasião da criação de um personagem virtual, chamado Vivian e derivada de uma estratégia de *marketing*. Esse personagem também esteve presente na edição impressa e teve destaque na revista: era uma mulher nova-iorquina, de 24 anos de idade, que podia ser seguida por meio de suas crônicas diárias. Conforme os *sites*⁶ consultados, *Marie Claire* foi criada na França em 1937 e teve seu lançamento datado no dia 05 de março, pelo grupo editor *Herast*. No Brasil, essa revista é lançada pela primeira vez em 1994. Seu nome é uma homenagem à jornalista Marie-Claire Mendès France, militante dos direitos humanos e da causa das mulheres. Revista totalmente dedicada ao público

⁶ Disponível em: <<http://www.revistas.com.br/revistas-femininas.html>>; <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/06/marie-claire-moda-e-beleza.html>> Acessado em janeiro de 2017.

feminino, ela foi considerada desde o início inovadora, inclusive por apresentar sofisticadas técnicas de diagramação em sua criação.

A forma como *Marie Claire* aborda as matérias de interesse do público feminino tem muita relação com a personalidade da mulher homenageada e cujo nome é aplicado também a esse publicação dedicada ao que política e culturalmente tem sido chamado de “causa feminina”. Nessa direção, como se refere a própria linha editorial dessa revista no Brasil⁷, trata-se de uma revista inteligente, sofisticada, feminina e feminista, pois o “Chique é ser inteligente”. Assim, além de *Marie Claire* expor temas polêmicos sobre comportamento e reportagens que denunciam a violação dos direitos humanos, sobretudo o direito das mulheres, os responsáveis pela linha editorial dessa revista consideram que o “feminismo é a causa, é o DNA” dessa publicação e o que a diferenciaria de outras revistas⁸. Por esses motivos, fizemos a opção por essa revista para delinear como as representações femininas se apresentam na contemporaneidade.

Nos números atuais de *Marie Claire* publicados no Brasil, encontramos, na versão impressa, seções como “na capa”, “tendências”, “reportagens”, “@work”, “moda”, “beleza”, “sociedade”, “entrevistas”, “comportamento”, “mulher no mundo”, “horóscopo”, “lifestyle”, “eu, leitora”, “perfil”, “carreira” e “tecnologia e outros”. A edição eletrônica apresenta ainda “amor & sexo” e “TV Marie Claire”. As colunas são assinadas por mulheres e as reportagens ou pequenos artigos encontram-se misturados a temas sobre moda, beleza, curiosidades sobre pessoas famosas, lazer, indicação de livros, matérias sobre bem estar, dietas. Na seção “na capa”, podemos ler reportagens sobre a celebridade feminina internacional ou nacional que foi a capa da revista.

Nesta pesquisa, utilizaremos artigos e reportagens tanto da revista impressa como da revista *on-line*. Seguiremos a mesma divisão em categorias adotadas para a análise do almanaque *Eu sei tudo*. Entretanto, no caso de *Marie Claire*, não adotamos uma amostra quantitativa ampla porque, diferente do *Eu sei tudo*, essa revista é contemporânea, difundida e reconhecida pelas leitoras em todo o Brasil. Traremos assim, alguns exemplos, que possam ilustrar a subjetividade feminina apresentada por *Marie Claire*, com a finalidade de traçarmos um estudo comparativo com *Eu sei tudo* a

⁷ Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/04/nossos-25-anos-assista-aos-bastidores-da-edicao-de-aniversario-e-saiba-mais-sobre-historia-de-marie-claire-no-brasil.html>> Acessado em 11 de janeiro de 2017.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_qoW603XuBs> Acessado em janeiro de 2018.

partir das mesmas categorias: **biografia, religião, trabalho, economia doméstica, estética/comportamento e gênero**. As matérias de ambas as publicações serão apresentadas aqui sob a forma de resumos destinados a nos ajudar a verificar se as representações femininas contemporâneas veiculam uma mulher mais múltipla, fluida e híbrida e que se diferenciaria, inclusive, da mulher moderna apresentada como mais unitária e fixada em referenciais patriarcais.

3.1. A feminilidade de acordo com a linha editorial de *Eu sei tudo*

Ao dividirmos os “artigos especiais” de *Eu sei tudo* em categorias, trabalharemos as formas como as mulheres eram apresentadas em cada uma dessas categorias para, em seguida, abordar as representações femininas que são por elas veiculadas. A seleção que fizemos tem relevância para essa pesquisa por considerara os textos que exprimem as relações da mulher com o trabalho, a parceria amorosa ou a sexualidade, os filhos, a religião, a estética, sempre inseridas na cultura da época de *Eu sei tudo* e que antecede ao fenômeno de liquidificação que, como já evocamos no primeiro capítulo, Bauman (1998) aborda a partir da globalização e seus efeitos na vida cotidiana das mulheres. Traçar essa espécie de cartografia da mulher moderna em *Eu sei tudo* será também importante para avaliarmos, a partir de *Marie Claire*, como se processam as representações da feminilidade no mundo contemporânea e, após esse estudo comparativo, poderemos abordar, no terceiro capítulo, a “feminização do mundo”. Interessamos destacar, nessas duas diferentes publicações, as características atribuídas às mulheres e observar em que aspectos elas se assemelham ou se diferenciam entre si.

Biografia

Dessa categoria, selecionamos quatro artigos. Cada um contém o relato da história de vida das seguintes mulheres célebres: Rainha Vitória, Joana D’Arc, Evita Perón e Cleópatra.

“O epistolário da Rainha Vitória” é o título do artigo que saiu em maio de 1941 (Ed. 288, p. 41). Escrito, segundo a própria edição da revista, a partir de dados obtidos pelo historiador George Farle Buckle, ressaltando a “figura da soberana com vigor e exatidão surpreendentes”. Segundo esse texto, a rainha se sentia feliz e

recompensada pelo prolongamento de sua vida, na época de seu cinquentenário, e também pelo seu reinado. Mas também encontrava-se preocupada e entristecida com casos de família e cuidados de governo. Coroada no dia 20 de junho de 1837, então com dezoito anos, foi então considerada “a moça mais bonita da Europa”. Casou-se em 1840 e, em 1861, ficou viúva. Era também descrita como uma mulher fria para assuntos sobre a política, preocupada com o seu reinado e família. Era admirada pelo seu “cérebro” e “coração” e seu reinado durou 64 anos, sendo considerado o período de maior poder do maior império já conhecido.

Alguns aspectos nos chamam atenção nesse texto sobre a Rainha Vitória, como a ênfase dada à beleza, à felicidade e a narrativa da história produzindo um tom de romance, certo “floreamento” que parece se colocar em oposição à frieza necessária à vida política. Outro aspecto que também nos chama atenção é certa divisão que a rainha vivia: por uma lado, sua trajetória pessoal e, por outro, as questões ligadas ao reino; assim, por exemplo o texto diz que a rainha se “sentia feliz” e “recompensada pela sua vida” e “pelo seu reinado”, mas, “preocupada” e “entristecida” com casos de família e certas exigências governamentais. Aqui, podemos identificar um conflito, uma oposição, entre a vida pública e a vida privada da rainha Vitória.

O artigo sobre Joana D’arc, é datado de maio de 1949, com o título “Sem ela... Outro teria sido o destino da França”. Conta a história de Joana D’Arc, uma “simples mulher”, “heroica” e “corajosa”, mas vencida, ferida, extenuada por uma longa detenção, pois teve que suportar mil e um interrogatórios, promovidos por um tribunal de juízes que eram mais carrascos que homens em busca de justiça e de verdade. Em 30 de maio de 1431, em Rouen, foi conduzida para a morte, na Praça do Mercado Velho, onde hoje se ergue uma estátua em sua homenagem. Suas cinzas foram lançadas ao Sena. Toda a França celebra, independente de crença e religião, a memória de Joana D’Arc, pois essa mulher “pertence aos franceses” e foi “a mais bela figura e heroína”. Ela é descrita como filha de agricultores, pastora do rebanho seu pai, na infância. Usava cabelos curtos e escuros, em uma região onde as crianças eram loiras. Gozava de boa saúde e era robusta. Seu vigor moral igualava-se ao físico e, chegada a hora de realizar a missão ditada pelas “vozes”, ela se apresentou sem se sentir forçada, enfrentando grandes dificuldades. Mesmo depois de suportar os rigores da guerra, de sofrer privações e enfrentar o calabouço, mantinha seu equilíbrio moral.

Notamos que o adjetivo “bela” remete-nos não tanto a uma qualificação estética de Joana D’Arc, pois a vida de Joana, por seus atos heroicos, ilustra muito mais

a beleza de alguém com enorme “vigor moral”. A crença religiosa teve forte influência de sua mãe, que a educou para “as coisas da alma” e em sua trajetória de vida, não vai ao convento, mas à guerra, o que não era de modo algum comum para as mulheres de sua época.

Em “Perfil de uma mulher misteriosa” (1950), assinado por P. H. Newby, esse novelista inglês discorre sobre a vida de Cleópatra que, embora considerada a “sereia do Nilo”, foi representada para o Ocidente como a maior “vamp” da história, protótipo de fascinantes e traiçoeiros encontros, temidos e odiados por “matronas ocidentais” moralistas. Para Newby, essa seria uma visão deturpada quando comparada ao que as feministas egípcias diziam então sobre Cleópatra: descreviam como uma linda mulher, faceira, sedutora, hábil estadista, que agiu em benefício do Egito, a favor do seu povo, do seu bem-estar e independência, tendo favorecido o comércio e a indústria, assim como as letras e as artes. Segundo esse artigo, na época em que Marco Antônio e Cleópatra se uniram, foi interessante para os romanos associarem a imagem dela à uma “víbora”, a uma inimiga perigosa que acabaria com os privilégios e poder dos senadores romanos. Assim, para enaltecer as velhas virtudes republicanas de temperança e austeridade, fora preciso degradar a imagem de Cleópatra, representando-a como “perniciosa”, “degenerada”, “imoral”, “perversa”, “licenciosa”. Shakespeare consagrou, no Ocidente, essa faceta de Cleópatra como mulher terrível. Entretanto, mesmo que Shakespeare tenha perpetuado essa lenda, existe uma grande distância entre, por um lado, o que foi descrito por Horácio e Plutarco e, por outro, por Shakespeare que adotou uma perspectiva mais romântica, onde Cleópatra teria feito tudo por amor.

Considerando a referência à beleza que tem destaque nas biografias de mulheres publicadas em *Eu sei tudo* e que estamos privilegiando aqui, sublinhamos que, segundo Newby, diferente do que era propagado no Ocidente, Cleópatra não tinha uma “extraordinária beleza”:

Era de pequena estatura, com um físico que lembrava mais o de um menino, porém uma graça e uma agilidade de movimentos que davam a todos uma impressão de beleza física bem proporcionada. Os olhos eram grandes e profundos, o nariz talvez proeminentemente aquilino, a boca firme e, algumas vezes, pesada. Os cabelos eram negros como o carvão. Não era uma mulher capaz de causar profunda impressão, mesmo a um homem pouco exigente. Aqueles que a conheceram melhor, falam do seu volátil e ambicioso espírito... (Ano 1950, edição 393, p. 25)

Percebe-se, nesse artigo sobre Cleópatra, a descrição de uma mulher determinada e disposta a tudo pelo poder e pareceu-nos que ela foi devidamente instruída, ao longo de sua vida, para ocupar essa posição, o que a levou, inclusive, a amar homens poderosos como César e Marco Antônio. Ao nosso ver, as narrativas apresentadas sobre essa rainha do Egito a apresentavam muito mais como uma mulher interessada no poder do que no amor pelos homens. Sua descrição como uma mulher “degradada” estaria, a nosso ver, a serviço de uma tradição patriarcal: tratar-se-ia de uma mulher, forte e poderosa, mas na qual não se poderia confiar, pois usava esses recursos para dominar e manipular os homens. Nesse contexto, *Eu sei tudo* aborda essa representação mais tradicional de Cleópatra e, ao mesmo tempo, procura desafazer-se dela, apresentando a perspectiva que Newby pôde traçar, por exemplo, a partir de dados obtidos das feministas egípcias da época da publicação desse almanaque.

Considerando os paradoxos que as três famosas mulheres biografadas em *Eu sei tudo* e aqui já citadas veiculariam, é interessante ainda abordar o retrato que, em dezembro de A redação desse texto é assinada por Virgínia Lee Warren⁹, jornalista do *The Times* que viveu com seu marido, também jornalista, muitos anos na Argentina. Para Warren, o poder pessoal de Eva Peron causou uma “grande impressão” considerando que a América do Sul seria o “confins do mundo”, um lugar distante onde a mulher estava em posição mais subserviente e menos importante. Por isso, ela ficou impressionada com o poder de Eva Perón. O artigo escrito por essa jornalista norte-americana destaca, por exemplo, como a mulher argentina ganhou o direito de votar por intercessão dessa Primeira Dama. Ele também aborda a estratégia de Evita para se tornar candidata nas próximas eleições: formou um partido – “Mulheres Peronistas” – e aproveitou-se da inexperiência das mulheres para se eleger a Presidente do Partido, uma posição de destaque e poder. Evita também é descrita como dedicada a seu esposo, Perón, colaborando com “tanta felicidade” na construção do que chamavam de “a nova justicialista Argentina”. Nesse contexto, vale citar um fragmento do discurso de Evita reproduzido no texto de Warren:

⁹The New York Times, 29 de janeiro de 1964. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1964/01/29/milton-bracker-chief-of-bureau-for-the-times-in-rome-dead.html>> Acessado em 8 de dezembro de 2017.

Quero terminar, dizendo o que sempre venho repetindo, Eva Peron não tem ambições, ou melhor, tem uma só ambição: deseja que algum dia a história argentina assinale que havia uma mulher ao lado do General Peron, uma esposa que lhe revelava os desejos e as esperanças do povo argentino, desejos e esperanças que o General Peron, pode converter em realidades. E ficarei muito satisfeita, e serei muito feliz, se a História acrescentar: dessa mulher sabemos apenas que todo o povo, entusiasticamente, apaixonadamente, chamava de EVITA. (Ano 1951, edição 415, p. 14)

O artigo sobre Eva Peron destaca que ela chegou, pela primeira vez, à Casa Rosada, em 1946, como esposa devotada a Perón, nutrindo também um ilimitado amor aos “descamisados”. Seu destino é contando como o de Cinderela: uma moça pobre passa a morar em um palácio. Ela é ainda apresentada como uma mulher com grande capacidade de manobra, persuasão, um “espírito vingativo” e com um senso de oportunismo. Sua influência e seu poder cresceram gradativamente: o povo lhe manifestava um “delirante entusiasmo”. Ela demonstrava um verdadeiro fanatismo para com seu esposo e Presidente da Argentina, dizendo que tudo o que fazia era para ele e seu país, mas, segundo o artigo de *Eu sei tudo*, não se tinha clareza se a ambição de Evita era para si mesma ou para seu marido.

Warren a retrata como uma pessoa menos agradável que Perón e ainda a destaca como uma mulher sedutora, combinando olhos escuros, cabelos metálicos, pele da cor da “magnólia branca”, perfil bem desenhado, corpo esbelto e bem feito, sempre vestida de forma elegante. Mas seu artigo ainda descreve como a ambição e a autoridade de Evita a levaram a perder sua “feminilidade”: por ser fria e implacável, consagrou-se a dominar o marido e ainda toda a Argentina.

Ficam explícitos, no retrato que *Eu sei tudo* faz de Evita, a força e o poder que a levaram envolver toda uma nação e liderá-la, ao modo de uma Cleópatra, ainda que em contextos históricos diferentes. Portanto Evita também é apresentada como uma mulher de personalidade forte, arrojada, sem limites para conquistar os seus anseios, mesmo quando parecia estar totalmente devotada para o esposo e para a vida pública.

Nas quatro biografias aqui resumidas, observamos o destaque dado por *Eu sei tudo* a mulheres arrojadas, poderosas e que apresentavam grande poder de sedução, seja nos níveis sensual e político (casos de Cleópatra e de Evita), seja apenas no nível político (casos da Rainha Vitória e de Joanna D’Arc). A beleza também é uma

característica que perpassa quase todas essas quatro biografadas, mas elas também são representadas como mulheres fortes, poderosas, heroicas e que ocuparam a posição de rainha, primeira dama ou mártir. Ainda assim, elas não deixavam de estar voltadas para o mundo masculino: Cleópatra se voltou para César e, depois, Marco Antônio; Joana, embora virgem, traçou sua vida para servir ao seu rei e sua nação; a Rainha Vitória, apesar da sua posição de grande autoridade, ainda arrumava tempo para se preocupar com seus familiares; Evita se valia do fato de ser esposa de Perón... Assim, ao mesmo tempo que veiculava uma representação de independência e poder associada a essas biografadas, *Eu sei tudo* insistia em demonstrar a vinculação de cada uma a referências patriarcais, evidenciando, segundo nosso ponto de vista, uma divisão e um conflito que atravessavam grande parte de suas leitoras.

Religião

Nesta categoria, em setembro de 1954, poderemos ler o artigo “A Igreja permitiu esses divórcios”. Nele, verificamos que, embora não reconheça o divórcio, a Igreja o admitiu em certos casos extremos: os cônjuges se dirigiram “à corte de Roma” e o Tribunal Romano efetuou a separação, quando os Tribunais de Primeira Instância do Arcebispo se declaravam incompetentes. Pelo Direito Canônico, a fidelidade e a reprodução dos filhos devem ser a finalidade do casamento e, assim, se um dos cônjuges não segue essas regras, a parte lesada poderia requerer a nulidade do casamento pela Igreja. Esta também admitia como um impedimento automático e passível de anulação o casamento entre parentes, o celebrado por um padre não habilitado e o realizado entre não batizado e batizado.

Destacamos os dois primeiros aspectos considerados pela Igreja como possibilidade de anulação do casamento: a infidelidade e a finalidade do casamento para a procriação. Parece-nos que a razão predominante aqui é justamente a manutenção da família. No primeiro aspecto, quem infringisse a regra da fidelidade, era considerado culpado por “tentativa de bigamia”. No segundo aspecto, a recusa, por parte de um dos cônjuges, de se ter filhos, também poderia levar à anulação do matrimônio. O artigo de *Eu sei tudo* cita dois casos: em um, o casamento foi anulado pela igreja, porque os noivos redigiram um documento pré-nupcial recusando-se a ter filhos e, depois, um deles se arrependeu de tê-lo assinado; em outro caso, a anulação foi obtida a partir do depoimento de que, durante o casamento, os esposos adotaram medidas

anticoncepcionais em “todas as suas relações de marido e mulher”, mas, após cinco anos de casado, o marido sentiu remorso, desejou ter filhos e entrou com o pedido de anulação do casamento, pois não conseguiu convencer a esposa quanto à procriação.

Casa Nova (2010), se refere à construção de estereótipos com a qual um controle era exercido por meio dos almanaques: crenças e normas eram veiculadas e acabam sendo absorvidas e perpetuadas pelas mulheres que liam essas publicações. Assim, as atitudes e comportamentos dessas leitoras acabam por reiterar as opiniões divulgadas pelos almanaques ou por encontrar nos artigos dessas publicações uma justificativa. Verificamos isso no modo como *Eu sei tudo* difunde um texto sobre o divórcio permitido pela Igreja, mas que, ao mesmo tempo, reforça os ideais de que o casamento seria para a reprodução da espécie, para a manutenção do patriarcado, para a sucessão de bens e a continuidade da família.

Trabalho

Nesta categoria, apresentaremos dois artigos: um de maio de 1945, “A mulher dos crocodilos”, assinado por Vítor Forbin e o outro de janeiro de 1948, “A mulher e a medicina”, que aparece sem assinatura. No primeiro artigo, trata-se de uma mulher indiana, que “quebrou a tradição” e foi “sequestrada” de suas relações, de seus laços sociais. No segundo artigo, trata-se de uma mulher que se torna médica quando esta era uma profissão destinada de modo mais frequente apenas aos homens.

Em “A mulher e os crocodilos”, temos a história de uma jovem hindu, oriunda de uma casta superior que se viu forçada a escolher a carreira de criar, educar e cuidar de crocodilos. Isso aconteceu porque ela “quebrou a tradição”, violando as regras de sua casta quanto a poder tocar em um cadáver de um cristão. Sozinha e sem recursos, encontrou refúgio junto a uma família do diretor de um circo que estava de passagem por Calcutá, seguindo sua vida como funcionária deles, tratando dos crocodilos. Nascida às margens do Ganges, ela se chamava Siva, nome também de um dos deuses da trindade indiana – Siva¹⁰, “o destruidor”. A esse deus, na mitologia hindu, atribuiu-se uma metade de corpo de homem e outra metade mulher, permitindo-lhe reivindicar os dois sexos. Nesse termos, Siva, a protagonista do artigo que estamos apresentando,

¹⁰ Os outros dois são: Bhrama, “o criador” e Vishnu, “o preservador”.

acabaria tendo os dois sexos: um, pelo nascimento (feminino) e, outro, pela profissão que acabou adotando por quebrar a tradição (masculino).

No artigo de janeiro de 1948, “A mulher e a medicina”, somos informados sobre a primeira “mulher-médico” (o segundo substantivo aparece no masculino): Elisabeth Blackwell (1821-1910) tornou-se médica em 1849, em Nova York. A Medicina era considerada uma das mais nobres profissões por sua empolgante luta contra a dor e a morte, mantendo uma “profunda afinidade com o espírito feminino”, mas, ainda assim, as pessoas costumavam dizer que Elisabeth Blackwell era “louca, ou coisa pior!” (Ano 1948, edição 368, p.33). Afinal, ela havia desafiado “o mundo”, ou seja, um modelo de sociedade fixada em valores patriarcais e que restringia a mulher ao lar e a maternidade, pois se tornou precursora, como mulher, ao se formar em medicina. Segundo *Eu sei tudo*, Blackwell acabou promovendo a entrada de outras mulheres nas ciências médicas e em várias profissões ligadas à medicina. Essas mulheres, segundo este almanaque, encontraram suas realizações no trabalho fora do lar e mereciam todo o reconhecimento, na medida em que trocaram “horas de prazer material, as vaidades mundanas, o luxo da *toilettes* e [...] as próprias delícias de um lar, do casamento e da prole...” (Ano 1948, edição 368, p.33) pelo trabalho, evidenciando um sacrifício da mulher a favor da humanidade.

Os artigos representam duas mulheres igualmente fortes e heroicas, por sua determinação. Uma, por não ter mais um lugar social frente ao preconceito de sua casta, se viu forçada a reinventar sua vida, numa época onde a tradição e a referência patriarcal eram praticamente inquestionáveis, atribuindo à mulher representações fixas e restritas ao lar, designando o que lhe era permitido ou não. Por sua vez, a segunda rompe também outro tipo de tradição ao se tornar a primeira “mulher-médico” em uma época na qual, inclusive, não se adotava o feminino para “médico”.

Outro aspecto relevante do artigo dedicado à “mulher-médico” diz respeito à tradição “mulher-mãe”. Mesmo com a ruptura realizada no âmbito profissional e certo distanciamento da posição materna, a manutenção da representação da mulher como mãe se mantém: a “mulher-médico” abre mão do “prazer” da maternidade por outra “maternidade” relativa à profissão por ela adotada. Afinal, a medicina era considerada como uma missão sagrada que se aproximava do “espírito feminino” por sua dedicação, capacidade de cuidados e de entrega àqueles que necessitavam de certa presença materna ao se encontrarem na condição de enfermos.

Economia doméstica

Essa categoria privilegia o lar: como torná-lo agradável, um “sweet home” para os homens. Dos sete artigos selecionados inicialmente, priorizaremos quatro, por seus relatos sobre a importância do lar e de tudo que concerne a seu bom funcionamento, tal como a presença de uma empregada doméstica.

Em “As pequenas dificuldades e hesitações de uma dona de casa”, temos o próprio relato da vida da Duquesa de Windsor, nas Bahamas. Embora o artigo inicie falando sobre seu trabalho na Cruz Vermelha, em dois Postos de Saúde para a Infância, e em duas cantinas que atendiam entre 600 a 800 soldados, é privilegiada a relação dessa duquesa com as tarefas do lar. Bessie Wallis Warfield, a Duquesa de Windsor¹¹, antes de se casar com o Duque, foi uma socialite norte-americana. O Duque, Eduardo VIII do Reino Unido, abdicou de seu trono para se casar com ela, e viveram nas Bahamas, por cerca de 5 anos.

Segundo os relatos da Duquesa, em 1943, época em que tal artigo foi escrito, a sociedade estava se tornando mais rápida. Portanto, era necessário que as pessoas fossem mais flexíveis, para lidarem com a forma apressada da vida do pós-guerra. Essa flexibilidade lhe exigia uma divisão entre seu trabalho voluntário e as tarefas do lar. Para a Duquesa, o grande e precioso segredo para tornar uma residência mais sedutora seria um toque pessoal. Entre as tarefas priorizou frente a seu tempo reduzido, são citados o arranjo das flores e a decoração da mesa de refeição em *Government House*.

Chama-nos a atenção essa divisão apontada pela Duquesa entre as tarefas do lar e seu trabalho fora de casa porque assim, mesmo ela, uma duquesa, se aproxima de muitas mulheres de sua época. Nesse contexto, é significativo quando ela se apresenta como mais uma entre todas as donas de casa:

Como todas as donas de casa, hoje, tenho que economizar. Os sabonetes, por exemplo! Os hóspedes sempre chegam ansiosos por um banho, com isso sou forçada a abrir novas caixas de sabonetes. Mas aproveito o que sobra... A esse respeito, o Duque sempre graceja comigo afirmando que, desde que nos casamos, ele nunca pode conseguir para seu uso um sabonete novo... Hoje, o Duque, seus ajudantes de ordens, secretários e eu

¹¹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wallis,_Duquesa_de_Windsor> Acessado em Dezembro de 2017.

própria, aproveitamos o resto dos sabonetes, usados por nossos hóspedes. (Ano 1943, edição 318, p. 45)

Assim, uma mulher relacionada à realeza e à nobreza, rodeada de poder e riqueza também se coloca como mais uma entre muitas: apesar de sua posição social, foi capaz de trabalhar fritando ovos e economizar nos sabonetes. Logo, as leitoras de *Eu sei tudo* são levadas a concluir que, de fato, é fundamenta; para uma mulher o cuidado com lar, mesmo quando se trabalha fora.

Temos também essa exaltação do lar em “Soluções para o problema da empregada” (1944). Nesse artigo, Murphy, faz uma longa descrição, a partir de sua própria experiência, sobre como se deve tratar uma empregada doméstica. Relata que nunca teve problemas, ou dissabores com empregadas e que é “dona de casa” há dezesseis anos: portanto, sua “boa fortuna” não pode ser sorte de principiante e isso lhe dá condições de discutir, em público, o que chama de “estado de felicidade doméstica”, que é cada vez mais difícil de se conseguir. Entre suas orientações, diz que uma empregada deve ter entusiasmo para trabalho, saber lidar com higiene pessoal e da casa, com o dinheiro; deve ser inteligente sem ser questionadora, ter religião e gostar do seu empregador, ou seja, da “patroa”. Para Murphy, uma empregada tem direito a receber uma ligação de telefone por semana, uma folga semanal, uma semana de férias pagas no fim do primeiro ano e duas semanas nos anos subsequentes. Essa forma de contratar e lidar com a empregada dá bons resultados: após três meses de trabalho, sua “criada”, antes inexperiente, já se encontrava em condição de preparar um jantar de cerimônia para doze pessoas. Por fim, sustenta que a empregada seria “um ser humano normal”, mas, “se não o é, nada tem que fazer em sua casa” e, “se o é, trate-a como tal.” (Ano 1944, edição 326, p. 24).

No artigo “A casa é como a mulher” (1948), novamente, a ênfase recai sobre como a dona de casa deveria preocupar-se com a arrumação e decoração de seu lar, sem exageros e sem a omissão dos cuidados que são tão próprios desse sexo. Por exemplo, cita que uma “parede nua” serve para um hospital, mas não para um “ninho nupcial”, de um casal novo. A decoração de uma casa, nesse sentido, pode tornar-se simbólica, representativa de um ideal: o *sweet home* seria o local para descansarmos das lutas diárias, em companhia de nossa família, nas únicas horas verdadeiramente felizes da vida. Com isso, a mulher que governasse uma casa deveria pensar, antes de tudo, em enfeitá-la, pois uma casa “desataviada é como a própria mulher sem pó de arroz, sem o

cabelo penteado, sem um toque distraído, casual de *rouge*, acendendo um pouquinho o rubor da face”. (Ano 1948, edição 370, p. 26).

Em abril de 1948, é publicado “Dezesseis horas na vida de uma mulher”, focalizando a jornada de trabalho de uma mulher que deveria dividir seu dia total em três partes: um terço para dormir, um terço para trabalhar, e outro terço para as demais atividades, inclusive as refeições, as diversões e o cuidado com o corpo e com a alma. Segundo esse artigo, oito horas de sono seria quase um dogma e oito horas de trabalho representava uma conquista social em 1948. Entretanto, para as mulheres donas de casa, esse horário de trabalho nem sempre era possível e o texto indaga, então, sobre como colocar, nas 16 horas da jornada de uma mulher, apenas as oito horas regulamentares do trabalho, como se reivindica legalmente. Ainda nesse mesmo contexto, e veiculando as exigências da “dupla jornada” das mulheres como esposas-mães e, também, trabalhadoras fora de seus lares, *Eu sei tudo* sustenta que a “madame” deve dividir muito bem o seu dia, não deixando trabalho para o dia seguinte. Nessa divisão, haveria uma transcendência na tarefa diária da mulher como dona de casa, pois o lar representaria um refúgio para o homem, e a mulher deveria promove-lo à categoria de “delícia”.

Fica evidente, a nosso ver, que a linha editorial do *Eu sei tudo*, mesmo destacando a vida profissional das mulheres como uma realidade cada vez mais frequente, não deixa de privilegiar a dedicação de uma mulher ao lar e à maternidade.

Estética/comportamento

Nessa categoria, encontramos 27 artigos que falam sobre diferentes temas: sete sobre beleza, nove que demonstram a mulher em relação a sociedade e um pensamento que parece emergir evidenciando uma abertura a respeito da representação da mulher, seis sobre o casamento (dos quais priorizaremos três) e cinco artigos sobre mulheres criminosas (dos quais destacaremos dois). Deparamos, nesses artigos, com uma diversidade de mulheres: belas e do lar, superiores ou inferiores, gastadeiras, aquelas que podem ser a expressão do que há de mais monstruoso e também as criminosas. Encontramos, ainda, a reiteração do pecado original imputado de modo incisivo à mulher. Há também menção às mulheres que, em certas culturas, passaram de escravas àquelas que exprimiam a representação da feminilidade, mulheres com uma trajetória de conquistas, inclusive por ocuparem espaços antes restritos aos homens, assim como

esposas que abandonam seus maridos nas férias e discussões sobre os sucesso e o fracasso do casamento.

Sobre a beleza, novamente nos chama atenção a ênfase adotada pela linha editorial de *Eu sei tudo*. Em março de 1940, em “Cabeças femininas”, temos um relato sobre a importância dos cabelos na vida de uma mulher: é dito que ela tem cabeça, mas, em vez de esta lhe abrir rumos para o trabalho, é a mulher que tem trabalho, ou seja, gasta tempo com a cabeça. Assim, a referência à cabeça acaba dando lugar a uma frase que deprecia a mulheres mulher. É que também aparece na seguinte passagem: “mulheres de todas as idades perdem horas arrumando os cabelos, que só elas apreciam, pois nenhum homem é capaz de apreciar a mulher, por eles [os cabelos]”.

Em janeiro de 1941, um artigo é dedicado ao uso do chapéu: “O chapéu e a silhueta feminina através do tempo”. Somos informados de que, na Inglaterra, o chapéu tinha uma importância para além da estética, pois era signo de classe social: uma mulher burguesa se distinguia de uma mulher proletária pelo direito de usar chapéu. Nenhuma lei regulava esse adereço, mas o uso tinha força maior do que a de um decreto escrito: uma operária que se atrevesse a substituir a touca por um chapéu poderia ser vaiada e perseguida nas ruas, por suas próprias companheiras.

Em outubro de 1941, “A beleza feminina através da idade” ressalta como, em cada época da história, houve um tipo ideal de beleza, e a arte teria sido o fator responsável por fixar essa representação “para sempre”, mesmo se a mulher “variase” constantemente. Questiona-se, então, se houve uma evolução da beleza feminina, se o tipo da época de 1941 era superior fisicamente a outros ou se não era uma simples repetição de séculos passados. Ao final, conclui-se que, para a beleza feminina, não haveria “regras, nem cânones”. Por exemplo, duas mulheres poderiam diferir em tudo e serem belas. Aqui, nos perguntamos se algo que nos parece ser fluido aproxima tal representação da feminilidade daquela que vamos encontrar em nossos dias, marcados, como vimos no primeiro capítulo, pelo que é vago, múltiplo, “líquido”. Entretanto, um ponto de fixação dessa fluidez aparece: o que influenciaria uma representação sobre a beleza em certa sociedade seria, segundo esse artigo de *Eu sei tudo*, a autoridade do artista e o prestígio de suas criações; o artista, como formador de opinião, acabava por ditar um padrão, influenciando uma geração por meio de sua preferência pessoal. Teríamos, então, uma espécie de “fidelidade à beleza” baseada em um “único tipo”

priorizado pelo artista. Como exemplo, é citada a “girl” de Gibson¹², responsável por fixar um padrão de beleza da mulher norte-americana, do primeiro decênio do século XX. Ao mesmo tempo, considerando as mudanças rápidas introduzidas por meio do cinema que veicula um estereótipo, um modelo de mulher, universalizando-a instantaneamente, esse artigo também não deixa de apontar para impossibilidade de se manter um padrão indefinidamente, pois a “velocidade”, a “instabilidade” e o “ecletismo” seriam os signos do século XX e, aqui, de novo, encontramos uma referência, na modernidade da década de 1940, à fluidez, à fragmentação e à dispersão que, no capítulo anterior, assinalamos como características da subjetividade contemporânea:

O cinema, que é, hoje, o veículo rápido e eficaz todos as visões, universalizando-as, por assim dizer, instantaneamente, representava-nos, há vinte anos, um tipo bem nítido de mulher fatal, irresistível - a “vamp”. Era sólida maciça, pesada como um “tank”. Chamava-se Theda Bara ou Nit Naldi. Há dez anos, era frágil, enigmática com aspecto sonhador e doentio – Greta Garbo... Hoje é Bette Davis. Não tem a força bruta das primeiras, nem as atitudes dolentes e amaneiradas da segunda... É bastante que tenha muito talento, tanto que lhe permita nos dar a impressão de ser natural e simples, nas boas como nas más qualidades. (Ano 1941, edição 293, p. 86)

Na sequência dos artigos especiais relacionados à mulher e à beleza, teremos, em janeiro de 1942, “As madonas de Rafael”, apresentando como modelo de beleza a Virgem, três meses após a discussão sobre a representação da mulher na arte e no cinema. Essa forma de abordagem pareceu-nos apontar uma perspectiva diferente da anterior, que considerava um movimento em relação a representação da mulher, já indicando certa fluidez quanto ao que definiria a beleza como passível de mudar velozmente por meio do cinema. Uma nova forma de veicular arte e cultura, que incidiu na representação de padrões fixos e definidos, tornando-os mais fluidos e líquidos. Assim, de uma perspectiva mais arrojada e avançada sobre a mulher, retoma-se, três meses depois, a representação da mulher associada ao padrão da imagem artística e rafaelita da Virgem. No conjunto das obras de Rafael, são destacadas duas categorias de

¹² Charles Dana Gibson (1867-1944), o primeiro ideal de beleza feminino do século foi lançado por esse ilustrador norte-americano: penteados sofisticados, cintura de vespa, elegância natural e uma sólida educação dos modos e atitudes (cf. site Brasil 247. com). Trabalhou em revistas como a “Life” e a “Harper’s”.

representação bem distintas de Madonas: uma a mulher-mãe, representação da “Virgem” do ponto de vista terrestre, e a outra seria a mãe do Redentor, a “Virgem” divinizada. Essa dupla categorização nos permite destaca como a representação feminina promovida por *Eu sei tudo* dava um lugar especial à maternidade e à virgindade.

Reiterando a representação na qual a subjetividade feminina tem na beleza um atributo de grande destaque, o artigo “Estranhos conceitos de beleza” (1953), assinado por Albert. A. Brandt, descreve como uma mulher pode se apresentar bela e desejável para, segundo seus termos, “pegar marido”. O ponto fundamental é a beleza representada na mente de cada um: “os olhos veem o que a mente interpreta, o que a mente julga ser belo” (Ano 1953, edição 433, p. 66). Assim, para uma mulher ser bela, teríamos em mente certos atributos de forma e características gerais: poderíamos olhar para certas mulheres e concluir que elas são atraentes, mesmo havendo alguma discordância em relação a certos padrões. Dessa forma, como não há uniformidade de opinião, o autor sustenta que não existe uma norma universal de beleza: “o que para nós se afigura belo, pode constituir motivo de revolta para um nativo da África ou da Ásia e, da mesma forma, o que para eles é motivo de admiração, para nós não passa de algo tremendamente feio, horrendo, mesmo”. Ainda assim, segundo esse autor, as diferentes culturas trabalham com diferentes ornamentos para que a mulher se torne atraente. Nesse contexto, embora os ornamentos sejam diferentes, o motivo de se usar tais ornamentos seria sempre o mesmo e isso foi revelado por uma chinesinha a uma missionária. Esta última havia questionado fortemente o costume chinês terrível de deformar os pés femininos, aprisionando-os, desde a infância, em sapatos de madeira para que não crescessem e recebe, da chinesinha, a seguinte resposta: “Eu aperto os pés... A senhora aperta a cintura! ... Muito parecido. E para quê? Oh! A senhora sabe, para ‘pegar marido!’” (Ano 1953, edição 433, p. 69)

Essa associação entre a feminilidade e as estratégias para “pegar marido” pode ser contraposta, a princípio, no mesmo *Eu sei tudo*, com o que aparece em dois outros artigos nos quais a “mulher moderna” estaria inserida em outros tipos de relação, diferente daquelas do lar. Esses artigos são “A história da máquina de costura” (1943) e “Deve a mulher restringir-se ao lar?” (1944). Ambos, de início, fazem referência à luta histórica das mulheres por direitos em uma sociedade que privilegia o homem, mas, ao mesmo tempo, nas entrelinhas, eles parece-nos acabar por reforçar a representação da mulher como “do lar”. Assim, “A história da máquina de costura” (1943) aborda a

preferência da mulher moderna pela máquina de escrever, que lhe é um meio fácil de se “ganhar a vida” e um “amável pretexto para fugir do lar, escapar daquelas quatro paredes em que se consumia a existência de outras criaturinhas de há trinta anos” (Ano1943, edição 309, p. 25). Porém, esse mesmo artigo focaliza, inclusive se referindo ao sentimentalismo do homem, a lembrança da mãe na máquina de costura. Alude, ainda, os “ateliers” nos quais se trabalhavam oito horas diárias, com máquinas de costura manuais, elétricas, movidas pelas “pequeninas profissionais” e evoca que, em certas residências, ainda se podia ouvir a máquina de costura funcionando até bem tarde da noite. Nessa evocação, o artigo toma um tom mais sentimental ou mesmo nostálgico: “pode ser a mãe que confecciona para uma filhinha o vestido novo que não pode comprar. Ou a mulher jovem, que resolveu ser sua própria costureira” (Ano1943, edição 309, p. 25). Embora para o *Eu sei tudo*, a “mulher moderna” preferisse a máquina de escrever à de costura, pareceu-nos que a posição mais enaltecida é a da mulher que trabalha na máquina de costura para cuidar do lar e dos filhos, o que dá grande valor à família.

Por sua vez, em “Deve a mulher restringir-se ao lar?” (1944), a ênfase recai sobre uma “guerra-relâmpago” entre cronistas de renome contra certo “grêmio lítero-social feminino”. Os comentários desses cronistas, tomando como referência um grupo de mulheres escritoras, poetisas e declamadoras de poesia, aconselhavam que a mulher retornasse ao lar, de modo a empregar melhor seus esforços nos afazeres domésticos. Como uma das representantes do “grêmio-feminino”, temos Mrs. Charlotte P. Gillman, pioneira do movimento feminista nos Estados Unidos: ativista, ela dedicou-se à construção das bases filosóficas do movimento e lutou por uma equiparação da mulher ao homem, em todos os tipos de atividade humana; criticou a sociedade como “um mundo” somente para homens e que desconsiderava opiniões, inclinações e necessidades da mulher, atribuindo-lhe o “sexo fraco”. Gillman, então, propôs a abolição do lar, a criação dos filhos por profissionais especializados, a importância da mulher casada ter uma vida produtiva e ainda dizia que as concepções sobre religião, literatura ou política eram falsas porque foram criadas por homens e para homens. Mas, ao mesmo tempo que *Eu sei tudo* apresenta as ideias e propostas vanguardistas e feministas de Gillman, conclui destacando um reposicionamento dessa pioneira antes de morrer:

renegou a fé que alimentara toda a vida, para afirmar, corajosa e honestamente, a superioridade do homem sobre a mulher, reconhecendo, com a mesma bravura tradicional, que o papel principal, e único papel da mulher, é o de ser mãe e nada mais. (Ano 1944, edição 330, p. 78)

Logo, mesmo se o tema da igualdade dos direitos entre os sexos estava em pauta no artigo “Deve-se a mulher restringir-se ao lar?” (1944), podemos dizer que, para *Eu sei tudo*, essa “guerra- relâmpago” já estava ganha pelos homens. Afinal, a última declaração da renomada feminista viria reconhecer o papel fundamental da mulher como o de ser mãe.

Em maio de 1954, um artigo intitulado “A mulher chinesa: a grande escrava de ontem é dotada do mais admirável tato feminino” apresenta-nos um relato sobre a mulher na cultura chinesa, onde a “desigualdade dos sexos se fixara em longos séculos de tradição nos costumes do seu povo e foram necessárias duas revoluções para que a mulher chinesa conquistasse a mesma classe social de que se beneficiam as mulheres nos demais países do mundo” (Ano 1954, edição 444, p. 33). Por tradição, o concubinato, costume aceito e praticado na China, permitia aos homens comprarem suas mulheres e as restringirem à casa. Eram bem tratadas, tinham o reconhecimento e estima de seu esposo, não eram escravas, mas eram completamente banidas da vida pública em função dos ciúmes de seus maridos. Segundo esse mesmo artigo, foram duas as transformações que incidiram na vida da mulher chinesa: a promulgação de um novo Código Civil, em 1920, abolindo o concubinato e a compra de esposas; a revolução de Mao Tsé Tung que emancipou a mulher chinesa e lhe deu o acesso à vida pública, possibilitando-lhes, a partir de 1954, uma vida amorosa mais livre e o acesso a várias profissões antes acessíveis apenas aos homens. Por isso, a mulher chinesa, segundo esse artigo, se serviu de modo bem inteligente da evolução política, econômica e social de seu país e esse seria o “tato feminino” aludido desde o título mesmo dessa matéria de *Eu sei tudo*. Para finalizar, são citadas as palavras de Frau Lang, uma alemã que escreveu importante livro sobre a vida da China naquele contexto:

A mulher chinesa moderna, mesmo que trabalhe na indústria ou exerça uma profissão liberal, tem uma qualidade que falta geralmente às ocidentais e muito auxilia para o êxito do casamento: como suas avós, as chinesas de hoje são dotadas de grande tato feminino. Embora sejam iguais a seus maridos ou

mesmo superiores a eles, agem sempre de tal maneira que não fique ferido o orgulho masculino. (Ano 1944, edição 444, p. 38)

Ao se referir, no título, à chinesa como “a grande escrava de ontem”, esse artigo de *Eu sei tudo* se vale do fato de que os homens chineses, quando compravam suas mulheres e as restringiam exclusivamente ao lar, colocavam-nas em uma posição de “esposa-escrava”. Nesse contexto, ele apresenta uma perspectiva crítica com relação à representação feminina segundo padrões patriarcais, mas não deixa de reforçar, ao mesmo tempo, uma concepção conservadora quanto à subjetividade feminina – o “tato feminino” das chinesas é que pode aceder à vida pública sem ferir “o orgulho masculino”.

Em julho de 1950, no artigo “Um escândalo em Paris: Cleo de Merode?”, aborda o quanto a dançarina Cleo de Merode se sentiu ofendida pelo que Simone de Beauvoir escreveu sobre a mulher em *O segundo sexo*. Sobre esse livro, a posição do articulista é: “não sabemos se feminismo ou antifeminismo, pois não lemos o livro. Parece que [é] apenas uma obra que vai dos mitos aos fatos, sendo o tema enfrentado com decisão, firmeza e austeridade”. (Ano 1950, edição 398, p. 26). Esse escândalo, segundo *Eu sei tudo*, aconteceu entre duas senhoras, Cleo Merode, “puro estilo de 1900” e a escritora existencialista Simone de Beauvoir, um “estilo contemporâneo de 1950”, que em seu livro teria feito crítica a esse estereótipo de mulher “puro estilo de 1900”. Segundo Beauvoir, as transformações sociais e econômicas do modelo de sociedade da época, teria abolido esse “estilo” de mulher, “o tipo das Cleo Merode”. A dançarina, sentiu-se ofendida, tomando essa crítica como pessoal, e processou a escritora existencialista. Vale ressaltar, a propósito desse artigo, algo que se parece novamente com uma posição mais conservadora de *Eu sei tudo*, pois ao mesmo tempo em que o almanaque demonstra uma nova tendência do pensamento, enfatiza a posição de Merode, que seria precisamente a posição de uma mulher mais conservadora.

Sobre a temática do casamento, priorizaremos o artigo “Uma das maiores tragédias da humanidade: 20 milhões de mulheres procuram marido” (1943). Ele discute o celibato da mulher, apresentado como uma tragédia advinda da Grande Guerra de 1914-1918 na medida em que esse conflito mundial causou a morte, o desaparecimento ou a invalidez de milhões de homens. Então, as mulheres ficaram sem casamento porque não tinham mais homens disponíveis. Segundo esse artigo, esse desequilíbrio entre o número de homens e mulheres condenava as mulheres à “vida de solteira”. Algumas das medidas tomadas para esse problema foram: imigração de homens

estrangeiros; anulação das restrições contra a poligamia; tolerância ao concubinato e, mesmo o matrimônio de um homem com duas ou mais mulheres; a criação de impostos para taxar os homens solteiros com mais de 25 anos e também o celibato. Porém, os resultados obtidos não foram satisfatórios e foram estimuladas a produção de festas religiosas e populares onde, por exemplo, moças solteiras podiam revelar seu desejo de casar indo à rua com um chapéu de papel de jornal, indicativo de disponibilidade para o matrimônio. Ainda assim, o número de mulheres esquecidas e solteiras não deixou de continuar aumentando.

Um segundo problema, advindo do primeiro, conforme esse mesmo artigo dedicado à “tragédia” de milhões de mulheres ficarem sem marido, foi o aumento do número de mulheres nas fábricas, nas lojas, nas repartições e nos escritórios: elas passaram a ocupar cerca de 50% dos empregos públicos e particulares – por um lado, essas mulheres resolveram o seu próprio desamparo, sendo provedoras de sua própria vida; por outro lado, o marido se tornou mais difícil porque, uma vez concorrendo com os homens nos empregos públicos e particulares, o trabalho feminino deixou um maior número de homens desempregados ou sem possibilidade de acesso a esses postos. Esse artigo ainda afirma que, para que alguns casamentos ocorressem, a mulher trabalhar fora de casa não seria um empecilho e isso, ao contrário, poderia até facilitar-lhes o matrimônio na medida em que o ordenado da mulher contribuiria com as despesas do lar. Porém, esse artigo não deixa de ressaltar que a maioria dos homens preferia que sua esposa não trabalhasse fora do lar:

A mulher que trabalha e recebe ordenado (embora pequeno) logo se julga independente, cita seu esforço sob qualquer pretexto e isso ofende o marido que sempre foi, em todos os tempos, desde as cavernas, a cabeça e o braço da família. Enfim, tudo concorre para agravar um mal que se eterniza. (Ano 1943, edição 318, p. 42)

Dessa forma, restaria à mulher duas possibilidades: ficar em casa, aguardando um marido problemático ou ir para a rua, trabalhar. Porém, segundo *Eu sei tudo*, o trabalho feminino fora do lar poderia piorar a situação do matrimônio, pois a mulher poderia se vulgarizar nesse tipo de trabalho e irritar o homem sendo-lhe, por exemplo, uma concorrente nos empregos. Nesses termos, parece-nos que esse almanaque enfatiza a representação da mulher como sendo aquela “do lar”. Nessa

mesma direção, ele indica uma solução para o celibato feminino que não deixa de reforçar os ideais patriarcais, na medida em que caberia às mulheres casadas dar à “pátria” um “maior número de filhos varões” para que, estabelecido o equilíbrio numérico entre homens e mulheres”, não houvesse mais “tantas solteiras neste mundo”. Portanto, para o almanaque *Eu sei tudo*, mais uma vez, a solução seria a mulher aceder à posição de mãe, procriando filhos do sexo masculino.

“A ciência se preocupa com os solteiros” (1952) é um artigo que se propõe esclarecer os motivos que levam homens e mulheres a não contraírem matrimônio. Segundo seu autor, as mulheres solteiras seriam mais felizes que os homens celibatários, mas essas duas categorias, em relação com os casados, viveriam menos. Então, deveríamos proporcionar aos filhos uma criação que impedisse que eles desenvolvessem aversão ao casamento. As mães deveriam educar os filhos homens para terem autonomia frente à vida e não serem seus dependentes, os pais dividiriam os deveres da educação do filho e deveriam ter igual autoridade em matéria de disciplina. Essa perspectiva deveria ser aplicada também à criação da mulheres, mas sempre com o cuidado de impedir que permanecessem solteiras. Por isso, se a “moça” for privilegiada com uma inteligência acima do normal, ela deveria procurar escondê-la, pois isso não atrai um homem e, sim, o assusta: uma mulher deveria usar o “cérebro” para não esquecer que, acima de tudo, é a mulher o que eles procuram e não a sua inteligência.

Em setembro de 1952, no artigo “Um drama que só eles conhecem, os maridos abandonados”, Jhan e June Robbins discorrem sobre as dificuldades que os homens enfrentavam com os afazeres domésticos quando esposa e filhos saíam de férias. As dificuldades eram tantas que alguns homens chegavam a se deprimir. Para evitar essa possível depressão, a esposa deveria, então, deixar o lar todo organizado antes de sair de férias e, assim, novamente, encontramos *Eu sei tudo* defendendo para as mulheres uma representação pautada em ideais patriarcais.

Finalizando a categoria, *Estética/comportamento*, priorizaremos dois artigos sobre mulheres criminosas. Esse tema, ao ser abordado por um almanaque como *Eu sei tudo*, merece destaque. Verificamos, em diversos artigos, que, embora esse almanaque faça referências a mulheres inovadoras, pioneiras e desbravadoras, deslocando-as de identidades e representações mais fixadas no conservadorismo patriarcal, ele sempre retorna à representação identitária que fixa a mulher como alguém mais restrito ao lar. Ao nosso ver, quando ele inclui retratos sobre mulheres criminosas, essa seria também

uma forma de reforçar o ideal patriarcal em um mundo moderno permeado por transformações que já o colocavam em causa.

Assim, em fevereiro de 1945, foi publicado “A mulher e o crime”, assinado por Frederic Boutet. Segundo tal autor, a mulher teria cometido o crime do pecado original, gerador de todas as faltas, de todos os vexames, de todos os males da humanidade sendo considerado “crime do primeiro dia do mundo”: Eva, tentada pela serpente, tentou Adão. Então, como consequência da maldição divina, todas as filhas de Eva estariam sob o julgo do domínio do homem ao longo das gerações. A mulher não seria mais tratada como uma companheira, mas como um ser inferior, sob a lei do mais forte. Assim, nesse artigo, o que o autor destacou foi essa posição feminina de servilismo, da mulher dominada e subjugada pelo homem.

Também do mesmo autor, em março 1945, na edição 344 de *Eu sei tudo*, é publicado o artigo “A mulher e o crime: dramas de família e dramas políticos”. Esse texto faz referência a mulheres que, antes frágeis e incompreendidas, deixaram de ser sensíveis para se tornarem “mulher macho” e rivais dos homens: “a virago, que se mostra sem candura, sem, piedade e sem feminilidade... não hesita em vingar com a morte de outrem” (Ano 1945, edição 334, p. 45). Nessa vingança, algumas mulheres procurariam se rebelar contra a tirania marital ou paternal, visando à libertação das condições de esposa e de filha. Como exemplo, o artigo descreve dois crimes cometidos por mulheres. No primeiro, filha e madrasta matam o pai, agressivo, violento e que assediava sexualmente a própria filha, despertando o ódio da madrasta: a filha se alia a madrasta, pois ambas sofriam os atos violentos do homem em questão. O outro crime relatado é o de uma milionária francesa com influência no meio político: não se esperava tal atitude, por parte dessa mulher, mas ela mata sua nora ao saber que esta encontrava-se grávida de cinco meses. O motivo teria sido não concordar com a escolha do filho por aquele tipo de mulher que passaria a ser sua herdeira,

Outros casos de assassinato bem mais violentos são também abordados em *Eu sei tudo*. Por exemplo, por um artigo de abril de 1950: “A mulher Monstro de Csejthe: matou 600 virgens para banhar-se em seu sangue e conservar a sua beleza”. Esse artigo apresenta uma mulher que cometia crimes por amor à própria imagem. Assim, da mesma forma que temos homens-monstros, tais como o “Estripador de Londres” e o “Barba Azul”, tínhamos mulheres-monstros, como foi Elizabeth Bathory. Ela, de início, sofrendo uma repentina hemorragia nasal, teve manchado seu rosto com o seu próprio sangue. Limpando-se com um lenço, pôde verificar sua imagem no espelho

e descobriu sua pele mais lisa e suave. Foi assim que nasceu, em seu “espírito enfermo”, a ideia de banhar-se em sangue humano a fim de conservar uma pele fina e aveludada, como se fosse a de uma criança recém-nascida, segundo suas próprias palavras.

Nesses artigos de *Eu sei tudo* sobre mulheres criminosas, a violência cometida por mulheres serve para que seja reiterado o ideal patriarcal da mulher como restrita ao lar.

Gênero

Nesta última categoria, priorizamos artigos que tematizam mais diretamente as relações entre o homem e a mulher, o feminismo e o divórcio. Adotamos para essa categoria um nome – “gênero” – que não tinha, à época de *Eu sei tudo*, a grande repercussão que ele apresenta nos nossos dias. Mas nos pareceu importante utilizá-lo para podermos melhor cotejar, mais adiante, a representação feminina veiculada por essa publicação nos anos 1940-1950 e os modos como a subjetividade feminina se apresenta no mundo contemporâneo e globalizado.

No artigo de novembro de 1941, “A Finlândia desconhecida: o feminismo e a indústria”, é relatado como a Finlândia, historicamente, foi o primeiro país a conceder direitos políticos às mulheres. Em 1906, as mulheres finlandesas obtêm igualdade política absoluta com os homens finlandeses e, em 1907, dezenove deputadas passam a compor o quadro político da Finlândia. Em 1926, pela primeira vez, uma mulher finlandesa assume a chefia de um ministério dos Negócios Sociais. Entretanto, o artigo também demonstra como esses avanços feministas estavam regredindo devido a um forte movimento para a retirada da mulher da vida social, reconduzindo-a ao lar sob a orientação econômica do homem.

Em agosto de 1950, o artigo “A hora é das mulheres!” sustenta que os homens falharam e, portanto, as mulheres seriam mais capazes. Tal sustentação é fundada na dedução de Maurice Toesca, um escritor francês, sobre o desempenho do homem na sociedade. Em seu livro *A questão das mulheres*, Toesca afirma que as mulheres teriam horror à destruição e desejo pela criação. Com isso, teriam horror ao porte de armas e nenhuma tendência ou gosto de morrer gloriosamente porque, ao contrário, gostavam de viver. Os homens, por sua vez, teriam uma inteligência destruidora enquanto as mulheres têm o instinto da conservação, inclusive porque preferem carregar os filhos consigo. Os homens são jogadores sem freio enquanto as mulheres são seres cautelosos e sérios por essência. Logo, é evidente que elas devem dirigir o mundo: segundo

Toesca, as mulheres seriam aptas para governar porque possuem reunidas as virtudes necessárias ao governo – firmeza, gosto pela ordem e autoridade. Nesse mesmo contexto, os filhos deveriam ser criados pelos homens porque eles possuiriam “muito mais do que as mulheres, as qualidades referidas para o cuidado, a educação, a vigilância dos filhos”. Como exemplo, Toesca cita os costumes do sapo: “o marido [é] o que cuida dos ovos e transporta os filhos até a sua completa emancipação”. Assim, segundo esse autor, o mito da mulher no lar não passa, talvez, de uma astúcia do homem, para afastar a mulher das tarefas que ela assumiria tão bem ou melhor do que ele. Durante séculos, a mulher viveu no terror de não encontrar marido. Esse temor desapareceu. As mulheres conquistaram o direito de trabalhar e não mais dependem de um marido. Sobre o futuro, esse autor já antecipa um cenário para esse domínio das mulheres no mundo e que será importante para o que vamos investigar no próximo capítulo:

Não sei se os negócios caminharão melhor ou pior... Imagino muito bem que dentro de quatrocentos ou quinhentos anos, os homens, tímidos, serão relegados em espécies de reservatórios de onde as mulheres os retirarão para as necessidades da reprodução ou da dança. (Ano 1950, edição 399, p. 96)

Esta antecipação, não seria uma fantasista e o artigo cita como exemplo, que a história conheceu, um povo exclusivamente feminino e governado por uma rainha: as Amazonas, que viveram no segundo milênio antes de Cristo. As Amazonas eram temíveis guerreiras. Usavam saias curtas, cota de malhas e botas também curtas. Uma vez cada ano invadiam as cidades vizinhas, escolhiam homens para terem filhos. Dos filhos que nasciam, conservavam as filhas, os varões eram sacrificados.

Em janeiro de 1952, o artigo “Você teme o divórcio?” colocou em pauta um assunto que provocava um “grande alvoroço” nos brasileiros por questionar tradições sociais e religiosas. O argumento desse artigo era de que “isso atingiria a todos” e as pessoas estariam divididas entre aqueles que temem a novidade e os favoráveis a ela e que passariam a considerar o casamento como “prolongamento de um grande erro”, clamando por um “remédio”, já então adotado pelos povos mais adiantados do mundo. Possivelmente, “divórcio” era um temor no imaginário das mulheres e, nesse sentido, a linha editorial do *Eu sei tudo* se ocupava abertamente de instruir suas leitoras como fazer e agir para que o casamento se mantivesse intacto.

Para aqueles que se separavam, seria possível recomeçar a vida, mas nada seria como antes do casamento. O divorciado poderia até sair vencedor dessa provação, porém sairia como um “amputado de um sonho” e, nesses termos, como a mulher foi a que mais sonhou, ela sairia ainda mais diminuída. Com isso, a mulher que se casa deveria ter esta consciência: agora, existe “um perigo suspenso”, permanentemente sobre o seu lar, uma “moléstia” que mata uma pessoa em cada grupo de seis. Assim, o marido poderia ter todos os defeitos deste mundo, mas a mulher, por tradição, deveria guardar o lar. Como esposa para seu marido, portanto, caberia à mulher desempenhar sete papéis diferentes: ser a sua eterna noiva, a sua boa anfitriã, o seu público, o seu diretor de finanças, a sua decoradora, a sua cozinheira, a sua companheira.

Em fevereiro de 1952, o artigo “As sete portas do divórcio: a responsabilidade dos homens”, embora abordando a parte que caberia aos homens com relação ao risco do casamento não perseverar, inicia lembrando às leitoras que as “sete portas do divórcio” seriam invisíveis e desconsideram o amor, a confiança e a esperança. Trata-se de um texto que responde ao publicado cerca de um ano atrás, também sobre o divórcio:

Nossas leitoras errariam se pensassem que foi nosso desejo esquivar as responsabilidades do marido. Tinham razão ao reclamar um artigo de "desforra", pondo em relevo as responsabilidades masculinas. Sem dúvida, o homem desempenha papel importante na construção, dia a dia, da felicidade conjugal, tendo parte também saliente em sua ruína. Porém que lhe cabe o segundo papel, estamos absolutamente convencidos. Mas não é menos essencial, pois que, se desempenha mal a sua missão, se trai a esposa, esta sozinha não terá forças para assegurar o êxito do casal. A felicidade não é um monólogo. É um duo. (Ano 1952, edição 417, p. 33)

Ainda assim, a perspectiva de que a mulher teria um papel mais decisivo na manutenção dos laços matrimoniais não deixa de se fazer presente de modo insistente, pois ela ocuparia o centro da célula familiar, enquanto que o homem não passaria de um “satélite”, ao redor desse núcleo. Por isso, esse artigo que se propõe a apurar a responsabilidade masculina quanto ao fim de um matrimônio chega mesmo a formular a seguinte sentença: “se uma casa desmorona, em nove casos entre dez foi a mulher quem a derrubou”. Também é demarcada a importância das esposas junto a seus respectivos maridos: elas deveriam mostrar a estes últimos que eles teriam de fazer muito pouco

para serem perfeitos, uma vez que “são, acima de tudo, preguiçosos” e, assim, “pedindo-lhes pouco, talvez atendam”.

Orientações similares para as mulheres em relação aos homens aparecem também, em abril de 1952, no artigo “Não faça isso com o seu marido”: uma mulher deveria conservar-se sedutora, para que o marido não olhe para outras; ter cuidado em como e o que fala para o seu marido, para não magoá-lo. Portanto, não basta à mulher ser bonita: ela precisa ser hábil, proporcionando ao marido repouso, felicidade física, gentileza, ternura e uma forma de colaboração em que não se admitisse, por parte do homem, que ele a considerasse meramente como a sua criada. Assim, continua esse artigo, se o homem também estiver disposto a se esforçar por essa colaboração em relação a sua mulher, dando-lhe conforto e alegria, eles constituirão o mais feliz dos casais.

*** **

Embora tenhamos categorizado os artigos com a finalidade de descrever, segundo o almanaque *Eu sei tudo*, como deveria ser a mulher moderna em diferentes categorias de sua vida, o que pudemos observar é que, para essa publicação de grande difusão junto ao público feminino nas décadas de 1910 a 1950, uma mulher, mesmo com os avanços da modernidade, permaneceria voltada para o homem, submetida às suas vontades. A linha editorial do *Eu sei tudo* reitera para sua leitora a importância das habilidades domésticas, de como deixar o lar agradável para o homem, mesmo quando aborda temas como o divórcio, o mercado de trabalho feminino, o sucesso profissional feminino, a relação das mulheres com o poder. Para todos os tipos de mulheres – fortes, heroicas, sofisticadas e mesmo aquelas que trabalhassem fora de casa – a mensagem frequente era a de que o cuidado com o lar e o sucesso matrimonial seriam privilegiadamente responsabilidades femininas.

Como vimos no capítulo anterior, a modernidade não deixou de ser regida por padrões fixos de ideais, ancorados no valor da tradição e de uma sociedade patriarcal. Esse tipo de valoração ordenava as subjetividades, tal como pudemos verificar com a representação da mulher em *Eu sei tudo*: são mulheres concebidas, algumas vezes como “escravas” do lar, da procriação e de seu “dono”; mulheres restritas a uma servidão e a uma severa moral sexual e religiosa. Algumas vezes, uma

representação mais libertadora desses grilhões da tradição aparece nas páginas de *Eu sei tudo*, como a “mulher-médico”.

Segundo Bauman (2005), conforme abordamos no primeiro capítulo, na era moderna, para ser burguês seria preciso viver uma vida como burguês, não bastaria ter nascido assim. Esses termos também se aplicam para a identidade da mulher. Não basta ter nascido mulher, seria necessário provar, pelas suas atitudes e pelo modelo de feminilidade vigente que se era mulher, pertencendo a essa classe. Esse *modus operandi* deixava claro a forma de vida da identidade em questão. Com isso, a representação da mulher propagada por *Eu sei tudo*, serve-nos para demonstrar o pensamento de uma época e uma da percepção sobre a subjetividade feminina

3.2 A feminilidade segundo a linha editorial de *Marie Claire*

Nessa seção, seguiremos a mesma forma de disposição das categorias propostas para o delineamento da representação da mulher realizada e propagada por *Eu sei tudo*. Vale lembrar que a importância de traçarmos uma cartografia da mulher contemporânea se deve ao fato de podermos compará-la com a que realizamos a partir de artigos de *Eu sei tudo* e que estamos investigando as subjetividades contemporâneas para delinear, no próximo capítulo, o que é a feminização do mundo e suas incidências sobre a feminilidade. Dessa forma, é importante averiguar como se propaga a subjetividade feminina no mundo contemporâneo. Para isso, utilizaremos como referências os modos como as mulheres são representadas, hoje, no Brasil, na revista *Marie Claire*.

Biografia

Trouxemos para ilustrar essa categoria a reportagem da capa de Janeiro de 2018 da revista impressa, sobre a atriz Fernanda Torres e uma reportagem da revista digital¹³ sobre Hillary Clinton.

A atriz é descrita como uma “garota precoce”, que iniciou sua vida profissional aos 13 anos de idade, acumulando sucesso, prêmios e fama. Entretanto, segundo ela mesma relata, teve uma infância “tristíssima”, numa coxia com os pais trabalhando nos feriados e fins de semana. Por volta de seus 30 anos, contrai seu

¹³ Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/mulheres-do-mundo/noticia/2016/06/chegou-vez-dela-hillary-clinton-se-firma-como-candidata-presidencia-dos-eua.html>> Acessado em: janeiro de 2018.

terceiro matrimônio, no qual permanece até hoje. Nessa época, parou de atuar na TV e lamentou não ter feito faculdade. No entanto, se reinventa. Tornou-se escritora e aposta nessa “nova persona”: mulher de maturidade, hoje aos seus 52 anos, se prepara para voltar atuar na TV, ao mesmo tempo, lança o seu segundo livro de ficção. Refere-se como uma mulher “casadoura”, por sustentar longos relacionamentos e que o seu “discurso é de exceção”. Essa percepção veio depois de um comentário publicado por ela na *Folha de São Paulo* e no qual sustentava o seguinte: “a vitimização do discurso feminista me irrita mais do que machismo” (Ano 2018, edição 322, p. 41). Essa declaração despertou a ira das feministas, mas ela também demarca o quanto não precisou lutar por seus direitos, que lhes foram dados na medida em que seu avô, um operário, não fez oposição ao trabalho de sua mãe como atriz, numa época em que ser atriz era quase a mesma coisa que ser prostituta.

Em “Chegou a vez dela!”, temos a reportagem sobre Hillary Clinton, que nasceu em 1947. Em 1969, ingressou na Universidade de Yale, no curso de direito, conheceu William (Bill) Jefferson Clinton, também advogado e se casaram em 1975. Na posição de primeira-dama em 1980, quando Clinton foi governador do Arkansas, Hillary Clinton se dedicava à Chelsea, a filha do casal. Ela é retratada como Secretária de Estado mais popular dos Estados Unidos e a matéria sai em um período que antecede a “corrida presidencial” através da qual Hillary Clinton se preparava para se tornar a primeira mulher a ocupar o cargo mais poderoso do mundo. É lembrado, nesse artigo, que, em 1995, durante o “Quarto Congresso de Mulheres das Nações Unidas” em Pequim, Hillary profere um discurso em alusão direta à política chinesa em prol do filho único. Nesse discurso, que tornou-se histórico, condenava estupro, torturas, degradações, mutilações e privações econômicas e políticas submetiam e ainda submetem às mulheres mundialmente. Hillary defende que “Direitos da mulher são direitos humanos e direitos humanos são direitos das mulheres. É uma violação dos direitos humanos negar alimentos a bebês, afogá-los, sufocá-los, quebrar suas espinhas simplesmente porque nasceram meninas”¹⁴.

Considerada uma das principais líderes feministas de nossa atualidade, Hilary Clinton começou cedo a defender os direitos da mulher. Aos 11 anos de idade escreveu à NASA perguntando como proceder para ser astronauta numa época (ano de

¹⁴ Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/mulheres-do-mundo/noticia/2016/06/chegou-vez-dela-hillary-clinton-se-firma-como-candidata-presidencia-dos-eua.html>> Acessado em: janeiro de 2018

1955) em que essa profissão era permitida apenas para meninos. Em 1997, consagrou-se a mais influente feminista do mundo ao criar a *Vital Voices Global Partnership*, uma ONG direcionada para a vida de mulheres do mundo todo em parceria com o corpo diplomático dos Estados Unidos. Entre seus trabalhos, está o combate ao tráfico e ao comércio sexual de mulheres, bem como uma linha de microcrédito para mulheres donas de casa na Nigéria. Como secretária de Estado do governo Barack Obama, criou o posto de Embaixadora Externa para Mulheres, focalizado na problemática da mulher. Tem sua vida, portanto, marcada pelo trabalho pela causa da mulher: seja com medidas protetivas ou com incentivos à educação, ciência e tecnologia. Na época de sua campanha, Hillary afirmou à *Marie Claire*: “Não existe feminismo de um item só. Assim como não existe feminismo estilhaçado em milhares de aspectos. Sempre digo que, se os direitos da mulher são direitos humanos e vice-versa, a luta é uma só. Ou não faz sentido”.

Nessa categoria, podemos verificar identidades de mulheres precoces, atrizes, mães, políticas, escritoras, senadoras. Estamos frente ao que nos parece as identidades fluidas. Podemos ver, no relato de Fernanda Torres, uma mulher que desempenha várias identidades ao mesmo tempo: precoce, “casadoura”, escritora, atriz, mãe. No caso de Hilary Clinton, também vemos claramente várias facetas do ser mulher: militante da causa feminina, senadora, primeira-dama, secretária de Estado, mãe. Esses exemplo parecem ilustrar aquilo que estamos sustentando a respeito das subjetividades contemporâneas e suas incidências na feminilidade.

Religião

Nesta categoria, priorizaremos duas reportagens. A primeira, publicada em fevereiro de 2005, na versão *on-line* de *Marie Claire*¹⁵ tem o título de “Amor proibido” e é assinado por Rodrigo Gerhardt: aborda a religião como um fator de quase impedimento entre a união de duas pessoas. A outra reportagem é também da versão *on-line*¹⁶ de outubro de 2017 e aborda o casamento e a religião na Tunísia, publicada na revista *Marie Claire*, na seção “Mulheres do mundo”.

¹⁵Acessado em janeiro de 2018. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/10/na-tunisia-mulheres-agora-sao-permitidas-casarem-com-homens-nao-muculmanos.html>

¹⁶Acessado em janeiro de 2018. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML902381-1740,00.html>

O autor de “Amor proibido”, na revista datada de fevereiro de 2005, conta a história de três relacionamentos entre diferentes religiões. Priorizaremos, aqui, o caso de Cláudia, que era considerada uma filha ideal quando estava casada com um homem da mesma religião evangélica de sua família. Porém, quando se uniu a outro homem sem religião definida, seus problemas começaram. Segundo Gerhardt (2005), Cláudia sustentava um relacionamento sem amor em nome da fé evangélica, algo que ficou impossível após conhecer Cleiton. Apaixonada por este último, pediu a separação para o primeiro marido. Divorciada, começa um namoro às escondidas, por ser Cleiton um homem de religião indefinida, 20 anos mais velho e divorciado. Numa família evangélica, “Deus sempre vem antes de tudo”. Por isso, a separação de um crente para namorar um homem sem religião representava uma “tragédia”. A reportagem segue relatando que, embora a família de Cláudia tenha se posicionado firmemente contra esse relacionamento, ela e Cleiton foram morar juntos e, após sete anos de relacionamento, finalmente eles aceitaram essa união. Nas palavras de Cláudia: “No fim, percebemos que não há nada que o verdadeiro amor não possa vencer [...] inclusive sob os olhos de Deus.” O casal oficializou o matrimônio no civil no mesmo ano de tal reportagem.

De acordo com a segunda reportagem, o governo tunisiano, país de tradição muçumana, anulou um decreto de 1975 que proibia mulheres de origem tunisianas a se casarem com homens de outras religiões, ou seja, não muçumanos. Com essa medida, a Tunísia acabou por dar mais um passo em direção à democracia, após a queda do governo ditador de Zine El Abidine Ben Ali, em 2011. Esse decreto de 1975, segundo o Ministro da Justiça da Tunísia, Ghazi Jeribi, estaria em desacordo à nova Constituição da Tunísia, aprovada após a saída do ditador do governo. Como explica a reportagem, a anulação desse decreto estaria ainda contra a tradicional lei islâmica. Essa lei, a *sharia*, permitiria a “união mista” (com cônjuges de religião diferente da muçumana) apenas para os homens. Para as mulheres, os cônjuges em potencial deveriam se converter ao islã. De fato a anulação do decreto de 1975 favorece a mulher e foi rejeitada pelos religiosos tunisianos e pela autoridade máxima do islã – o *mufti*. Responsáveis por interpretar as leis, eles se posicionaram no sentido de que não haveria garantias para as mulheres a respeito do matrimônio de religião mista.

Segundo *Marie Claire*, a Tunísia seria, no mundo árabe, um país de vanguarda em relação aos direitos atribuídos as mulheres, considerando que: elas têm representatividade na Assembleia Nacional de 75 deputadas entre os 217 deputados; elas ocupam altos cargos na medicina, na magistratura, na advocacia e nas

universidades. No entanto, quando se trata da vida privada, da *sharia*, esses direitos não são equânimes: casamento misto somente para o homem e, em relação à herança, a mulher teria direito apenas a metade daquilo que seria permitido, por lei, ao homem.

Podemos destacar nessa categoria religião, envolvendo casamentos e divórcios, uma configuração e reconfiguração das subjetividades. Se, na modernidade, o casamento era ainda “para sempre”, conforme as vinhetas televisivas e filmes *hollywoodianos* e a linha editorial de *Eu sei tudo*, na sociedade contemporânea, hipermoderna, isso não se aplica mais, tal como vimos nos perfis e reportagens extraídos da revista *Marie Claire*. As mulheres, hoje, estão dispostas a lutar pela sua felicidade, mesmo que para isso eles tenham que romper com as tradições religiosas, o casamento, etc. Quando essa ruptura acontece, hoje, já não representa mais uma posição de segregação extrema como foi o caso da “mulher e o crocodilo” evocado em um dos artigos de *Eu sei tudo*. Ao mesmo tempo, verificamos, ainda hoje, uma forte intolerância religiosa mesmo que cada vez mais nossa cultura se apresente como híbrida.

Trabalho

A matéria “Revolução é com ela”, publicada em janeiro (2018, p. 59), destaca Daniela Cachich, vice-presidente da *PepsiCo* aos 43 anos. Ela é descrita pela *Marie Claire* como mulher arrojada, a começar por sua aparência: usa cabelos descoloridos e curtos, denotando uma ousadia que, no meio empresarial, mesmo sendo rara, não deixa também de ser admirada. Segundo essa reportagem, os créditos de Daniela Cachich quanto à sua postura profissional têm a ver com seus pais, que nunca fizeram distinção entre ela e seu irmão. O pai fora grande executivo da IBM, em suas palavras, nunca foi “careta” e sua mãe trabalhou com Ney Galvão, por duas décadas, em uma época que a profissão da mulher era a do lar. Essa educação familiar teve efeitos na forma com que Daniela Cachich se posiciona no mercado, trabalhando com *marketing*, combatendo preconceitos. Para Daniela, informa a revista, “há poucas líderes femininas” e, então, por ocupar essa posição privilegiada, o faz com responsabilidade e olhando para as minorias. Entre suas campanhas, privilegiou a propaganda de cerveja sem mulheres de biquíni; adotou um processo seletivo para empregos, sem discriminação de gênero ou faculdade e com a escolha baseada em competências; reverteu a renda da venda do salgadinho Doritos Rainbow para uma Organização Não

Governmental (ONG) militante da causa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer* (LGBTQ).

Daniela Cachich, como aponta a reportagem, procura se dirigir diretamente ao público feminino, conferindo à mulher um estatuto diferente daquele de objeto e ressaltando os modos diversificados e humanizados como a subjetividade feminina se apresenta nos nossos dias.

Economia doméstica

Nesta categoria, selecionamos, na revista impressa de abril de 2015, a “Casa Artsy”, sobre a decoração de um espaço que serve de residência e onde um casal pode viver, trabalhar e receber os amigos. Optamos também por um outro texto, de dezembro de 2017, dedicado ao retorno ao lar realizado por Carolina Dieckman. Também citaremos, também de dezembro de 2017, a reportagem “Jardineiras fieis”, sobre algumas mulheres e mães que assumem o risco de plantarem “maconha” para extraírem um óleo usado no tratamento de seus filhos com epilepsia.

“Casa Artsy” configura-se como uma proposta que é ao mesmo tempo um resgate em que arquitetura, arte e design agregam juntos, valores estéticos, conforto e qualidade de vida, ou seja, um espaço que seja possível viver, trabalhar, receber amigos e ainda serve como um ateliê e showroom. No apartamento de três andares, tudo respira arte, numa decoração que mistura ateliê de costura e de pintura com roupas, tecidos, manequins, tintas, de modo “indisciplinado, acidental e muito vivo”, como diz Isabel, revelando que o espaço do casal revela a personalidade inquieta, criativa e *cool* deles. Dessa forma, um espaço híbrido e, segundo a reportagem, híbrido de residência, habitado por um casal híbrido, um casal de cubanos que se mudaram para Nova York na década de 80. Isabel Toledo, estilista famosa, criadora dos vestidos de Michele Obama e ele, Toledo, um artista especializado em aquarela, que já assinou a coleção da MAC, com cores e embalagens inspiradas em seus trabalhos. Considerados artistas famosos e residentes em Manhattan; quando questionados a respeito dessa preferência em morar dentro da ilha, diferindo dos artistas plásticos que geralmente escolhem regiões como *Soho* para morar, eles respondem que gostam do ar cosmopolita de Nova York e adoram o fato de serem anônimos justamente por morar onde moram.

A reportagem “Carol paz...”, (Ano 2017, p. 48) relata como a atriz Carolina Dieckman, que começou a trabalhar aos 15 anos de idade, decidiu-se, recentemente,

dedicar-se à vida do lar e a da maternidade. Com sua foto publicada na capa de dezembro de 2017, esse artigo assinado por Ines Garçonni relata tal mudança de estilo de vida de Carolina Dieckman: desde o ano anterior àquela publicação, passou a morar em Miami (USA) e deixou atuar na TV por aproximadamente um ano. Nesse ano, dedicou-se sobretudo à vida do lar, cuidando de seu filho caçula de 10 anos, do marido e de si mesma. Como diz a reportagem, “decidiu investir numa vida anônima”.

Finalizando essa categoria, abordaremos a reportagem “Jardineiras fieis” (Ano 2017, edição 321) sobre a luta de algumas mães para terem o direito de tratar seus filhos a partir do uso medicinal da maconha que, por sua vez, ameniza os sintomas neurológicos deles. Refratárias ao tratamento tradicional, um grupo de mães lutaram na Justiça pelo direito de plantar a maconha para extrair dele um óleo reduz crises epiléticas que, em alguns casos, chegaram a ser 40 por dia, deixando a criança numa condição de vida que se resumia a ser dopado ou viver em convulsão. Essas mães tiveram tal direito garantido pela justiça. Agora, a luta é para legalizar o uso medicinal da maconha no Brasil.

Nessa categoria, foi possível retomar as relações das mulheres com os cabelos, a casa e seus filhos. A atriz Carolina Dieckman retornava ao lar e às questões da vida doméstica depois de seus quase 25 anos de trabalho na TV, em nome de uma “vida anônima”. Caso análogo também foi o do famoso casal de artistas cubanos que, meio à sua fama, desejam um anonimato em plena Nova York. Um grupo de mulheres unidas formam uma identidade, uma categoria militando por uma causa comum na qual o cuidado materno tradicional se cruza com o inusitado de fornecer maconha aos filhos. Cada uma dessas mulheres garantem a sua posição de maternidade ao mesmo tempo em que exercem outros trabalhos e ainda dedicam-se a lutar pelo direito da minoria, como as mães que plantam maconha em casa. Mulheres múltiplas e fluidas, mesmo quando voltadas para atividades e práticas bem tradicionais em suas vidas.

Estética/comportamento

Nessa categoria, selecionamos, da revista *Marie Claire* impressa de abril de 2015, extraímos duas reportagens: “Muito fora dos padrões”, sobre modelos portadores de síndrome de Down e vitiligo; “Hora de mudar”, sobre a beleza dos cabelos. Da revista de janeiro de 2018 (Ed. 322), extraímos uma reportagem sobre a mulher e o poder: “Será que agora é que são elas?”, assinada por Maria Laura Neves. Por sua vez,

da coluna “DonaDeSi”, publicada na versão on-line¹⁷, a atriz Suzana Pires expressa o que é ser uma mulher “#DonaDeSi”, uma mulher contemporânea.

Em “Hora de mudar”, (Ano 2015, edição 289, p.180), temos uma reportagem que destaca a importância do cabelo. Segundo essa reportagem, variar o cabelo estaria para além de questões ligadas à estética, pois interfere diretamente na autoestima. Dessa forma, trocar a cor dos cabelos, ousar um novo corte ou até mesmo mudar-lhes a textura podem ser indicativos, do ponto de vista psíquico, de que algo estaria acontecendo. A reportagem cita uma pesquisa que demonstrou que 85% das mulheres brasileiras mudam a cor, estilo ou textura dos cabelos ao passarem por uma grande mudança em suas vidas ou por algum momento difícil.

“Muito fora dos padrões” (Ano 2015, edição 289, p. 90) é uma reportagem que aborda a estética, mas a partir de modelos com vitiligo, sobrepeso ou de “idade madura”, com a síndrome de Down. Levanta-se, então, a questão do “perfeito”, ou seja, como se o mundo da moda estivesse deixando de ser perfeito. Pela tradição, na moda, diz a reportagem, salvo raras exceções, o belo é o padrão, e padrão inatingível. Entretanto, outro padrão de modelo vem se destacando: os “diferentes”. Na atualidade, as marcas procuram traços de personalidade que chamem atenção, mesmo entre a categoria “lindas”, mais apreciadas serão se tiverem algum diferencial, como é o emblemático caso da modelo Chantelle Winnie, portadora de vitiligo. Muito parecida com Naomi Campbell, poderia ser considerada sócia dela se não fosse o vitiligo. Com dificuldades em ser aceita em um agência, dedicou-se como modelo livre até ser chamada para a campanha da Diesel, quando viu sua sorte mudar, para melhor, no ano de 2015, como embaixadora da marca espanhola Desigual. Ser embaixador(a)¹⁸ de uma grife significa que esta última escolhe um modelo como representante de sua campanha, que tenha “estilo” semelhante ao de suas coleções. Havendo recíproca identificação, o modelo assume a posição de “diplomata *fashion*” e assume a primeira fila dos desfiles, festas, redes sociais, etc. Esse sistema funciona nos termos de uma permuta: a embaixadora da marca receber uma cota mensal para retirada de roupas e acessórios ou um enxoval completo a cada virada de estação. Os outros exemplos que a reportagem

¹⁷Disponível em: < <http://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Dona-de-Si/noticia/2018/01/o-que-e-uma-mulher-dona-de-si.html>> Acessado em; janeiro de 2018

¹⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/moda/tendencia-no-mundo-fashion-meninas-viram-embaixadoras-de-marcas-em-troca-de-regalias-16948464> Acessado em: fevereiro de 2018

cita como modelo de “inclusão *fashion*” é a atriz portadora de Síndrome de Down, Jamie Brewer e a modelo considerada, sobrepeso Candice, pesando 30kg a mais que suas colegas de campanha. Essa reportagem se serve da consultora de moda Glória Kalil que, em referência a esse estilo de “inclusão *fashion*”, diz: “a humanidade vive um momento de sobrepeso, o que faz das gordinhas ótimas personagens para as campanhas. São consumidoras vorazes!”, entretanto, afirma Kalil, na moda, tudo passa...

Na reportagem “Será que agora é que são elas?” (Ano 2018, edição 322, p. 46) temos a discussão sobre a mulher no poder. Segundo *Marie Claire*, estudos têm demonstrado que, quando um país tem mulheres no poder, os parlamentares votam por maiores investimentos para o povo, como saúde e educação; empresas que pagam salários diferentes para sexos diferentes na ocupação de um mesmo cargo são punidas; a licença parental é ampla e remunerada, para todos os sexos. Segundo o estudo divulgado em 2017 pela “ONU Mulheres”, com a falta de mulheres no poder, não só as mulheres perdem, mas a democracia. O aumento em 5% de deputadas e senadoras num país representa uma queda de 5% no uso da violência: nos índices de uso da violência como arma de guerra cai em cinco vezes em conflitos internacionais. No parlamento, quanto maior é a presença e participação da mulher, maiores são os investimentos em educação e saúde, pois a mulher tem uma maior preocupação com a vida cotidiana, assegurando e preservando, de forma mais efetiva, os “direitos humanos”. Segundo a reportagem, elas colocam em pauta uma quantidade maior de discussões visando o interesse coletivo e das nações e não se restringem a assuntos direcionados ao próprio partido. Outro aspecto apontado pela reportagem diz respeito a países que tiveram, como presidentes, mulheres: em 50 países dos 193 houve um aumento de 6% de mulheres candidatas ao parlamento, segundo a pesquisa realizada pela ONG americana *One Earth Future*; e quanto maior a presença das mulheres na Câmara e no Senado Federal, mais mulheres concorrem ao cargo de presidente da república. No Brasil, segundo a reportagem, os partidos políticos são obrigados a apresentar 30% de candidatas femininas, mas, para cumprirem essa obrigação, promoveram candidatas fantasmas.

Em “O que é uma mulher dona de si?”, Suzana Pires explica, em “#DonaDeSi”. Segundo ela¹⁹, a mulher deve ser protagonista da sua vida,

¹⁹ Disponível em: < <http://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Dona-de-Si/noticia/2018/01/o-que-e-uma-mulher-dona-de-si.html>> Acessado em: janeiro de 2018

comprometida com seus desejos e sonhos. Isso significa ser empreendedora de si e do seu negócio. Para isso, a mulher deve sair de seu conforto, arriscar-se e empreender, deve quebrar a padronização de “não-enfrentarmos-o-que-nos-diminui” e ser questionadora, feminista e até mesmo afrontosa, se for preciso. Deve pensar em si mesma e em outras mulheres. Por exemplo uma “Dona De Si” branca deve pensar numa “Dona De Si” negra, porque “uma Dona De Si quer, deseja e trabalha pela diminuição do abismo, para que a nossa pluralidade seja, de fato, um ganho, uma soma e não o que nos divide”. Trata-se, portanto, de acreditar na irmandade. Deve encarar os adversários com respeito e competição, pois “respeitar significa voltar o olhar para” e “competir significa pedir junto”. O fato de as mulheres terem sido por tanto tempo “as coadjuvantes” e o “segundo sexo” que precisava de proteção dos seus homens fez com que elas buscassem sempre a conformidade. Então, finalizando o artigo, para ser uma “Dona De Si”, a mulher não deve estar na conformidade: ser “Dona de si” requer que a mulher se arrisque e se transforme.

Gênero

Nesta categoria selecionamos a entrevista “A monogamia já era²⁰”, da revista *Marie Claire*, versão *on line* de novembro de 2011, que discute temas como monogamia e poliamor: a psicanalista Regina Navarro afirma que, para “transar”, não é preciso amor, mas “tesão”. Selecionamos, ainda, a reportagem de Lea T²¹, publicada na versão *on line* de março de 2017, da revista *Marie Claire*, sobre a sua vida e o processo de redesignação sexual pelo qual passou para apresentar seu corpo como o de uma mulher. Também priorizamos a entrevista da “Freira, escritora e comunista”, publicada na versão impressa dessa revista, em janeiro de 2018.

Em entrevista concedida à *Marie Claire*, por ocasião do lançamento de *O livro do amor*, Regina Navarro Lins, explica sobre o fim da monogamia. Carioca, 62 anos, casada pela terceira vez, com o escritor Flávio Braga, 57 anos, ela se diz exemplo de tudo prega: casamento aberto e poliamor. Feminista convicta, sonhar com o “príncipe

²⁰ Disponível em: < <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI274984-17735,00-A+MONOGAMIA+JA+ERA+PSICANALISTA+E+ESCRITORA+REGINA+NAVARRO+LINS+PREVE+QUE+N.html> > Acessado em: janeiro de 2018

²¹ Disponível em: < <http://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/03/lea-t-revela-que-sentiu-o-primeiro-orgasmo-somente-apos-cirurgia-ate-chorei.html> > Acessado em: janeiro de 2018

encantado” e acreditar em fidelidade são crenças antiquadas, que aprisionam, angustiam e tem a ver com o mito do “amor romântico”. Em seu livro, ela explica que é “como se a mulher não existisse sem o homem”. Para ela, amor romântico é uma idealização mentirosa e não significa “mandar flores”. Nesse tipo de relacionamento, os parceiros passam “uma vida” querendo mudar o outro, que é idealizado, e a mentira tem a ver com a ideia de que “quem ama não sente desejo por mais ninguém”.

Regina Navarro Lins não se posiciona contra casamento, mas contra o pacto de exclusividade. Assim, diz que não se deve contar para o parceiro quando se transa com outra pessoa, pois casamento não é confessionário e a sexualidade de cada um deve ser exercida de forma livre. Em seu livro, relata que 80% dos pesquisados declararam que estão desencantados com o casamento e somente 3% a 5% são felizes. O resto oscila. Pode-se amar alguém e transar com outra, sem que seja considerado traição: “é apenas tesão” e, por isso, “a monogamia já era”. O poliamor, explica Regina Navarro Lins à *Marie Claire*, é uma forma de manter com pessoas diferentes, ao mesmo tempo, relações sexuais e afetivas. Ela se serve de sua própria experiência para demonstrar, na prática, como isso funciona: “eu amo meu marido e transo com ele, mas também posso transar com outras pessoas, ir com elas ao cinema, viajar. Fazer o que quiser, com quem quiser, sem obrigação de exclusividade”. Eles não amam com o sentimento de posse sobre o outro e, por isso, não sentem ciúme. Para eles, o ciúme está ligado ao medo da perda. Para Regina Navarro Lins o esperado é que haja espaço para diversas formas de se relacionar: monogâmicas ou não, e tudo sem preconceitos. De fato, importa-lhe a possibilidade que cada um tem de escolher sua forma de viver, sem reproduzir um modelo por inércia nem medo de sofrer preconceito.

Na edição de *Marie Claire*, versão *on line*, de março de 2017, temos o relato de Lea T, mulher transexual considerada um fenômeno do mundo *fashion* desde 2010, como modelo da Givenchy. Para ela, “se uma mulher já é vítima de preconceito, imagine quem precisa lutar para ser reconhecida como mulher?”. Segundo *Marie Claire*, essa frase expressa o sofrimento dos transexuais e dessa “categoria de mulher invisível para a sociedade”, discriminada com preconceito no trabalho, com desrespeito e deboche. Quer que sua história seja exemplo para outras mulheres. Nascida em 1980, como Leandro, seus pais se separam quando tinha 14 anos. Nessa época, moravam na Itália. Relata que viveu num ambiente masculino e sexista, como filha de Toninho Cerezo, ídolo no futebol. Depois da separação, seu pai refez a vida com outra mulher e, em 2017, acontece uma nova proximidade com ele porque são parecidos, de “espírito

livre”, sem apego às coisas e aos lugares. Em sua vida, T. enfrentou rejeição social, depressão e chegou a pensar em suicídio. O fato de ela ter sido considerada uma das mulheres que mudaram a moda italiana não diminuíram as reportagens sensacionalistas a seu respeito. Para Lea T, sua mudança aconteceu de forma progressiva, por meio de hormônios, até chegar a cirurgia de redesignação sexual, na Tailândia.

Sobre o amor e o sexo, Lea T relata que antes da cirurgia sentia prazeres. O orgasmo sentiu sozinha, pela primeira vez após a cirurgia e a virgindade no início do ano de 2016, com um “ex-caso” que tornou-se grande amigo atualmente. Para ela, o orgasmo foi maravilhoso, ficou emocionada e chorou, mas a primeira relação sexual, não foi nem incrível e nem romântica. Foi tensa e atribui que deve ser assim para toda mulher. Entretanto, tem uma filosofia sobre sexo: “quando transamos, a energia do parceiro fica em você e a sua, nele. Para me entregar a alguém, tenho que admirar essa pessoa. É uma forma de respeito à minha história, ao meu sofrimento para chegar ao corpo que tenho hoje”.

Outro aspecto a ser destacado nessa reportagem é que, para obter o laudo para a cirurgia, uma psiquiatra/psicanalista perguntou-lhe: Como você se vê como mulher? A resposta de Lea T. foi bastante simples e contundente: “Desse jeito, como uma mulher comum vive seu dia a dia”. Estava vestida de bermuda, camiseta, cara limpa e o cabelo preso num rabo de cavalo, ao passo que outras trans, na sala de espera, estavam vestidas de uma maneira superfeminina e bem maquiadas. Essa cena, para Lea T., exprime o seu “ser mulher” e, segundo o seu relato, essa especialista do campo psi-, após esse único encontro, a partir desse relato, concedeu-lhe o laudo. A cirurgia, como diz Lea T. “era uma cirurgia de cura”.

Por fim, em entrevista à revista *Marie Claire*, a “Freira, escritora e feminista” Maria Valéria Resende conta um pouco sobre a sua história de vida. Nascida em Santos, atualmente reside em João Pessoa, numa casa de sua congregação com mais quatro freiras. Hoje, está com 75 anos e relata ter decidido ser freira, ainda mocinha e era normal ser freira naquela época. Relata que estudou em colégio de freiras, por quem nutria enorme admiração:

eu admirava as irmãs do meu colégio que percorriam povoado de pescadores, índios guaranis e quilombos na Serra do Mar e ensinavam puericultura, primeiros socorros, horticultura, alfabetizavam as moças. Meu pai, que era médico, também participava de missões e me levava para ler histórias para as

crianças. Minha vida de missionária começou cedo. Pensei: “vou ser freira, que é muito mais interessante do que ficar em casa cuidando de marido e filho” Saíam para fazer missões, e seu pai ia junto. (Ano 2018, edição 322, p. 32)

Na época desses acontecimentos, a freira estava com aproximadamente 12 anos, no ano de 1955. Com seus 12 anos de idade, entendeu a fé e que precisaria realizar uma aposta no “mistério”: fez essa aposta porque se sente uma pessoa melhor para si mesma e para os outros. Sobre a vida sexual, relata não sentir falta de sexo e substituiu essa energia por outros projetos em sua vida, que é a própria profissão missionária. Entretanto, relata que, pelo seu ponto de vista, os homens mentem muito e o que querem é um “buraco”. Fala isso por ter observado o comportamento de alguns meninos quando morava em João Pessoa. Havia um barranco perto de sua casa e lá, os meninos ficavam enfileirados. Ela relata ter ido verificar o que se passava quando se deparou com vários buracos no barranco; e cada menino tinha o seu buraco. Então, conclui, a relação dos homens com o sexo não passa pelas mulheres, mas pela própria atração que eles tem com o seu próprio órgão e isso lhe parece muito esquisito. Relata ainda que, na adolescência, se apaixonou e namorou, mas, no meio de vários, passou a perceber quem é o homem que poderia lhe oferecer algum risco e, desse, ela não se aproximava. Afirma também algo que muito nos interessa, que tem a ver com um certo estereótipo da freira: “uma pessoa burrinha, que não arranjou marido e foi para o convento”. Sobre a vida missionária, refere que trabalhou em vários países tais como China, Argélia, México, Timor Leste e em Cuba, a pedido de Fidel, trabalhando com a Teologia da Libertação. No Brasil, também desenvolveu vários trabalhos nesse sentido, e outros em defesa dos direitos dos pequenos agricultores e das mulheres, bem da tolerância religiosa. Autodeclara-se feminista e é escritora, com quatro romances editados. Considerando que, no ano de 1955, o mundo ainda era bastante regido pelos ideais patriarcais, ser mulher estava muito relacionado à restrição ao lar. Parece-nos possível pensar que, frente às possibilidades que a vida lhe impôs entre a maternidade e a vida religiosa, a segunda lhe pareceu mais atraente.

Localizamos, a partir dos relatos de Regina Navarro, Lea T. e a freira três formas de se lidar com a sexualidade e três posições femininas muito diferentes. A de uma mulher-trans, Lea T, que recupera os sonhos de uma menina na primeira relação sexual, após a cirurgia de redesignação do sexo. Aquela de uma freira, que se declara

feminista e dedica parte de sua vida ao trabalho missionário, em defesa dos direitos das minorias. Esses três diferentes relatos nos fazem retomar Lipovetsky (2004): embora os ideais tradicionais tenham se declinado, isso não teria tido como consequência necessariamente a difusão de “comportamentos egoístas” na sociedade. Afinal, cada uma dessas mulheres não estão voltadas apenas para si mesmas, elas incluem os outros em suas diferentes atividades.

Assim, a freira preferiu a vida da clausura e do celibato a ter de cuidar de seus próprios filhos e de um marido, pois achava a vida missionária mais instigante. Entretanto, ela acaba cuidando de vários “filhos”, pelo mundo, em suas missões, ou seja uma atitude mais voltada para uma coletividade. Quando questionada sobre a sua sexualidade ela diz que “colocou essa energia”, a energia sexual, em outros projetos. Demonstrando outra perspectiva, a reportagem da Regina Navarro, que também declara-se feminista, aponta a “liberdade sexual” e o “poliamor” como uma tendência contemporânea. Numa posição, marcada mais pelo lado do individualismo, ela afirma que parceiros não devem saber sobre o que se passa na vida íntima de cada um, pois casamento não é confessionário. Com essa ideia, parece operar um deslocamento entre a tradição moderna que tinha na igreja um dispositivo de controle da moral civilizada, e a queda desses ideais na contemporaneidade. Portanto, afirmar que “sexo não é confessionário”, parece deslocar e separar essas duas instâncias, religião e sexualidade, duas instâncias reguladoras de subjetividades. Também podemos pensar que Regina Navarro aponta para a possibilidade de se viver uma sexualidade sem padrões, sem regras fixas, sem manual e, portanto, cada um pode encontrar e inventar o seu próprio modo de viver a sua sexualidade. Teríamos, portanto, uma perspectiva fluida e múltipla, pois não há mais um padrão fixo e definido como na modernidade.

3.3 Estudo comparativo entre a “feminilidade moderna” e a “feminilidade contemporânea”

Comparando a “feminilidade moderna” e a “feminilidade contemporânea” em termos de representações em publicações como *Eu sei tudo* e *Marie Claire*, observamos a ênfase dada à beleza, como um valor estético, concernente à feminilidade moderna. Contudo, as mulheres da categoria biografia eram tidas como heroicas e, ao lado de seus parceiros (mesmo que, no caso de Joana D’Arc, esse parceria aparecesse na figura do rei e da própria França), elas se apresentavam frias, calculistas como contrapontos à beleza e à felicidade. Havia também uma oposição entre a vida pública e

a vida privada, e podemos considerar que a vida pública para as mulheres retratadas por *Eu sei tudo* concernia a uma minoria, pois a posição da grande maioria das mulheres era a do servilismo e tinham suas vidas restritas ao lar.

Muitas das matérias de *Eu sei tudo* apresentam mulheres de personalidade forte, arrojada, sem limites para conquistar os seus anseios, mas esses anseios estavam quase em sua totalidade voltados para a relação com o seu esposo e para a vida doméstica. São valorizadas as qualidades de sedução e se difundiu um estereótipo de que a mulher deveria ser astuciosa, sempre pronta, bonita, perfumada, bem vestida, ter cuidado com o agir, com o falar, tudo para “não chatear” o marido. Ao mesmo tempo, se fosse uma mulher dotada de inteligência, não poderia demonstrá-la, pois o marido poderia sentir-se ameaçado por tal demonstração, era sempre melhor usar o “tato feminino”. O casamento, em sua grande extensão, era a única saída para essas mulheres. Por sua vez, o trabalho feminino estava privilegiadamente em associação com as tarefas de boa gestora da casa, de administrar uma “boa criada”, quando não era, ela mesma, a criada; zelar para que o lar fosse um atrativo para o homem. A discussão sobre a sexualidade estava mais em relação a uma disputa sexual, uma “guerra dos sexos” do que propriamente uma parceria afetiva.

Sobre a “feminilidade contemporânea”, destacamos um fragmento de uma fala, proferida por Hillary Clinton e que parece exprimir uma faceta desse novo modo de ser e pensar a mulher inserida na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que parece demonstrar uma qualidade dessa sociedade: “Não existe feminismo de um item só... não existe feminismo estilhaçado em milhares de aspectos... se os direitos da mulher são direitos humanos e vice-versa, a luta é uma só. Ou não faz sentido”. Esse fragmento amplia o olhar da mulher em relação a si própria e à sua inserção na humanidade, fazendo disso um conjunto, pois os direitos das mulheres é também os direitos de todos, por uma sociedade mais equânime. Isso aponta o quão segregadora e excludente é a nossa sociedade, precisando de leis que garantam esses direitos. Entretanto, verificamos no mundo contemporâneo, e com boas consequências para a subjetividade feminina, uma capacidade de as mulheres em se organizarem em defesa daquilo que elas acreditam e anseiam, e esses anseios não se resumem mais ao marido e ao lar; há uma multiplicidade de identidades para uma mulher, que militam a favor de uma causa, tentando encontrar um modo para que se tenha um efeito.

Observamos também como o *Eu sei tudo*, segundo procuramos evidenciar anteriormente, constituiu-se disseminando crenças, estereótipos e um modelo de

feminilidade a ser seguido, e que teve efeitos. Pensamos que reforçar a posição da mulher como subalterna ao homem teria sido um deles. Outro foi o controle exercido sobre a vida sexual por meio da finalidade de procriação, assim como o posicionamento de que a separação representaria um problema maior para a mulher que para o homem porque, nessa relação, ela seria a posição mais fraca. Dessa forma, controlar a sexualidade serviria para a manutenção dos ideais patriarcais, para a sucessão de bens e a continuidade da família tradicional regida pela moral civilizada.

Na contemporaneidade, as mulheres posicionam-se e reconfiguram-se novamente em muitos outros relacionamentos amorosos. Se, antes, as religiões definiam um valor rígido, determinante e até fundante, na atualidade, parece haver uma flexibilização das mulheres frente a essas regras e padrões. Isso parece demonstrar aquilo que Bauman (2005) apontou como uma liquidez dos valores sólidos, relacionados com a velha moral tradicional.

Ainda nessa perspectiva da tradição, podemos destacar o que Lipovetsky (2004) situa como um reemprego das tradições sem imposição institucional: uma reconfiguração da tradição pode advir a partir de um princípio soberano individual, tal como podemos verificar no exemplo de Lea T. Afinal, ao se corporificar como uma mulher-trans, Léa T. realiza um sonho de menina.

Verificamos também o poder da tradição e a sua incidência nas mulheres na relação com o trabalho. Na modernidade, as mulheres – representadas como fortes, heroicas e determinada – não eram um impedimento para que se operasse uma ruptura, tal como aconteceu no exemplo da mulher indiana, que não seguiu os preceitos de sua casta. Aqui, a intolerância religiosa também parece estar presente. Podemos pensar que essa intolerância teria sido o fator preponderante da sua exclusão do convívio familiar e social. Por isso, ela se viu forçada a reinventar-se. A qualidade inventiva da mulher aparece aqui, mesmo frente a uma sociedade com padrões tão rígidos e inflexíveis, como a sociedade moderna.

Ainda na modernidade, na medida em que as mulheres se lançam no mercado de trabalho, verificamos emergir algo que podemos localizar, na subjetividade contemporânea feminina, de forma mais clara: as qualidades inventivas e arrojadas das mulheres. A mulher contemporânea, vai justamente na direção do múltiplo e do inventivo. Segundo os conselhos da atriz Suzana Pires, a mulher contemporânea “dona de si” deve “quebrar as padronizações”, para que a pluralidade da mulher seja, de fato, um ganho, uma soma e não o que as divide. A freira, também, fala algo que vai de

encontro com essa ideia, ao expor que as mulheres precisam ser ensinadas e, ao nosso ver, trata-se de ensiná-las sobre o potencial que têm como “dona de si”, rompendo estereótipos antigos, tal como fez a freira ou também aponta a psicanalista Regina Navarro quando tratar do tema sexualidade sem pré-conceitos.

Esses deslocamentos que localizamos entre as representações da subjetividade feminina em *Eu sei tudo* e *Marie Claire* parecem ter-nos permitido, entre outros efeitos, uma diversidade de formas de se viver a sexualidade. Podemos verificar que tanto a sublimação da pulsão e da libido sexuais no caso da freira, quanto à forma aberta como Regina Navarro trata a sexualidade, a multiplicidade pode aparecer até de forma antagônica. De forma diferente, vemos Lea T transformar a sua vida numa “obra de arte”: do corpo biológico masculino, transformou-se em mulher. Temos, aqui, um claro exemplo de que o sexo biológico não determina o ser homem, a masculinidade, nem o ser mulher, a feminilidade: não há como duvidar da feminilidade, nem da mulher que é Lea T.

Com isso, verificamos que existem várias formas de lidar com a sexualidade, com a satisfação e existem várias formas de gozo. A “feminilidade moderna” estaria em consonância com uma identidade fixa nos padrões de sua época, sob a égide da moral civilizada, uma feminilidade em perfeita equivalência com a mulher restrita ao lar. De modo diferente, observamos que a “feminilidade contemporânea”, apresenta-se em várias facetas, fluida, múltipla e inventiva. E quanto mais múltipla for a subjetividade, mais singular ela pareceu-nos ser.

4 A “FEMINIZAÇÃO DO MUNDO”

Como verificamos a partir de Hall (2001), as identidades estão sendo deslocadas, fragmentadas e descentradas de seus referenciais tradicionais da era moderna e que lhes serviam de bússola, organizando-as e localizando-as na vida social. Essas identidades se fixavam em categorias tais como “raça”, “classe”, “gênero”, etc. Entretanto, verificamos que as identidades fixas em categorias não respondem mais ao funcionamento da sociedade contemporânea que é volátil e excessiva a ponto de Lipovetsky (2011) considerá-la, como vimos no primeiro capítulo, uma “sociedade hipermoderna” nas quais as identidades se apresentam fluidas e múltiplas. Lembramos que, segundo Lipovetsky (2011), herdamos valores da modernidade, mas que funcionariam agora de forma “volatilizada”, “fluida”, “desinstitucionalizada”, “sem regulamentação” e as culturas de classe estariam sendo obscurecidas pelo princípio da individualidade autônoma: o Estado recuou, a religião e a família se privatizaram e o consumo é imposto pela “sociedade de mercado”. Portanto, nessa “sociedade volatilizada”, “líquida” e “fluida”, três postulados se estabelecem de forma inquestionável: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo. Para esse autor, a modernidade se apresentava de forma limitada e a pós-modernidade foi um estágio de transição, um momento de curta duração para a nossa atualidade “hipermoderna”.

Vale ressaltar o que Assef (2013) destaca em relação ao conceito de sociedade hipermoderna e uma certa preferência da psicanálise de orientação lacaniana para adotar esse termo *hipermoderno*, utilizado por Lipovetsky, que situa a subjetividade contemporânea do lado das adições e do consumo. Isso estaria em equivalência com o que o psicanalista Jacques-Allan Miller formula de que, hoje, somos “todos consumidores”. Dessa forma, o próprio Miller se serve desse termo de

Lipovetsky e, também neste capítulo, insistiremos em fazer uso dele para nos referirmos à sociedade contemporânea.

No campo dos Estudos Culturais, abordamos, no primeiro capítulo, “a crise das identidades” a partir da fluidez característica da “sociedade líquida”, dos excessos da “hipermodernidade”, da influência da globalização e do capitalismo sobre as subjetividades. Situamos, então, a proposição de Hall (2001) de que, em vez de falarmos de identidade como algo acabado, deveríamos verificar, ao abordarmos a subjetividade contemporânea, o quanto “as identidades são os pontos instáveis de identificação” (HALL, 1996, p. 67). A partir dessa referência de Hall (1996) sobre a instabilidade das identificações, encontramos, no campo dos Estudos Culturais, um caminho que nos permitiu considerar a psicanálise como uma referência importante para elucidarmos as relações entre esses pontos instáveis de identificação e as mudanças que diferenciam a atual sociedade hipermoderna com relação a seus antecedentes históricos e culturais: o que psicanaliticamente tem sido tematizado como declínio do Nome-do-pai pode ter abalado as identidades fixas, a ponto de elas serem substituídas, como é frequente hoje, por identidades fluidas e múltiplas, conforme constataremos também aqui por meio do que a psicanálise de orientação lacaniana tem abordado como “feminização do mundo²²”.

Procurando apresentar, no segundo capítulo, uma dimensão empírica para o que discutimos teórica e conceitualmente no primeiro capítulo, traçamos uma espécie de cartografia sobre as representações das mulheres na sociedade moderna e na sociedade contemporânea, valendo-nos de duas publicações: o almanaque *Eu sei tudo* como veiculador dessas representações na modernidade e a revista *Marie Claire* como difusora dessas representações em nossos dias. Delinear a representação da mulher da modernidade permitiu-nos verificar, nessa amostra documental, o que identificamos em termos conceituais sobre as identidades fixas e fundadas em um modelo patriarcal. Verificamos também que, nesse contexto “moderno”, a subjetividade era norteadas por referências patriarcais, as vidas das mulheres ainda eram privilegiadamente relacionadas ao lar e a feminilidade estava em equivalência com a maternidade.

As representações femininas propagadas pelo *Eu sei tudo* reverberavam um discurso hegemônico e com tendências a universalizar um modelo de feminilidade patriarcal: mesmo quando esse almanaque se propôs a trazer artigos que situavam a

²² El outro que no existe y sus comités de ética (2005, p. 107)

mulher em outros tipos de relação, como a “mulher-médico”, havia uma associação entre essa faceta inovadora apresentada por uma mulher em seu exercício da medicina e a referência à maternidade – a “mulher-médico” não se limitava, em sua vida particular, às exigências da maternidade, mas, no exercício da medicina, se lançava em uma “maternidade” voltada para o mundo.

De forma diferente, pudemos observar, através das matérias publicadas em *Marie Claire*, o quanto a subjetividade feminina contemporânea se apresenta sob a forma de representações múltiplas e fluidas, compondo-se como várias identidades que acontecem ao mesmo tempo, em distintos contextos sócio-culturais. Nos termos de Bauman (2005, p. 76-84), as “identidades fluidas”, no mundo de mercadorias, ou seja, nessa sociedade líquida que é a sociedade de consumo, geram sempre novos desejos e estes são cada vez mais tentadores. Assim, por exemplo, a “mulher-mãe-empresária” da *PepsiCo*, evocada na matéria de *Marie Claire* intitulada “Revolução é com ela”, demonstra-se orgulhosa e satisfeita perante seus filhos com relação ao trabalho por ela desenvolvido naquela empresa, como vice-diretora de *marketing*, mas, ao mesmo tempo, ela afirma o quanto sua função lhe exige executar projetos sempre mais ousados, mais tentadores, mais inovadores. Daí, as múltiplas facetas apresentadas por essa mulher: “mãe”, “empresária”, “marqueteira”, “inovadora”, “consumidora consciente”, bem como seus esforços para se colocar no mundo do mercado sem ser por ele devorada.

Segundo Charles (2011, p. 30), na hipermodernidade, “os sistemas de representação tornaram-se objetos de consumo”. Destacar esse aspecto permite-nos precisar o quanto a “feminilidade” apresentada no mundo moderno estava inserida numa lógica diferente daquela que aparece contemporaneamente. Considerando que os referenciais patriarcais declinam, as representações como objetos de consumo viriam para tentar aplacar, nem sempre de modo bem sucedido, esse declínio. Assim, segundo afirma Charles (2004, p. 20), na hipermodernidade os “mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação”. Logo, não é propriamente proibido continuar sendo uma “mulher moderna”, mas, para a “mulher contemporânea”, como proclama *Marie Claire*, o “chique é ser inteligente”, neste caso, ser inteligente é assumir o múltiplo, o versátil, ser atualizada, estar na moda, em dia com a novidade, estar em movimento, ser muito mais do que se atribuía a uma mulher no mundo moderno. Como exemplos dessa variedade que uma mesma mulher passa a sustentar, podemos destacar,

em *Marie Claire*, por exemplo, a reportagem sobre a freira que é também escritora e feminista: o mesmo tempo em que ela viaja o mundo realizando suas missões, dedicando-se ao trabalho como freira, exerce a militância a favor das minorias e escreve romances. Também vale citar, nesse mesmo contexto, as mães que, provenientes de diferentes campos de atuação profissional, militam pela legalização da maconha para uso medicinal nos casos de seus filhos e em outros casos similares.

A análise documental realizada no segundo capítulo desta dissertação permitiu-nos, portanto, verificar empiricamente como a subjetividade feminina se desloca de referenciais identificatórios fixos ainda presentes na modernidade para uma enorme e até mesmo incoerente multiplicidade de representações associadas à mulher contemporânea. Também verificamos que, quanto mais múltiplos e fluidos são esses novos “referenciais”, maior a exigência de singularidade que as próprias mulheres sustentam no mundo contemporâneo e pareceu-nos importante avaliar, neste terceiro capítulo, como esses múltiplos referenciais e esse tipo de exigência são tematizados pela psicanálise de orientação lacaniana.

4.1 A fluidez e a multiplicidade da sociedade hipermoderna, segundo a psicanálise de orientação lacaniana

Segundo Miller (2005a, p. 7) os “sujeitos contemporâneos, pós-modernos e até mesmo *hipermodernos* são desinibidos, neo-desinibidos, desamparados, desbussolados”, ou seja, nos termos dos Estudos Culturais, perderam as referências tradicionais que a modernidade ainda lhes propagava. Ao mesmo tempo, Miller (2005a, p. 12) questiona se estar sem bússola é não ter referência e indica-nos que não: essas referências deslocaram-se, estão em outro lugar e, na hipermodernidade, “se há uma crise, essa crise seria do real”.²³

Esse modo de Miller (2005a) se referir às novas subjetividades como “desbussoladas” teria certa relação com o que já abordamos nesta dissertação sobre o deslocamento das identidades. Assim, estar “desbussolado” seria consonante a estar “sem referência patriarcal” e, segundo Miller (2005a), isso passou a acontecer desde que a moral sexual civilizada foi abalada, se “dissolveu”, inclusive com a própria presença da psicanálise no mundo. Aqui, também encontramos uma relação com o que Bauman (2005) aborda sobre o derretimento do que era “sólido”, dando lugar à “sociedade

²³ [...] si hay crisis, es una crisis de l real (Miller, 2005, p. 12)

líquida”. Essa solidez se alicerçava precisamente nos valores patriarcais que, como também aponta Miller (2005a), se dissolveram e a psicanálise exerceu uma importante influência para a dissolução da “moral civilizada” representada por esses valores.

Segundo Miller (2005a), para Freud, essa “moral civilizada” dava uma bússola aos desamparados precisamente porque os inibia, por exemplo, quanto a seus desejos sexuais, em uma época cujo apogeu foi determinado pelo domínio da Rainha Vitória nos países de língua inglesa e, a partir deles, em uma grande parte do mundo. Essa moral civilizada preconizava, portanto uma repressão da sexualidade. Porém, segundo Miller (2005a), uma fenda se abria nessa mesma civilização, relacionada ao desejo e à sexualidade que, mesmo reprimidos, insistiam nos corpos e, na sociedade contemporânea, essa fenda passa a aparecer de modo muito mais desvelado. Miller (1997) ainda ressalta que, no funcionamento civilizatório fundado na repressão ao sexual, havia formas diferentes para os homens e para as mulheres com relação ao que poderia ser vivido sexualmente: os desejos sexuais masculinos encontravam maior vazão que os femininos.

Segundo Assef (2013, p. 82), o que Freud denunciava como sintoma de sua época foi precisamente essa moral civilizada, pautada na renúncia do gozo, na repressão, na abstinência sexual e na estrutura rígida do mundo do trabalho. Fazendo alusão ao esquema de Freud (1921) em “Psicologias de massa e análise do eu”, Assef (2013) mostra como as subjetividades eram situadas em uma dupla ligação, configurando um tipo bem específico de laço social: os integrantes de um grupo teriam uma ligação entre eles mesmos e, ao mesmo tempo, com um líder localizado coletivamente como o objeto de identificação deles. Dessa forma, essas subjetividades manteriam um mesmo objeto – o líder – na posição de ideal do eu para cada membro do grupo. Nesses processos identificatórios, seríamos, portanto, “todos iguais, seguindo o mesmo líder”. Essa identificação ao líder é análoga à identificação ao pai, segundo Freud (1921) e corresponderia ao que Miller (2014, p. 22) denota como o “Nome-do-Pai, segundo a tradição” definido com o significante de que o “Outro existe” como lugar privilegiado para as identificações.

Entretanto, Assef (2013) nos mostra como Lacan formaliza o fim dessa era com a pluralização dos Nomes-do-pai, anunciando, dessa forma, o declínio do Nome-do-Pai. Essa “nova era”, não mais tomada por referências patriarcais fixas, tem sido chamada por Miller (2005) como a era da “inexistência do Outro”. Essas formulações nos interessam, pois podemos articular essa inexistência do Outro e o que discutimos,

nos dois capítulos anteriores, sobre como as identidades fixas próprias ao mundo patriarcal dão lugar, na sociedade contemporânea e hipermoderna, às identidades múltiplas, deslocadas das referências patriarcais tradicionais. Essa articulação leva-nos a considerar uma questão importante: se as referências patriarcais não servem mais para fixar as identidades e orientá-las, servindo-lhes de bússola, de onde viria, hoje, essa orientação? Podemos recolocar essa mesma questão nos seguintes termos: se o Outro não existe na hipermodernidade, quem ou o que exerce a função do Outro, servindo de bússola para as subjetividades?

No primeiro capítulo, procuramos ressaltar, no âmbito dos Estudos Culturais e abordando suas considerações sobre o consumo, a globalização e a hibridização, o que teria operado esse deslocamento das identidades, levando-as a se apresentarem como efêmeras, fluidas e múltiplas. Entretanto, mesmo considerando o consumo, a globalização e a hibridização em seus impactos nas tecnologias de informação, nas imigrações, no multiculturalismo contemporâneo, essas mudanças não nos parecem ainda suficientes para esclarecer o que Hall (2001) define como “os pontos instáveis das identificações”. Há, sem dúvida, hoje em dia e cada vez mais, uma enorme fluidez, mas, afinal, do que se trata quando falamos que as identidades são fluidas? Que identificações são essas e que fluidificam as subjetividades a ponto de lhes causar insegurança, angústia e toda uma variedade de sintomas em um mundo já não mais sufocado pela repressão sexual?

Miller (2005a) localiza que o homem estaria sem bússola desde que a sociedade industrial substituiu, em escala mundial, a prática da agricultura que continua existindo, mas também de modo cada vez mais industrializado. O modelo de sociedade fundado na agricultura não industrializada encontrava, segundo Miller (2005a), na natureza e no ciclo das estações, seu fundamento, suas referências e suas balizas e podia determinar que o “real agrícola é celeste, é amigo da natureza”. Porém, com a “revolução industrial”, perdemos essa relação próxima e organizadora com a natureza, os artificios se multiplicaram a ponto de, na sociedade contemporânea, “o real devora a natureza” porque esta não é mais reguladora da ordem do mundo. Vivemos, então, segundo Miller (2014, p. 23), uma “desordem no real”. Portanto, em um mundo ainda não industrializado, o real se apresentaria mais claramente como o que sempre volta ao mesmo lugar, pois ele “se disfarçava de natureza” e parecia ser a manifestação de uma ordem “natural”: não havia propriamente surpresas, podíamos esperar o retorno do real sempre no mesmo lugar como, por exemplo, sob a forma do retorno anual das estações,

sempre nas mesmas datas. O real era a “própria garantia da ordem simbólica” (MILLER, 2014, p. 23).

A dimensão fluida e líquida da hipermodernidade é um efeito da indefinição de lugares identificatórios e um “não-lugar” passa a definir a produção de subjetividades no mundo contemporâneo. Segundo Hardt e Negri (2014), esse “não lugar” se demarca pela substituição das referências identificatórias modernas por aquelas propagadas pelo que hoje é chamado de “sistema”. É como se estivéssemos controlados por um tipo de *software* que carrega um vírus, de modo a regular e gerar novas subjetividades inseridas nessa nova lógica fluida do *software*. Por isso, as subjetividades contemporâneas são engendradas a partir desse “não lugar”, dessa experiência e da exigência do que é sem limites. Vivemos, então, em um mundo que é como se fosse um conjunto que não se fecha, um conjunto aberto e que aponta para o infinito, seja para cada indivíduo, seja para a sociedade em geral.

Também verificamos uma perspectiva similar ser desenvolvida por Sinatra (2010) com relação a essa inseparabilidade entre o coletivo e o específico, o global e o local: na análise dos deslocamentos sociais contemporâneos, devemos ter cuidado para não introduzirmos uma dicotomia entre sociedade e indivíduo. Segundo Sinatra (2010), quando Freud (1921) demonstra, em sua “psicologia de massa”, que o líder amado é projetado como externo a cada indivíduo, esse líder não deixa de se fazer presente também como o que cada indivíduo traz dentro de si. Assim, segundo Sinatra (2010), se hoje em dia experimentamos cada vez mais uma carência por “líderes” ou por objetos que coletivizem uma mesma identificação, isso não significa que o supereu, como representante da lei paterna e exigência de satisfação, não se faça presente de modo devastador nas relações que estabelecemos com o mercado de consumo e nas nossas exigências por uma satisfação sempre intensa e ilimitada.

Podemos aqui retomar também as formulações de Giddens (1999) sobre as mudanças advindas da globalização com relação às coordenadas tempo e espaço e sua incidência nas relações sociais, na vida dos homens e das mulheres. Também para esse autor, mais próximo dos Estudos Culturais do que um psicanalista como Miller, as subjetividades contemporâneas vivem uma relação completamente diferente com o tempo e o espaço. Há um distanciamento quanto às coordenadas tempo-espaço, determinando um desencaixe das subjetividades, pois o tempo não se alinha mais às ocorrências externas ou naturais, ou seja, há, nos termos da psicanálise de orientação lacaniana, “uma grande desordem do real” (MILLER, 2014, p. 23), pois a natureza das

relações sociais, o próprio senso de organização social, como também a intimidade das subjetividades são completamente abalados.

Por isso, Miller (2014) afirma que, quando o “real” se propagava ao modo de uma “ordem da natureza”, ele ainda se deixava pautar por uma ordem simbólica, viabilizando, para cada um, a “necessidade de estar assegurado” na medida em que o real parecia como condicionado por uma força de repetição. Assim, inclusive durante a modernidade, a relação com o tempo, por exemplo, se valia da regularidade da natureza, mas, hoje em dia, a experiência é muito mais a de um *software* que é processado e impõe algo de modo variável, sem efeitos fixos muito determinados. Assim, o “real da natureza” passa a não mais ser referência para nossas orientações, subjetividades e identificações, pois o real passa a se impor cada vez mais de modo contingente, tomando mesmo a forma do caos, ou seja, de uma desordem. Segundo Fuentes (2017, p. 274), esse tipo de contingência pode promover um encontro traumático e que se inscreve de forma sintomática “como um modo de gozo, singular” no qual as subjetividades podem se fixar, mesmo que, do ponto de vista sócio-cultural, elas pareçam fluidas. Portanto, esse recurso às formulações da psicanálise de orientação lacaniana é relevante para a nossa discussão sobre as subjetividades que se apresentam como identidades múltiplas, diversas, fluidas e desbussoladas, na medida em que a sociedade contemporânea hipermoderna é tomada como nos explicou Miller (2014) por uma “desordem no real”. O século XXI, continua Miller (2014), é o século da desordem e da falta de sentido porque implica todo tempo uma ruptura entre a causa e o efeito, fazendo emergir “o real sem lei”, ou seja, sem a referência a uma regularidade que a natureza ou os referenciais paternos, antes, garantiam.

Miller (2014) também destaca como o capitalismo e seus laços com os desenvolvimentos tecnológicos promovidos pela ciência, desde a revolução industrial e nessa transição do século XX para o século XXI, têm contribuído para a destruição de uma estrutura tradicional baseada na ordem patriarcal. Ainda assim, mesmo “desbussolada”, a subjetividade contemporânea não é propriamente destituída de algo que a orienta e que Miller (2005a), aludindo a uma formulação de Lacan, localiza como “objeto *a*”. Esse objeto tem relação com o que a psicanálise freudiana já abordava como “objeto perdido” e se refere a uma experiência de satisfação que teria acontecido, mas a qual jamais se poderia retornar, embora ela, na vida libidinal de cada um, insista nesse retorno. Lacan (1998), em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, aborda esse objeto a partir do vazio em torno do qual as pulsões visam satisfazer-se e, assim,

como formula Fuentes “o circuito pulsional é eterno retorno, fundamento da repetição, em torno de um objeto perdido inalcançável” (FUENTES, 2017, p. 276). Esse objeto pulsional perdido e para sempre visado não deixa de ter relação com o lugar do Outro que, na psicanálise lacaniana, se configura tanto como esse Outro primordial corporificado pela mãe e pelo pai, quanto como o campo mais extenso da cultura.

Assim, o objeto *a* seria um elemento “intenso que reprime toda a noção de medida, indo sempre em direção ao mais, em direção ao sem medida, seguindo um ciclo que não é o das estações, mas sim o de uma renovação acelerada, de uma inovação frenética” (MILLER, 2005a, p. 8), impondo-se como dominante e convidando incessantemente os sujeitos “desbussolados” a ultrapassarem suas inibições para encontrarem a satisfação como jamais ela havia sido encontrada. O capitalismo e a ciência, ao difundirem cada vez mais, em nossa civilização, os objetos de consumo, têm contribuído então significativamente para “a subida do objeto *a* ao Zênite social” (Miller, 2005a, p. 8) e, assim, nesse Zênite considerado, desde a Antiguidade, como o ponto mais alto do céu ainda então imóvel e imutável para a agricultura e a tradição patriarcal, o objeto *a* se eleva com suas exigências ilimitadas.

Miller (2011) ainda esclarece que Lacan definiu o objeto *a* como um objeto “equivoco”, ou seja, ambíguo, com dois sentidos: por um lado, é objeto causa de desejo (que comporta um furo e, portanto, alguma circunscrição, apresentando-se como objeto *agalma*²⁴); por outro, é objeto mais-de-gozar (que evoca uma exigência sem limite e chega as vias do que é resto, dejetivo, abjeto, sem valor). Então, desejo e gozo seriam dois vetores, “duas interpretações da libido freudiana realçadas por Lacan” (MILLER, 2011, p. 194). A libido como desejo implicaria uma dimensão negativa, uma vez que comporta em seu cerne a castração articulada à falta e, por essa vertente, uma dimensão do laço, na medida em que implica um retorno pulsional que passaria por alguma regulação do Outro. Por sua vez, a libido como gozo implica uma dimensão positiva: mesmo se há variações do gozo em intensidade, em termos de “mais” ou “menos”, há sempre gozo. Para o que estamos chamando aqui de “subjetividade contemporânea”, o objeto *a* se apresentaria fundamentalmente em sua faceta de gozo que abriga a “chave de nosso ser” (MILLER, 2011, p. 196), propagando diferentes modos de gozar.

²⁴ Lacan explica no *Seminário 11*, que o objeto *a* como causa de desejo é o objeto que “me faz desejar” - objeto de amor: *i(a)*. No objeto de amor, o *agalma* está escondido e por isso faz desejar. O objeto de amor esconde o objeto de desejo, o *agalma* e esse desejo que sustenta a demanda de amor.

Em “Freud e a teoria da cultura”, Miller (1997) estabelece todo um percurso sobre as relações entre a cultura e o objeto *a*. Neste texto, ele se vale da tese freudiana de que a pulsão sexual pode satisfazer-se com os objetos da cultura e, assim, teríamos nossa satisfação “com palavras, com o belo, com os valores mais altos da cultura”, evidenciando o quanto o “gozo sexual pode satisfazer-se com o significante”, ou seja, com o que é da ordem da linguagem (MILLER, 1997, p. 289). Dessa forma, a sexualidade para Freud incluiria o campo da cultura, não se restringiria à natureza, ou seja, ela não seria exclusivamente biológica. Há, portanto, para os seres humanos, uma substituição da natureza pela cultura, na medida em que damos significados culturais a funções provenientes da natureza tais como, por exemplo, o nascimento de uma criança: o que de início é um fato biológico ganha significações culturais sob a forma de uma certidão de nascimento, um registro de identidade, etc.

Miller (1997) aponta que a grande novidade introduzida por Freud foi a de que os “objetos primariamente libidinizados” e encontrados de início na família seriam responsáveis pelo estabelecimento de uma “condição de amor” que definiria a escolha que cada um faz dos objetos de sua satisfação. Haveria, portanto, uma “condição de amor” inconsciente determinando como e quando eleger o tal objeto sexual ou de amor; essa condição também determinaria os modos como os corpos humanos sexualmente se relacionam. Nesse contexto, com Miller (1997), poderemos afirmar que as considerações de Freud sobre a “condição de amor” de cada um são retomadas por Lacan como a “fantasia fundamental” que orienta a vida libidinal, mesmo quando esta se apresenta, nos nossos dias, “desbussolada”. Segundo Miller (1997), a fantasia fundamental expressaria o modo como cada sujeito dividido e, portanto, não identificado completamente sequer a si mesmo (\$) se encontra multiplamente articulado (\diamond) com o gozo (objeto *a*) que lhe toma o corpo: $\$ \diamond a$. Haveria, nessa “condição de amor”, uma relação com os objetos da pulsão que Freud destacou como objeto oral e objeto anal e que Lacan ampliou como objeto escópico (olhar) e objeto-voz. Portanto, cada sujeito teria a sua peculiaridade na forma de se articular a esses objetos, aos modos de gozo que permeiam os corpos.

Segundo Miller (1997) não haveria no inconsciente uma fórmula que vinculasse diretamente, por exemplo, um homem a uma mulher. O que se impõe, nas relações entre os sexos, é o investimento de cada um em um modo de gozo cuja “chave” seria objeto *a* que lhe é concernente. Dessa forma, podemos afirmar que cada sujeito, mesmo quando se relaciona com outro sujeito, privilegia, em suas parcerias, sua

“condição de amor” e não exatamente o outro como tal. Na sociedade hipermoderna, são essas “condições de amor” que tomam a cena, em variadas dimensões autoeróticas na quais o outro é apenas um subterfúgio para a realização de uma satisfação que jamais é experimentada como suficiente: o que ocupa a posição dominante é o objeto mais-degozar, e isso não é sem consequências para a subjetividade contemporânea.

Assim, até a modernidade as referências patriarcais fundavam uma moral sexual que ancorava as subjetividades em um ordenamento simbólico e determinava uma contenção da satisfação sexual consolidando, por exemplo, uma crença de que caberia às mulheres “completar” e “serem completadas” pelos homens. Quando a subjetividade já não pode mais se orientar, como na sociedade hipermoderna, pelo que vem do lado do pai, quando os próprios pais se apresentam como seres perturbados pela própria sexualidade, há “desbussolamento” subjetivo em termos de identificações porque o mundo se apresenta cada vez mais tomado pelo real sem lei. A queda da moral sexual civilizada passa a revelar a dissimetria que existe entre os sexos, e já não é mais tão fácil defender-se da experiência de que “não há encontro possível entre os sexos”, no sentido de um encontro proporcional e recíproco e, nesse contexto, “a inexistência da relação sexual se tornou tão evidente, de modo a poder ser explicitada, escrita, a partir do momento em que o objeto *a* ascendeu ao *sociel*²⁵” (MILLER, 2005a, p. 12).

Revelam-se, então, em nosso mundo hipermoderno, diferentes modos de distribuir as posições e as identificações sexuais. Por exemplo, até a modernidade, era ainda mais simples equivaler a posição de mestre ou de senhor ao homem e, para as mulheres, era ainda mais fácil se identificarem como “mães”, “esposas” e “donas de casa”. Hoje, na hipermodernidade, constamos um “declínio do viril” (MILLER, 2005) e uma “feminização do mundo” (MILLER, 2005). Assim, em vez de “significantes-mestres” orientadores, encontramos muito mais a proliferação de objetos de satisfação (*a*); em vez de identidades fixas, uma intensa e permanente liquidificação dos processos identitários. Por isso, quando Hall (2001) proclama que deveríamos considerar as instabilidades das identificações, parece-nos importante remetermo-nos ao isso que a psicanálise sobre a prevalência dos objetos *a* com relação aos Ideais ($I < a$) (MILLER, 2005, p. 390). Na sociedade contemporânea, proliferam, se pudermos dizer assim, identificações ao objeto *a*, uma vez que a referência aos ideais está em queda. O objeto *a* parece-nos explicitar melhor a fluidez que perpassa e perturba as relações sociais

²⁵ Palavra formalizada por Miller, que congrega, ao mesmo tempo, em francês, a referência ao “social” e a referência ao “céu” (“ciel”).

hipermodernas na medida em que esse objeto pode tomar as diferentes e múltiplas formas dos objetos oral, anal, escópico e vocal.

4.2. O efeito feminizante do objeto *a*

Na hipermodernidade, como já procuramos demonstrar, os valores do “Nome-do-pai segundo a tradição” (MILLER, 2014, p. 22) são rejeitados e a dominação contemporânea própria ao discurso capitalista (LACAN, 1972) se faz pela proliferação do objeto *a* no Zênite de nossa civilização. Vale retomar a explicação em relação aos significantes, o inconsciente e o poder. Assim, temos um deslocamento dos significantes norteadores – que LACAN (1992 e 1972) designava como S1, “significantes-mestre” – para o objeto *a*, bem como uma proliferação do que não faz sentido.

Miller (2005a) afirma que a prática freudiana teria aberto caminho para essa “liberação do gozo” experimentada, não sem perturbações, pelo que temos chamado aqui de “subjetividade contemporânea”: a clínica psicanalítica antecipou clinicamente a ascensão do objeto *a* ao Zênite social ao privilegiar e visar como cada um procurava fazer valer sua “condição de amor”. Ao mesmo tempo, a lógica utilitarista que foi se estabelecendo a partir da revolução industrial também contribuiu significativamente para que o objeto *a*, na forma de objetos de consumo, permeasse incessantemente o modo capitalista hipermoderno. Segundo Miller (2005a, p. 13), as consequências para a subjetividade contemporânea dessas exigências de satisfação muitas vezes são “ressentidas como da ordem da catástrofe” porque somos atravessados por uma ditadura do objeto *a* na posição de mais-de-gozar e isso

devasta a natureza, faz romper casamentos, dispersa a família, remaneja o corpo, não apenas nos aspectos do cirurgia estética, ou da dieta [...] realiza uma invenção muito mais profunda sobre o corpo. Nos dias de hoje, uma vez que se decifrou o genoma, é possível produzir-se, verdadeiramente, o que alguns chamam de “pós-humanidade” (MILLER, 2005a, p. 13)

Localizamos, nessa citação de Miller (2005a), o que Lipovetsky (2011) também situa com relação à hipermodernidade: a subjetividade contemporânea “dispersa a família” e “remaneja o corpo”, chegando mesmo preconizar uma “invenção

mais profunda sobre o corpo” e com fortes incidências sobre a humanidade quando o “genoma”, manipulado e inovando a própria produção de vida, também se insere muito bem nas leis do mercado e do consumo.

A propósito dos efeitos do discurso da ciência no mundo, Lacan (1992, p. 157), formula um neologismo – “latusa” (*lathouse*) – para designar algo que define os objetos na hipermodernidade e que difunde os modos de gozo neles condensados. Nesse neologismo lacaniano, como demonstra Laia (2009, p. 37), temos a condensação de nomes como “atmosfera” e “estratosfera”, ou seja, esses lugares “por onde vagueiam ondas imperceptíveis, mas nem por isso pouco efetivas”, uma vez que são as ondas do rádio, da TV, do celular, da internet, etc.; mas, também nesses nomes, Lacan quis destacar o *alet* que vem de *aletéia*, essa palavra “que Heidegger escavou em um grego como Heráclito” para designar uma verdade que aparece inclusive com a própria ocultação; por fim, no neologismo “latusa”, sobretudo em sua pronúncia e escrita francesas como *lathouse*, encontramos a referência ao que Freud destacava como sendo a Coisa (*Chose*) e que, para Lacan, evoca o que passa a ser por ele designado como objeto *a*. Assim, a aletosfera hipermoderna está cada vez mais tomada por esses “miúdos objetos pequeno *a*”, proliferados nas sociedades e produzidos pela ciência, contendo um gozo e uma satisfação cada vez mais presentes na contemporaneidade. As “latusas” são, assim, os “objetos de consumo produzidos para atrair nosso desejo governado pela ciência e, portanto, fabricados para não haver como ceder, abrir mão deles” (LAIA, 2009, p. 38). Portanto, para Laia (2009), esses objetos-latusa exerceriam toda uma forma de dominação que parece passar despercebida porque se faz em nome da satisfação que todos buscam, ainda que nem sempre a encontrem efetivamente.

Dessa forma, na modernidade, a dominação ainda se fazia através do “mestre” encarnado em funções patriarcais e privilegiadamente associadas ao gênero masculino: o homem provedor, detentor do saber, da moral, dos valores e dos bons costumes era prevalente e procurava regular a satisfação de tudo e de todos. Porém, na hipermodernidade, temos a primazia de uma “mutação capital, [...] que confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 178), ou seja, o sujeito, com sua divisão, marca de sua insatisfação (\$), ocupa a posição de comando anteriormente definida pelo significante-mestre (S_1) e pelos valores associados à tradição patriarcal. Laia (2009) explicita que Lacan (1969-1970/1992) – ao destacar essa “mutação capital” – passa a tomar o sujeito em questão como o sujeito envolvido no modo de produção capitalista, ou seja, nessa nova forma de dominação realizada por

meio de um “sistema” que age de forma ao mesmo tempo sutil, inquestionável e implacável.

Diferente do que acontece clinicamente no âmbito da “fantasia fundamental”, os objetos que proliferam na sociedade hipermoderna de consumo comportam uma exigência que não deixa de ser, paradoxalmente em função da multiplicidade desses objetos, padronizada: o mercado oferece uma multiplicidade e uma infinidade de objetos, mas sempre com a finalidade de serem consumidos, descartados e darem lugar a outros objetos a serem consumidos e descartados, numa repetição sem fim. Ao mesmo tempo, se esses objetos “causam nosso desejo”, despertam nossa vontade de consumi-los, é porque, “por mais similares” que sejam, paradoxalmente, em sua proliferação, eles “guardam... algo de diferente, ... não se equivalem, não perfazem propriamente um conjunto” (LAIA, 2009, p. 38).

Na “fantasia fundamental”, a experiência analítica detecta o objeto *a* como um elemento condensador da libido (MILLER, 2011, p.104). Assim, o objeto *a* condensa também, como já vimos, desejo e gozo: como objeto causa de desejo, ele ainda se vale da presença do Nome-do-Pai e o gozo então se deixaria circunscrever pela castração; se a referência ao Nome-do-Pai, conforme constatamos na sociedade hipermoderna, vacila ou mesmo não se faz mais presente, a referência à castração se dilui, se liquidifica e o objeto *a* se impõe muito mais em sua faceta de objeto mais-de-gozar, produzindo um transbordamento, um excesso, um gozo “deslocado” e “aleatório”. Segundo Miller (2011, p. 71), Lacan considerou “o gozo feminino como não tendo a ubiquidade estável” da sexualidade masculina e, por isso, ele se aproximaria dessa liquidificação e dessa fragmentação propagada pelo objeto *a* como mais-de-gozar. Assim, na hipermodernidade distante dos referenciais patriarcais, é essa versão mais feminizada do gozo que se impõe e desestabiliza os “pontos de identificação” antes lastreados pelos já não mais presentes referenciais patriarcais. Assim, na sociedade hipermoderna, podemos dizer que as próprias subjetividades que nela proliferam acabam por ser consumidas, o que intensifica ainda mais a liquidez com que Bauman (2001) a caracterizou. Afinal, com Lacan (1972, p. 18), podemos dizer que atualmente tudo “anda rápido demais” porque “se consome [*consomme*], se consome tão bem a ponto de se chegar à consumição [*consume*]”.

Nesta dissertação, portanto, estamos nos deslocando pelas “crises”, como se pudéssemos ir recontando a história dessas crises através dos termos modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade, como nos convida Lipovetsky (2011). Nosso ponto

de partida foi a “crise de identidade” evidenciada quando as identidades fixas são abaladas por um processo de intenso e rápido deslocamento dos referenciais identificatórios. Localizamos também, graças a Lacan (1972), que essa crise não coloca em questão completamente a dominação porque o discurso capitalista passa a exercer seu domínio através de exigências de satisfação infundáveis e não mais permeáveis aos referenciais patriarcais. Por sua vez, com Miller (2005a) pudemos abordar essa crise como aquele do real que se apresenta, nos termos de Lacan (2007), como “sem lei”. Agora, nos interessa retomar essas “crises” privilegiando o percurso das mulheres, seus deslocamentos nessas crises, para verificarmos, então, como as mulheres se “consomem” a ponto de sua própria “consumição”. Talvez possamos considerar, então, que a “feminização do mundo” aponte tanto para o acesso ao consumo quanto para a destruição: no “empoderamento” feminino atual haveria não apenas uma participação cada vez maior na sociedade de consumo, na política, nos mais diferentes lugares de nossa cultura, mas também o risco de uma destruição do que, para a psicanálise de orientação lacaniana, seria a feminilidade.

Vale retomar, então, o exemplo da vice-diretora de marketing da *PepsiCo*, que ganhou notoriedade e respeito num ambiente tradicionalmente masculino, precisamente por retirar a mulher da posição de objeto sexual das propagandas de cervejas veiculadas pela TV, elevando-as à condição de consumidoras de um produto antes privilegiadamente destinado aos homens. Conquista-se, então, certa equidade em relação aos homens: as mulheres não são “objetos” a serem consumidos como é o caso de uma cerveja, elas são também, tanto quanto os homens, consumidoras desse produto da indústria de bebidas e podem consumir cerveja e, também, homens. O problema é que, nessa entrega ao consumo, nessa equivalência ao que antes era próprio ao mundo masculino, as mulheres se arriscam a consumir (no sentido de acabar) o que diz respeito a singularidade que lhes perpassa o corpo. Afinal, o “mais” – sempre apresentado nas nossas relações com esse objetos mais-de-gozar que tomam a forma de objetos de consumo

não comanda da mesma maneira que o ordenamento produzido pelo S1, sob a forma de identificação, da hipnose, da sugestão e do amor. Ele é astucioso por deixar cada um diante da liberdade do imperativo do mais-de-gozar. Não é necessário que, seguindo o imperativo kantiano, a regra de tua ação seja uma regra que valha para todos, é preciso apenas que a tua ação se ajuste à oferta do mercado (GOLDENBERG, 2014, p. 120).

Então, o objeto *a* na posição de objeto mais-de gozar não comanda como o mestre da modernidade sob a forma da identificação pelo amor. Esse objeto mais-de gozar comanda ajustando as subjetividades à oferta de mercado. Caem os valores tradicionais, ou seja, os ideais, mas se elevam os valores do objeto no mercado: todos são consumidores, para consumir e serem consumidos, explicitando todo um modo de gozar que ganha ainda mais corpo na avidez de muitas mulheres pelo consumo e que resulta em decepções com o produto adquirido, depressões pós-compras, etc. Nesse contexto, o objeto-mais-de-gozar se apresenta em sua face de dejetivo: o consumo se articula ao descarte, ao que é jogado fora, no lixo, numa incessante e terrível relação entre “produção”, “consumo” e “destruição”. Com efeito, os objetos invadem nosso dia-a-dia, exercendo grande atração sobre a subjetividade contemporânea. Passamos a ansiar por sua aquisição, mas também perdemos o interesse por eles, os descartamos e, nesse descarte, muitas vezes, nos vemos também descartados.

Em relação às mulheres da modernidade, podemos considerar que, hoje, na sociedade hipermoderna, as mulheres têm cada vez mais liberdade para se posicionarem com relação a seus diferentes e variados modos de gozo porque nunca tiveram tantos direitos e tantas conquistas. Porém, sempre há um resto, algo de um mal-estar que se apresenta na forma de sintomas contemporâneos sob a forma de angústias, ansiedades, depressões, muitas vezes advindas da propagação desse excesso de movimento, dessa ausência de referência, dessa exigência constante pela satisfação que, no entanto, não abole o encontro incessante com a insatisfação. No caso das mulheres, isso é particularmente constatável porque, mesmo tendo acesso a várias funções sociais antes prioritariamente masculinas, elas se veem cada vez mais entregues a multitarefas em que o consumo e a consumição se confrontam incessantemente.

Portanto, se a posição dependente da mulher é um problema para o qual tem sido encontradas soluções e conquistas importantes, se historicamente as mulheres vêm assumindo uma maior inserção nas relações sociais, quais seriam os motivos das insatisfações que ainda permeiam muitas queixas femininas, que parecem por vezes não cessar e que não se restringem mais apenas à desigualdade frente aos homens? Podemos dizer que essa pergunta vem orientando esta dissertação e consideramos que as formulações da psicanálise sobre o “objeto perdido” e a “não-localização” característica do gozo feminino podem contribuir para sua elucidação. Laia (2009, p. 201), nesse

contexto, apresenta uma chave para empreendermos essa elucidação: no discurso do capitalista que, como vimos, campeia na hipermodernidade, o objeto mais-de-gozar seria produzido sem deixar de ser “perdido” e é bem isto que mobilizaria o circuito do consumo – o gozo que supomos extrair do objeto consumido não deixa de convocar uma satisfação perdida, mas isso não é propriamente apreendido no funcionamento da sociedade de consumo.

Não há propriamente essa apreensão porque, segundo Lacan (1992), o acesso aos objetos de consumo sob a forma de “latusas”, “objetos *a*”, tem uma função de “apagamento” da divisão do sujeito (\$) e, assim, afasta a subjetividade contemporânea de suas relações com o “saber inconsciente”. Logo, algo se desordena para o sujeito em relação ao desejo, ao gozo e aos objetos de consumo. Estes tem cada vez mais sua ascensão garantida na sociedade hipermoderna, mas os consumidores nem sempre se dão conta de sua consumição por esses objetos e pelas próprias exigências do consumo, pois não se perguntam sobre o que os fazem buscar tais objetos tão freneticamente, não elucidam a “condição de amor” em jogo nessa busca frenética. Parece, então, que se goza sozinho dos objetos mais-de-gozar disponibilizados pela sociedade de consumo e Fuentes (2017) irá explicar-nos que esse “gozo autístico” é uma satisfação que o sujeito encontra com o seu próprio corpo, como um bebê que chupa dedo, segundo um exemplo dado por Freud. Então, isso que Freud denominou como autoerotismo, Lacan chama de “gozo autístico”, como diz Fuentes (2017, p. 278), “fazendo objeção ao termo ‘autoerotismo’, uma vez que a experiência do gozo” – mesmo quando faz um sujeito voltar-se para a própria relação com os objetos de sua satisfação – “é sempre intrusiva, implica uma alteridade perturbadora”, pois o sujeito (\$) não vai se identificar completamente ao objeto *a*, nem este lhe proporciona o reencontro pleno com o “objeto perdido”. Portanto, o verdadeiro parceiro do sujeito, o seu parceiro fundamental seria esse objeto *a*, buscado e sempre perdido no campo Outro, nas identificações que lhe advêm daí, mesmo que de modo fluido e fragmentário. Assim, o que Hall (1996) apontou como instabilidade nas identificações tem a ver com essa disjunção entre o sujeito dividido (\$) e o objeto *a* onde seus modos de gozo se condensam.

Mas por que haveria uma aproximação desse modo de gozo fragmentário, relacionado à proliferação de objetos, à ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização hipermoderna e certa forma do gozo feminino se manifestar? Há tal aproximação porque os modos de gozo que assolam a subjetividade contemporânea se impõem, tal

como o gozo feminino, de forma fluida, “não-toda” e não localizada. Nesse contexto, é importante lembrarmos que, para Lacan (1969-1970/1992, p. 170), o objeto *a* implica um “efeito feminizante” sobre aqueles que são por ele tomados porque a ascendência desse objeto sobre o sujeito na “fantasia fundamental” faz com que esse sujeito já não tenha propriamente o domínio de sua própria satisfação, de sua “condição de amor”, embora seja por ela determinado. Nesse sentido, poderíamos dizer que, frente ao objeto *a*, a posição do sujeito é mais de dominado que de dominante e, assim, “desbussolado” pelos objetos, o sujeito se feminizaria no sentido de que, de acordo com a lógica do domínio derivada dos referenciais patriarcais, ele estaria tão dominado e consumido quanto as mulheres teriam sido um dia.

4.3. Diferentes perspectivas da “feminização do mundo”

Nesse momento, uma vez abordadas algumas consequências, para a subjetividade contemporânea, da ascensão do objeto *a* ao Zênite social, retomaremos a perspectiva que Miller (2005) nos permite delinear sobre a crise na hipermodernidade: se há crise, essa crise seria do real e que se manifesta sob a forma de um mal-estar derivado da constatação de que o “Outro não existe”. Assim, somos mais confrontados ao campo do gozo sem que os referenciais promovidos pelo Nome-do-Pai consigam circunscrevê-lo e decifrá-lo como antes. Miller aborda também, nesse mesmo contexto, o declínio da imago paterna como um fenômeno apontado por Lacan já em 1938, em seu escrito “Os complexos familiares na formação do indivíduo”.

Com Bayon (2015), poderemos dizer que, desde o começo, ainda em plena sociedade vitoriana que promovia a repressão sexual e a lei patriarcal, a psicanálise teria dado um destaque e uma condição diferente para as mulheres. Por exemplo, o simples fato de Freud ter iniciado sua teorização e a sua clínica pelos estudos sobre as histéricas, escutando-as e dando-lhe voz, em uma sociedade onde elas eram excluídas, aponta para sua aposta com relação às mulheres e, nesse sentido, ele já teria sido um militante da causa feminina em um mundo onde o Outro ainda parecia ter uma existência ainda consistente.

Mas, se o Outro, como um campo referencial, não existe, o que estaria funcionando em seu lugar? A resposta a essa pergunta pode ser encontrada justamente no título de um curso de Miller (2005): *O Outro que não existe e seus comitês de ética*. Logo, o que substitui a existência do Outro, exercendo a função que esse Outro teria

exercido seria precisamente “os comitês de ética”, esses agrupamentos que, como os “sistemas peritos” investigados pelos Estudos Culturais (GIDDENS, 1991), procuram promover referenciais na hipermodernidade cada vez mais marcada pela fragmentação e pela hibridização das identidades.

Historicamente, segundo Miller (2005), a inexistência do Outro tem o seu início marcado com a multiplicação dos “comitês de ética”, ou seja, de “debates”, “conflitos”, “consensos”, “dissenções”, “comunidades”, “parcialidades”, “incertezas” e “dúvidas” sobre “a verdade, o belo, o verdadeiro”, sobre o “valor exato das palavras e as coisas”. Esses comitês, de certa forma, procuram fazer as vezes do que antes era uma “Ideia” da tradição. O termo Ideia aparece aqui com letra maiúscula porque, nesse contexto, Miller (2005) parece se referir também aos ideais e à queda deles. Em seu curso, Miller (2005) acaba chegando à seguinte formalização: $I < a$. Com o que temos desenvolvido nesta dissertação, podemos ler essa formalização assim: os ideais (patriarcais), na hipermodernidade, são abalados pela a ascensão do objeto a no Zênite social.

Esses ideais, agora “em queda”, tinham a sua representação garantida pela “imago paterna”, pelos referenciais patriarcais. O pai, como referência simbólica, portador e representante da lei, desempenhava uma função importante nos processos identificatórios: localizava e dava um lugar a cada um na vida e na sociedade. Então, com o declínio da imago paterna, os referenciais a ela associados vacilam, claudicam e o que se impõe é, justamente, o discurso ou a lógica capitalista propagada pelo consumo.

Essa promoção do objeto a – e, por conseguinte, dos múltiplos modos de gozo – ao Zênite social, coloca em cena, justamente, a primazia do gozo feminino frente ao masculino porque a feminilidade é, segundo Lacan (1985), “não toda”, fluida, não circunscrita completamente aos referenciais paternos e masculinos, propagando-se por uma multiplicidade incompleta e inventiva. Por isso, parece-nos possível constatar que a nossa percepção de que as mulheres apresentadas em *Marie Claire* são cada vez mais múltiplas e inventivas e, portanto, mais singulares estaria totalmente de acordo com os modos como o objeto a estende seus domínios na sociedade hipermoderna: esse objeto abre para uma fluidez, uma multiplicidade, uma fragmentação. Miller (2005) considera que se trata de uma abertura ao campo sintomático. Assim, podemos considerar que, por exemplo, uma das retratadas por *Marie Claire*, Lea T, como mulher-trans, usa o que lhe

toca sintomaticamente o corpo e seus modos de gozar de forma inventiva e até mesmo subversiva com relação aos ideais patriarcais.

Assim, os modos do gozo promovidos pelos objetos *a* podem designar o que há de singular nas subjetividades. Para Miller (2011, p. 88) “nosso modo de gozar” seria o que há de mais singular para cada um de nós, o que “está fora do que é comum”. Portanto, se até a modernidade o universal estava em destaque, agora, na sociedade hipermoderna, o destaque vai para o singular que busca encontrar um lugar no mundo tal como vimos, por exemplo, na trajetória de Lea T em uma das reportagens de *Marie Claire*. As mulheres são particularmente sensíveis a isso porque não se tem o conceito universal sobre a mulher, o gozo feminino é aberto, múltiplo e inventivo. Portanto, quando se trata do que toca às mulheres e à satisfação sexual, cada uma terá que fazer a sua própria construção e, nisso, a trajetória de Lea T é de novo uma referência importante.

Retomando a relação do “Outro que não existe” e a “feminização do mundo”, podemos verificar o quanto ambos acontecem justamente devido a uma inconsistência do Outro. Esta se evidencia na medida em que o campo do gozo excede os referenciais promovidos pelo Outro, e a queda dos ideais patriarcais coloca cada vez mais em cena a promoção do gozo como “não todo”, fragmentado e difundido pela infinidade de objetos *a* no Zênite social. Por isso, segundo Miller (2005), a “feminização do mundo” não se refere somente à quantidade de mulheres que, na atualidade, ascendem às profissões antes reservadas aos homens; tampouco às virtudes femininas propostas, por exemplo, por iniciativas feministas que insistem que a política, ou o Outro do poder, necessita hoje mais de um “toque feminino” para que os negócios possam ser geridos sem brutalidade, para que haja mais demonstrações de como lidar com as autoridades nas quais ninguém mais acredita.

De fato, segundo Miller (2005), as mulheres estariam especialmente capacitadas para lidar com a sociedade contemporânea porque sempre tiveram que negociar com as crianças sem ter que dar provas de sua autoridade e, portanto, este mundo onde as leis e as autoridades declinam já não seria assim tão novo para as mulheres. Nessa mesma direção, com a suplementação que caracteriza seu modo de gozo frente aos referenciais patriarcais e masculinos, as mulheres tenderiam a circular com mais desenvoltura pela fluidez desses nossos tempos confrontados incessantemente com o Outro inconsistente e com liquidez presente na sociedade pós-moderna.

No campo social ou da cultura, como também afirma Santiago (2012), a inscrição feminina se daria de forma distinta do campo ordenado pelo gozo fálico. Miller (2011) destacou que Lacan formalizou a sexualidade feminina depois de ter se separado das seguintes referências freudianas sobre a sexualidade: uma lógica masculina que totalizava as pulsões no primado do falo; uma equivalência entre feminilidade e maternidade. A esse primado do falo, Lacan, segundo Miller (2011) relacionou um modo de gozo compatível com o “todo”. Porém, Miller (2011, p. 211) também destaca como a psicanálise lacaniana sustenta que “não há pulsão sexual total” e, com isso, ela ressalta a economia substitutiva do gozo:

o gozo está por toda parte...: há um gozo da fala que faz parte da metonímia dos gozos substitutivos; há um gozo do saber; há um gozo proibido. Há também um gozo de pensamento, assim como há o gozo do corpo [...] *nada é sem gozo* (MILLER, 2011, p. 213).

Portanto, o gozo pode ser “deslocado”, “diferentemente repartido”, “metonimizado” e o gozo se apresentaria mais em camadas, através de ondas e através do que cada subjetividade mediria, de forma singular e peculiar, a distância entre esse gozo e a constatação de que a proporção exata e recíproca entre os sexos que não existe.

Como vimos anteriormente, o discurso das sociedades hipermodernas sustentam-se na queda dos ideais e na ascensão do objeto *a* ao zênite social. Como consequência, temos um empuxo ao gozo que extrapola cada vez mais os ideais, exige que cada vez se goze mais, desvelando, segundo Camaly (2005) o quanto cada um está entregue a seu próprio modo de gozo, à sua condição de gozar e de amar, curto-circuitando o laço social com os outros. Na sociedade hipermoderna, então, a solidão do gozo, ou seja, o que apontamos quanto à dimensão autística do gozo, se generaliza em escala global.

Camaly (2005) sustenta que a “feminização do mundo” apresenta diferentes perspectivas. Segundo já abordamos anteriormente, podemos verificar o avanço do gênero feminino tanto em carreiras políticas e sociais antes reservadas aos homens, quanto um posicionamento de algumas mulheres como “mulheres de ferro”. No caso destas últimas, em uma sociedade onde o Outro não existe, pode aparecer, em seu lugar, uma renovação da função Nome-do-Pai por parte, inclusive das mulheres e, assim, segundo Camaly (2005) temos uma “feminização do mundo” que, na verdade, é

sustentada, por algumas mulheres, por uma identificação fálica muitas vezes bastante rígida. Outra perspectiva da “feminização do mundo” é a constatação de uma consonância entre o gozo sem limites do objeto mais-de-gozar e o gozo suplementar próprio à feminilidade: segundo Miller (2011, p. 205) esses gozos se aproximariam precisamente por causa desse “um a mais” que implica um valor sempre suplementar e teríamos, assim, uma dimensão mais real da “feminização do mundo”. Nessa dimensão real, feminilidade e feminização do mundo se aproximam por meio desse “um a mais” que seria precisamente o suplemento que aponta para uma ausência de limites e para uma dimensão aberta a um gozo não-todo referenciado pelo todo relacionado ao falo.

Nessa perspectiva, afirma Santiago (2012), o campo pulsional teria sido por muito tempo ordenado pelo gozo fálico, possibilitando inclusive sua maior vinculação a ideais culturais patriarcais. Essa via tipicamente masculina encontra-se, na sociedade hipermoderna, cada vez mais abalada. Assim, segundo Santiago (2012), experimentamos hoje “o predomínio de uma abertura ao caráter ilimitado do Outro da posição feminina, que convoca o empuxo ao gozo” (SANTIAGO, 2012, p.7). Nesses termos, o que se impõe é um excesso, um “mais ainda” que acaba por atingir o próprio limite, ou o “princípio da limitação”, que é uma característica do lado masculino. Então, a ascensão, no Zênite social, de modos femininos de gozar ocorre de forma bem distinta das inscrições de modos de gozo ordenados pelo gozo fálico.

Camaly (2005) aborda ainda uma perspectiva na qual as mulheres seriam mais sensíveis ao Outro que não existe, no sentido de saberem lidar melhor com a queda dos ideais por terem, com os referenciais identificatórios, uma relação mais flexível do que os homens. Dessa forma, as mulheres se posicionariam melhor do que os homens em muitas circunstâncias, na sociedade hipermoderna. Como diz Miller (2005), elas já estariam acostumadas a lidar com a autoridade sem poder dar provas dela.

Também poderemos sustentar que a “feminização do mundo” não se refere exclusivamente às mulheres. Camaly (2005, p. 128) se serve de Miller para destacar que o empuxo à “feminização do mundo” seria uma “aspiração contemporânea à feminilidade”. Trata-se, portanto, de um fenômeno que remete ao excesso de gozo para o qual a castração não opera. Temos, então, uma diversidade de modos de gozar, uma multiplicidade de formas de gozo afetando a subjetividade contemporânea. Nesse contexto, Camaly (2005, p. 129) se serve da afirmação de Laurent de que a sociedade hipermoderna estaria entrando no regime do gozo não-todo, assim, as formas multiplicadas do gozo feminino se expandiria também rumo aos homens, que passariam a

estar tomados também por um regime não-todo e, portanto, feminino, do gozo. Assim, os modos de gozar característicos da subjetividade feminina deixam de ser exclusividade das mulheres.

Segundo Fuentes (2017), Lacan teria aberto a caixa de Pandora relativa ao enigma da feminilidade como uma forma de enfrentar o real em jogo na subjetividade feminina. Portanto, considerar esse enigma seria também uma forma de investigar o que acontece na sociedade hipermoderna. Trata-se de algo de certa forma alheio ao gozo fálico porque este implica a intervenção da castração, da lei paterna, do Nome-do-Pai, orientando cada um “a buscar o seu objeto *a* no campo do Outro por meio do significante fálico que sustenta esse desejo” (FUENTES, 2017, p. 286). O falo, então, é como um suporte para as identificações, ao mesmo tempo em que se articula como uma função que, por meio da extração do objeto *a* com relação ao campo do Outro, opera a castração e localiza um modo de o sujeito gozar com os objetos relacionados à sua “condição de amor”. Por sua vez, o gozo feminino é um gozo não todo inscrito nessa função fálica e pelo gozo fálico. As mulheres experimentam um gozo Outro, “louco”, “enigmático” porque não decifrado completamente. Esse gozo feminino tampouco está localizado em relação ao corpo próprio, é um gozo sem limites e fora da linguagem, referente ao registro do real.

Para esclarecermos então, o que é a “feminização do mundo” segundo formulações sustentadas pela psicanálise de orientação lacaniana, é importante também situarmos que essas formulações estabelecem uma diferença entre “identificação sexual” e “sexuação”. Assim, de acordo com Bayon (2015), a identificação sexual estaria ligada às categorias de gênero, às definições sobre o que é, por exemplo, masculino e feminino em consonância com os valores da sociedade. Tal identificação, como constamos a todo tempo hoje em dia, podem variar de uma época com relação à outra, é datada histórica e culturalmente. Assim, conforme já demonstramos aqui, na modernidade, a mulher era representada como sendo “do lar”, voltada para a “maternidade” e, hoje em dia, são múltiplas e variadas as referências sobre o que caracteriza a feminilidade. Por sua vez, o termo lacaniano “sexuação” diz mais respeito às dimensões reais dos modos de gozo relacionados ao que é fálico e ao que é não-todo fálico. Bayon (2015), apoiando-se na concepção lacaniana de “sexuação”, esclarece que ela define a vertente masculina do gozo como orientada pelo falo, articulada a uma linhagem transgeracional tomada por determinações e desejos inconscientes, bem como por ideais patriarcais. Assim, segundo Bayon (2015) enquanto o gozo fálico se orienta

pela lei paterna e tem como características ser mensurável, quantificável, localizado numa parte do corpo e ordenado por uma lei que diz o que é possível e o que não é possível, o gozo feminino, por não ser todo fálico, se apresenta como opaco, não localizável e não quantificável, não apenas para os outros em geral, mas também para cada mulher. A subjetividade feminina, como aponta Boyon (2015), seria tomada pela presença de um gozo Outro, na medida em que ele não está identificado com os ideais patriarcais.

As identificações femininas ao gozo Outro não são fixas, variam de mulher para mulher, ou mesmo de sujeito para sujeito, independentemente de suas anatomias ou de seus gêneros, mas podem funcionar como uma orientação, demonstrando uma maior flexibilidade com relação ao poder; uma menor tendência à rotina; uma menor tendência a uma identificação grupal e à uniformidade; uma maior observação do detalhe; uma prevalência mais forte dos laços afetivos e maior respeito às diferenças; um uso mais democrático da autoridade; uma capacidade maior de se correr risco sem medo de perda; uma grande capacidade criativa; uma menor sujeição às normas tradicionais e preestabelecidas; uma referência a ideais singulares, menos massificados; uma defesa pelo que lhe é próprio, tais como os filhos e a família.

Ainda com a finalidade de precisar melhor a concepção lacaniana de “sexuação” é esclarecedora a forma como Miller (2016) a demarca, afirmando que no “lado homem” existe o ser completo, tomado como um “todo” e que se revela como ser limitado, ou seja, se coloca sempre em seu limite, pois haveria ali um conjunto fechado; no “lado mulher”, teríamos, no entanto, um ser que não se tem uma relação essencial e estrutural com o limite, uma vez que estaríamos frente a um conjunto infinito e aberto.

Portanto, o fenômeno da “feminização do mundo” não concerne exclusivamente às mulheres, mas a cada um que participa das instabilidades próprias à sociedade hipermoderna. Trata-se de um fenômeno que se vale da inconsistência do Outro e da proliferação dos objetos *a* em um mundo globalizado e que lhe dá qualidades mais fluidas, convocando cada um *a*, a se posicionar frente ao “efeito feminizante” característico, como vimos, do objeto *a* com relação ao sujeito marcado por uma divisão.

Como afirma Lacan (1972, p. 22), o objeto *a* “é o verdadeiro suporte de tudo que vimos funcionar e que funciona de maneira mais e mais pura para especificar cada um em seu desejo”, e esse objeto, na era hipermoderna, acederia ao Zênite social. Dizer que, segundo a psicanálise de orientação lacaniana, vivemos uma “feminização do

mundo” tem a ver, portanto, com a presença de uma lógica não-toda fálica e que dá mais lugar à multiplicidade, à incompletude, à inventividade, à constatação de que o “Outro que não existe”, às capacidades femininas de se operar com a autoridade “sem poder dar provas dela”. A “feminização do mundo” se apresentaria, então, nos modos como uma sociedade opera com o gozo, aparelhando-o e se apresentando como uma produtora de gozos, pois promove excessos, ao feminizar cada um em sua relação com o objeto que o consome.

Ao mesmo tempo, essa “feminização do mundo”, inclusive por sua multiplicidade, fluidez e abertura, pode nos conduzir inclusive a seu contrário, à afirmação de uma “ordem de ferro” e de uma rígida identificação ao falo que, muitas vezes, algumas mulheres não hesitam em sustentar. Trata-se, portanto, de tomar a “feminização do mundo” como um enigma, inclusive para as próprias mulheres, e que pode lançar algumas luzes sobre o que Hall (1996) chamou de “pontos instáveis da identificação”. Através da psicanálise de orientação lacaniana, acreditamos, por fim, que podemos dizer que essa instabilidade se deduz exatamente do campo do gozo, do objeto *a* e da inconsistência do Outro que se apresentam com grande intensidade na sociedade hipermoderna.

5 CONCLUSÃO

As questões que envolvem identidade, subjetividade, construção de subjetividade, sociedade, feminilidade, modos de gozo, estão longe de se esgotarem. Finalizando esta pesquisa, percebemos a complexidade que essa temática envolve, e como fomos profundamente afetados por esse trabalho e o tomamos, ainda, ao concluí-lo, como um *work in progress*. Embora a revisão bibliográfica não tenha compreendido diretamente a história das mulheres e se limitou a priorizar certos deslocamentos sociais para delinear as representações da mulher na modernidade e na contemporaneidade, ela teve, sobre a pesquisadora, o efeito de constatar, inclusive como “experiências de vida”, os diferentes modos como se configura a luta das mulheres para conseguirem uma inserção social, para deslocarem-se da moral sexual civilizada para darem efetivamente lugar à feminilidade.

Percebemos também, a respeito do nosso objeto, no que concerne ao almanaque *Eu sei tudo* e à revista *Marie Claire* que, talvez, o almanaque tenha sido uma revista mais acessível aos leitores do que a revista *Marie Claire*. Pelo seu valor de mercado, permitiremos inferir que a revista *Marie Claire* – diferente do que terá acontecido com as leitoras de *Eu sei tudo* – “deve” ser lida por um segmento mais específico de mulheres da sociedade, mulheres que talvez tenham um grau de escolaridade um pouco diferenciado, que estejam ocupadas em construir uma carreira profissional, ou que tenham já certa ascensão dentro da sociedade. A multiplicidade e inventividade que pudemos encontrar nessas duas publicações, se fôssemos averiguá-las em uma pesquisa de campo, recolhendo diretamente histórias de vida em diferentes lugares da sociedade, poderiam ter sido tematizadas, talvez, de forma diferente. Assim, ao utilizarmos *Marie Claire* para discernir representações da mulher contemporânea, possivelmente não privilegamos um veículo que se endereça a “todas” as mulheres: embora seja uma revista de circulação nacional, sabemos como o Brasil é diverso e que, assim como na modernidade, ainda hoje, certamente devem existir muitas mulheres operando segundo uma lógica moderna que está mais presente em *Eu sei tudo* que em *Marie Claire*.

Dessa forma, o que foi uma inquietação inicial, a respeito dos modos de gozo da mulher contemporânea ainda precisará ser mais bem investigado e ficamos questionando até que ponto as mulheres são, de fato, contemporâneas. Na realidade, quem seriam essas mulheres contemporâneas, as leitoras de *Marie Claire*? Embora saibamos que a mídia, por um lado, representa e expressa um movimento da cultura, de uma época, como apontou Castells (1999), também estamos considerando, depois do

que verificamos nos capítulos “A subjetividade contemporânea” e “A feminização do mundo”, como a lógica do consumo mantém um sistema funcionando às custas do circuito pulsional das subjetividades. Daí, poderíamos nos perguntar: ser uma “mulher moderna”, na hipermodernidade, poderia implicar uma ação segregadora empreendida, inclusive, pelas próprias mulheres “contemporâneas”?

Portanto, esta pesquisa talvez permita-nos apontar para outra pesquisa que nos levaria a verificar diretamente no corpo social como acontece esse deslocamento, essa flexibilização das identidades por meio de fenômenos locais (que envolvam a cultura), ou por meio de relatos de história de vida. Portanto ainda há muito a dizer sobre essa temática da feminilidade e da feminização do mundo, da subjetividade moderna e da subjetividade contemporânea. Pudemos, ao longo desta dissertação, chegar a algumas respostas, mas também descobrimos o quanto elas nos apontam outras perguntas.

Constatamos que, com o declínio dos ideais patriarcais, do Nome-do-Pai, da tradição, da consistência ao Outro da cultura, estamos, na hipermodernidade, na era do Outro que não existe. Com isso, por um lado, houve uma substituição desse referencial consistente, para um inconsistente, múltiplo, fragmentado; temos a ascensão do discurso capitalista e do discurso da ciência, que promovem referências, instáveis, fluidas, que parecem ressoar as exigências do objeto mais-de-gozar que se apresenta sob a forma de produto para o consumo e exigências de satisfação. Não verificamos mais a repressão e a punição como era visto de forma tão evidente na modernidade. O que verificamos, na hipermodernidade, com Hardt e Negri (2014) é que as estratégias de ação, de mando ou de controle, passam pela vertente da produção e controle, pois as subjetividades são produzidas e formadas e estão engendradas pelo próprio sistema. Como verificado no capítulo “A feminização do mundo”, existe uma adequação entre demanda da subjetividade e oferta do objeto-mais-de-gozar no que concerne à identificação, alimentando o circuito pulsional.

Por isso, consideramos que a transição da modernidade para a sociedade contemporânea, parece estar implicada numa mudança nas estruturas simbólicas e que quando essa estrutura simbólica muda, mudam também as formas de viver e mudam os símbolos, que parecem fazer a articulação entre subjetividade e sociedade. Essa mudança simbólica requer então que façamos uma transformação em nossas vidas e com isso a necessidade de novos símbolos. Então, na modernidade, podemos situar esse simbólico a partir do que era organizado pela referência da tradição patriarcal, com a

ideia de que “isso deve ser assim”, que servia também para encobrir o real, essa dimensão que Lacan (1972) e Miller (2014) nos explicaram, que na Antiguidade, era verificado precisamente pela relação do homem com a natureza.

Na hipermodernidade, como nos explicou Miller (2005), com o declínio dos ideais, o real se impõe e podemos percebê-lo em seus efeitos desnorteantes nos corpos e na perspectiva de que “nada tem começo e nada tem fim. Esse real poderia ser articulado a esse “não-lugar”, a esse “interstício”, a essa fluidez, a algo que parece impossível de ser captado. Ainda assim, desse real, sentimos seus efeitos em nossos corpos. Como consequência, na hipermodernidade, temos como características fundamentais, que parecem ser também fundante das subjetividades, a multiplicidade, o diverso, o disperso, a fragmentação, a capacidade inventiva, características que exigem das próprias subjetividades capacidades de organizarem-se rapidamente frente ao efêmero, ao movimento, a essa relação com o “tudo se consome” e de que “somos todos consumidores” (MILLER, 2005a).

Dessa forma, como verificamos, se na modernidade a identidade era fixa, na hipermodernidade já não é assim que ela se apresenta. Quanto mais fluida, múltipla e diversa, quanto mais relações e laços diferentes ela estiver inserida, mais isso apontaria para uma possibilidade de identificação ao objeto *a* e, portanto, com os modos de gozo da subjetividade contemporânea. Talvez hoje, mais do que nunca, poderíamos pensar a mulher no caso a caso, uma a uma, longe de haver um modelo, um estereótipo que classifique o que é ser mulher. A mulher, dessa forma, seria “inclassificável”, não seria generalizável e nem teríamos um modelo universal que a representasse a mulher. Daí, seu enigma. Um enigma a ser trabalhado, a ser abordado, trilhado como o que continua constituindo a feminilidade da mulher contemporânea.

Outro aspecto fundamental que impacta e traz consequências importantes tem a ver com o fato de que com esse declínio dos ideais, parece ter havido também uma “horizontalização” de toda a sociedade, ou seja, a hierarquia, a forma verticalizada de mando já não surte efeito como antes. Esse é outro modo de dizer do Outro que não existe. Essa “horizontalização” da cultura permite o surgimento da capacidade criativa, inventiva. Porém, juntamente com ela, surgem os “comitês de ética”, os direitos humanos, o multiculturalismo, fenômenos sociais que exercem uma organização de forma mais independente e autônoma, embora possam também impor intervenções bastante conservadoras mesmo no âmbito da fluidez e da flexibilidade que permeiam a cultura contemporânea. Afinal, como foi dito anteriormente, o discurso do capitalista e

a sociedade de consumo comportam essa ideia de que tudo é efêmero, tudo passa, de que não tem fim, de que vamos substituindo os objetos velhos pelos novos, mas essa ideia, mesmo tomada por instabilidades, não deixa de ser utilitária e pode ser apropriada por formas de dominação mais sutis, mas não menos intensas. Assim, “os pontos instáveis da identificação” (1996) podem dar lugar à fluidez, mas também à rigidez de processos identificatórios, mesmo na contemporaneidade.

Nesse contexto, vale evocar, mais uma vez, o que Miller (2005) situou a respeito do declínio dos ideais. Sem dúvida, ele implica certo desaparecimento das obrigações sociais, como se não nos sentíssemos mais obrigados a nada, sem uma “lei externa” que faça limite, que faça barreira aos nossos diferentes modos de ser e de gozar. Cada um, então pode assumir o próprio controle, as próprias responsabilidades com o seu corpo, com a alimentação, com a estética, etc.. Por outro lado, cada um pode se ver lançado a uma posição mais desregrada. Teríamos, então, inclusive com a “feminização do mundo” o paradoxo de recursarmos o sistema e sermos reabsorvidos pelo sistema. Dessa forma, como apontou Miller (2005), temos por um lado, a queda do viril e, por outro, a ascensão do objeto *a* e a feminização do mundo: se, antes, as identidades se identificavam aos ideais, hoje, elas se identificam ao produto desses discursos, ao objeto mais-de-gozar. Isso torna as identidades mais fluidas, múltiplas, híbridas em suas inserções e não-inserções na lógica hipermoderna.

Nesse tensionamento próprio à hipermodernidade, consideramos que esta pesquisa nos aponta para investigar melhor as diferentes formas de mal-estar que continuam presentes no mundo contemporâneo e como eles afetariam mais especificamente as mulheres. Verificamos que cada uma terá que encontrar a sua própria bússola e do quanto isso aponta para um conjunto infinito, uma sensação de que não tem fim, para uma insatisfação que não se aplaca. Essa multiplicidade aponta, portanto, para o que é sem limites. Por isso, torna-se imperativo para a mulher na atualidade fazer da vida uma “obra de arte”. Essa “arte” que cada uma faz com a sua própria singularidade revelaria um modo de gozo dentro de uma multiplicidade e uma diversidade. Porém, como se realizaria efetivamente esse fazer? As mulheres de fato o sustentam hoje em dia? – estas, entre muitas outras, são perguntas que, ao final desta dissertação, a demarcam, como dissemos inicialmente nesta conclusão, como um *work in progress*.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Marcela; FUENTES, Maria Josefina. Psicopatologia lacaniana. In: _____. **Semiologia da sexualidade**, p. 269-293. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ASSEF, Jorge. *La subjetividade hipermoderna: una lectura de la época desde el cine, la semiótica y el psicanálise*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2013.

A beleza feminina através da idade. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 293. Outubro de 1941, p.83-87. Disponível em:<
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00293.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

A beleza do gênero humano. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 357. Fevereiro de 1947, p.51-53. Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00009.pdf Acessado em: Outubro de 2017

A casa de Joana D'arc. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 484. Setembro de 1957, p.51-53. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1957_00484.pdf> Acessado em: outubro 2017

A casa é como a mulher". In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 370. Março de 1948, p.26-28. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00370.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

A coroação de Elizabeth II. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 429. Fevereiro de 1953, p. 21-26. Disponível em: <

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00429.pdf> Acessado em: outubro 2017

A Finlândia desconhecida: o feminismo e o trabalho. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 295. Novembro de 1941, p.55-58. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00295.pdf

A gastadora pública número um: a noiva. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 333. Fevereiro de 1945, p.61-65 Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00333.pdf Acessado em: outubro de 2017.

A história da máquina de costura. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 309. Fevereiro de 1943, p.25-26. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1943_00309.pdf Acessado em: outubro 2017

A hora é das mulheres! Os homens falharam, as mulheres são mais capazes. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 399. Agosto de 1950, p.26-28 e 96. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00399.pdf Acessado em: outubro de 2017.

A igreja permitiu esses divórcios. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 448. Setembro de 1954, p.32-34. Disponível em: <

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00448.pdf> Acessado em: outubro de 2017

A mulher chinesa: a grande escrava de ontem é dotada do mais admirável tato feminino. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 444. Maio de 1954, p. 33-38. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00444.pdf Acessado em: outubro de 2017

A mulher e a medicina. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 368. Janeiro de 1948, p.31-34. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00368.pdf>

Acessado em: outubro de 2017

A mulher, essa desconhecida: o espírito de contradição. In: _____. **Eu sei tudo**. Fevereiro de 1956/465, p.32-34. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1956_00465.pdf Acessado em: outubro de 2017.

A rainha Juliana da Holanda. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 380. Janeiro de 1949, p.67-68. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00380.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

A superioridade da mulher sobre o homem. In: _____. **Eu sei tudo**. Outubro de 1955/461, p.30-34. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00461.pdf Acessado em: outubro 2016.

As aventuras extraordinárias de Catalina Erauso. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 322. Março de 1944, p. 43-47;50. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00322.pdf > Acessado em: outubro 2017

As madonas de Rafael. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 296. Janeiro de 1942, p.79-81 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1942_00296.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

As mulheres da Bíblia. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 282. Novembro de 1940, p.61. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00282.pdf> Acessado em: outubro de 2017

As mulheres de Henrique VIII. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no.272, Janeiro de 1940, p.63-66. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00272.pdf> Acessado em: outubro de 2017

As mulheres no Evangelho. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 359. Abril de 1947, p.15-17. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00011.pdf> Acessado em: outubro de 2017

As mulheres trabalham demais! O esforço mal gasto nas tarefas diárias. In: _____. **Eu sei tudo**. Janeiro de 1955/452: p. 13-15. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00452.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

As sete portas do divórcio: a responsabilidade dos homens. In: _____ **Eu sei tudo**. Fevereiro de 1952/417, p33-36. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00417.pdf Acessado em: outubro 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009a

BAYON, Patricio Alvarez. **El empoderamiento da la Mujer y el Psicanálisis**. Ano, 2015. Disponível em: < <http://www.fapol.org/es/notas/2> > Acessado em: fevereiro de 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOUTET, Frederic. A mulher e o crime. In: _____ **Eu sei tudo**. Fevereiro de 1945/333 p.23-26. Disponível em; http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00333.pdf Acessado em: outubro de 2017.

_____. A mulher e o crime: Dramas de família e dramas políticos. Edição no. 334. Março de 1945, p.45-49. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00334.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

BOYMOND, Yvonne. Uma milionária de 11 anos. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 284. Janeiro de 194, p.63-65. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00284.pdf> Acessado em: outubro de 2017

BRANDT, Albert. Estranhos conceitos de beleza. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 433. Junho 1953, p.66-69. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00433.pdf Acessado em: outubro 2017.

BROWN, Nicholas; SZEMAN; Imre. O que é multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. **Novos estudos – CEBRAP**, São Paulo, n.75, p.93-108, July, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a07n75.pdf>. Acesso em: abril 2017

BURT, Hardt. Por que fracassaram certos casamentos? In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 430. Março de 1953, p.29-34. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00430.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Cabeças femininas. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 274. Março de 1940, p. 70-71 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00274.pdf > Acessado em: outubro de 2017.

CABRAL, Amancio. Bruxas e loucos! Uma mulher queimada viva por camponeses portugueses. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 351. Agosto de 1946, p.29-30. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1946_00351.pdf Acessado em: outubro de 2017

CAMALY, Gabriela. **Los impasses de la feminidad: goces y escrituras**. Buenos Aires: Grama, 2017.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARUSO, Marina; STACHUK, Mayra. A monogamia já era. In: _____. **Marie Claire**. Edição digital. Setembro de 2011 Disponível em: < <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI274984-17735,00-A+MONOGAMIA+JA+ERA+PSICANALISTA+E+ESCRITORA+REGINA+NAVARO+LINS+PREVE+QUE+N.html> > Acessado em: janeiro de 2018

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CELLARD, André. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed Vozes, 2012.

CHANLAINE, Pierre. O papel da mulher deve ser o de acalmar. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 272. Janeiro de 1940, p.49-50. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00272.pdf> Acessado em: outubro 2017

CHARLES, Sebastian. **O individualismo paradoxal**: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: _____. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2011. p.13-48.

Conselhos as mães a férias dos filhos. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 379. Dezembro de 1948, p. 26-27. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00379.pdf Acessado em: outubro de 2017

CRANE, Frank. O chapéu e a silhueta feminina através do tempo. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 284. Janeiro de 1941, p.55- 58. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00284.pdf> Acessado em: outubro 2017

Da idade do broto ao casamento. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 456. Maio de 1955, p. 76-80; 117. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00456.pdf Acessado em: outubro de 2017

Deve a mulher restringir-se ao lar? In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 330. Novembro de 1944, p.78-79. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00330.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Dezesseis horas na vida de uma mulher. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 371. Abril de 1948, p.30-32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00371.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Dois milhões de mulheres sem homens. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no.334. Março de 1945, p.73-74. Disponível em: _____, http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00334.pdf

Educação de Príncipes: Felizes princesas... pobres princesas. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição, no. 357. Fevereiro de 1947p.73-75. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00009.pdf Acessado em: outubro de 2017

Entre as mulheres da Índia. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 291. Agosto de 1941, p.29-32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00291.pdf> Acessado em: outubro 2017

FIOL, Gonzáles. A fada enamorada, como muitas mulheres. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 356. Janeiro de 1947, p.34. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00008.pdf Acessado em: outubro de 2017.

FORBIN, Vitor. A mulher dos crocodilos. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 356. Maio de 1945, p.25-26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00336.pdf> Acessado em: outubro 2017

FREITAS JR, Osmar. Chegou a vez dela! In: _____. **Marie Claire**. Edição digital, seção Mulheres no Mundo. Junho de 2016. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/mulheres-do-mundo/noticia/2016/06/chegou-vez-dela-hillary-clinton-se-firma-como-candidata-presidencia-dos-eua.html>> Acessado em: janeiro de 2018.

FREUD, Sigmund Freud. **Obras completas**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, 1905. Volume 6, 2016, p.13-172.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu**, 1921. Volume 15, 2011, p. 13-113.

_____. **A organização genital infantil**, 1923. Volume 16, 2010, p.150-157.

_____. **O declínio do complexo Édipo**, 1924. Volume 16, 2010, p.182-192.

_____. **Sobre a sexualidade feminina**, 1931. Volume 18, 2010, p. 371-398.

_____. **A feminilidade**, 1933. Volume 18, 2010, p. 263-293.

GARÇONI, Ines. Carol paz... In: _____. **Marie Claire**. Edição 321. Dezembro de 2017, p.48-52.

GERHARDT, Rodrigo. Amor proibido. In: _____. **Marie Claire**. Edição digital, seção “pais x filhos”. Disponível em: <
<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML902381-1740,00.html>>
Acessado em janeiro de 2018.

GIBSON, E. A ciência se preocupa com os solteiros. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 425. Outubro de 1952, p.28-32. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00425.pdf> Acessado em: outubro de 2017

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: editora Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, Mário. Scilicet: um real para o século XXI. In: _____. **Discurso Capitalista**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p.119-122.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revistas IPHAN** no. 24, p.65-72;1996. Disponível em:
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8697>
Acessado em: novembro de 2017

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: _____. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.p.103-131.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Wendy. Quando os homens, só, não chegam. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 420. Maio de 1952, p.36-38. Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00420.pdf Acessado em: outubro de 2017.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

IRACEMA. Uma das maiores tragédias da humanidade: 20 milhões de mulheres procuram marido. In: _____. In: **Eu sei tudo**. Edição no. 318. Novembro de 1943, p. 37 a 42. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1943_00318.pdf> Acessado em: outubro de 2017..

KARAM, Luíza. Jardineiras fieis. In: _____. **Marie Claire**. Edição 321. Dezembro de 2017, p.54-58.

LACAN, Jacques. O seminário livro 11: **os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário livro 17: **o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. O seminário livro 20: **mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

LACAN, Jacques. O seminário livro 23: **o sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

LACAN, Jacques. **Do discurso psicanalítico**: conferência de Milão, em 12 de maio de 1972. Disponível em: < <http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>> Acessado em: janeiro de 2018.

LAIA, Sérgio. **Discurso y vínculo social**. Bogotá: NEL Bogotá, 2009. In: _____. Análises e interpretações de uma turbación coletiva: los discursos, la acción lacaniana desde Mayo del 68 y sus consecuencias, p.187-211.

LAIA, Sérgio. Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. In: _____. **Sulcos (e depressões) da aletosfera**. Novembro 1996, no. 17., p.33-39.

LIBMAN, J.M. Os homens desmaiam mais. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 416. Janeiro de 1952, p.18-20. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00416.pdf Acessado em: outubro de 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2011.

LOPES, Laura Ancona. Revolução é com ela. In: _____. **Marie Claire**. Edição 322. Janeiro de 2018, p.58-59.

MASIP, Paulino. As mulheres da vida de Goethe. In: _____. **Eu sei tudo**. Maio de 1944/324: p.59-64. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00324.pdf> Acessado em: outubro de 2017

MATANIA, F. A vida extraordinária de Joan Philips, que por amor, foi salteadora de estrada. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 357. Fevereiro de 1947, p.9- 14. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00009.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Matou 600 virgens para banhar-se em seu sangue e conservar a sua beleza: a mulher-monstro de Csejthe. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 395. Abril de 1950, p.32- 34. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00395.pdf Acessado em: outubro de 2019

Menino ou menina? In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 408, Maio de 1951, p.15-17. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00408.pdf Acessado em: outubro de 2017

MILLER, Jacques-Alain. **Lacan Elucidado**: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. In: _____. Freud e a teoria da cultura, p.287-301.

MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. *El outro que no existe y sus comités de ética: seminario en colaboracion com Éric Laurent. (1996-97)*. Buenos Aires: Paidós, 2005. In: _____.
United Symptms, p.9-57

_____. **Las mujeres y el Outro**, p.81-97

_____. **Lo real y el sentido**, p. 99-124

_____. **El campo pulsional**, p. 369-390

MILLER, Jacques-Alain. Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, In: _____. **O sintoma e o cometa**. Agosto 1997a, no. 19, p.5-13
_____. **Uma fantasia**. Janeiro 2005a, no. 42., p.7-18.

MILLER, Jaques-Alain. **Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

MILLER, Jacques-Alain. **Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MILLER, Jacques-Alain. **Scilicet: um real para o século XXI**. In: _____. **O real no século XXI**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p.21-35.

MILLER, Jacques-Alain. **Opção Lacaniana online**. Ano 7, Número 20, Julho de 2016. In: _____. Uma partilha sexual, p.1-40.
Disponível em:
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf Acessado em: Fevereiro de 2018

Mulheres que alucinaram a política francesa. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 283. Dezembro de 1940, p.35-38. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00283.pdf> Acessado em: outubro 2017.

Mulheres soldados. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 280. Setembro de 1940, p.61-64. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00280.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Mulheres soldados. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 285. Fevereiro de 1941, p.29-36. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00185.pdf> Acessado em: outubro de 2017

MURPHY, Margot. Soluções para o problema da empregada. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 325, Junho de 1944, p.22-24. Disponível em:<
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00325.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Na Tunísia. In: _____. **Marie Claire**. Edição digital, seção Mulheres no Mundo, Disponível em : <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/10/na-tunisia-mulheres-agora-sao-permitidas-casarem-com-homens-nao-muculmanos.html> Acessado em janeiro de 2018.

Não faça isso com o seu marido. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 419. Abril de 1952, p.33-37. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00419.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Não se suicide por um homem. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 413. Outubro de 1951, p.17-19. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00413.pdf Acessado em: outubro de 2017

Natividade e maternidade. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 307. Dezembro de 1942, p.13-16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1942_00307.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Nenhuma tradição obriga a princesa Margareth a se casar com 20 anos. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 406. Março de 1951, p. 48- 49;96. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00406.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Neurose erótica. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 408, Maio de 1951, p. 18-19. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00408.pdf Acessado em: outubro de 2017

NEVES, Maria Laura. Freira, escritora e feminista. In: _____. **Marie Claire**. Edição no. 322. Janeiro de 2018, p.30-33.

NEVES, Maria Laura. Será que agora é que são elas? In: _____. **Marie Claire**. Edição 322. Janeiro de 2018, p.46-48.

NEWBY, P. H. Perfil de uma mulher misteriosa. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 393. Fevereiro de 1930, p. 22-26;98. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00393.pdf> Acessado em: outubro de 2017

NOVA, Vera Casa. **Comunicação, discurso e semiótica: dos almanaques a...** Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2010

O conceito de beleza através do tempo. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 279. Agosto de 1940, p. 29-32. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00279.pdf Acessado em: outubro de 2017

O custo de uma esposa em diferentes épocas e países. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no.335. Abril de 1945, p.61-67. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00335.pdf Acessado em: outubro de 2017.

O divórcio combatido pelos divorciados. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 418. Março de 1952, p.17-23. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00418.pdf Acessado em: outubro de 2017.

O epistolário da Rainha Vitória. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 288. Maio de 1941, p.41-43. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00288.pdf> Acessado em: outubro 2017

O fim de Maria Waleska, a esposa polonesa de Napoleão. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 388. Setembro de 1949, p.23. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00388.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

O piano de Margareth continuará na Casa branca. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 383. Abril de 1949, p. 52-53. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00383.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

O sentido da beleza no lar moderno. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 372. Maio de 1948, p.68-70. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00372.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

O último milagre que o mundo conheceu. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 285. Fevereiro de 1941, p.59-61. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00185.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Onde descansa a dama das Camélias. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 428. Janeiro de 1953, p. 29-30. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00428.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

OROSCO, Dolores. Lea T revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após cirurgia. In: _____. **Marie Claire**. Edição digital. Março de 2017. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/03/lea-t-revela-que-sentiu-o-primeiro-orgasmo-somente-apos-cirurgia-ate-chorei.html>> Acessado em: janeiro de 2018

PILLA, Mariana Di. Muito fora dos padrões. In: _____. **Marie Claire**. Edição 289, Abril 2015, p.90-91.

PIRES, Suzana. O que é uma mulher dona de si? In: _____. **Marie Claire**. Edição digital: “”, na seção Dona de Si. Janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Dona-de-Si/noticia/2018/01/o-que-e-uma-mulher-dona-de-si.html>> Acessado em: janeiro de 2018

POVIA, Maria Clara. Hora de mudar. In: _____. **Marie Claire**. Edição 289. Abril 2015, p.180-184.

Por que as mulheres falam tanto? E os homens tão pouco? In: _____. **Eu sei tudo**. Setembro de 1955/460: “, p.56-60. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00460.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Por que as mulheres se vestem de homem. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 437. Outubro de 1953, p. 31-34. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00437.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Presídio só para mulheres. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 331. Dezembro de 1944, p.37-41. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00331.pdf Acessado em: outubro de 2017

Quem é mais capaz? O homem... ou a mulher? In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 325. Junho de 1944, p.59-62;65 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00325.pdf > Acessado em: outubro de 2017

ROBBINS, Jhan; ROBBINS, June. Senhora! Defenda a saúde de seu marido. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 403. Dezembro de 1950, p.19-20. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00403.pdf Acessado em: outubro de 2017.

ROBBINS, Jhan; ROBBINS, June. Um drama que só eles conhecem: os maridos abandonados. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 424. Setembro de 1952, p.16-18. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00424.pdf > Acessado em: outubro de 2017.

SANTIAGO, Ana Lydia. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, In: _____. Desordem no real e feminização do mundo. Junho 2012, no. 63., p.7-9.

Sem ela... Outro teria sido o destino da França. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 384. Maio de 1949, p.43-47. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00384.pdf > Acessado em: outubro de 2017.

SILVA, Adriana Ferreira. As revelações da atriz e escritora Fernanda Torres. In: _____ **Marie Claire**. Edição impressa no. 322, Janeiro de 2018, p.40-46.

SINATRA, Ernesto S. **Todo sobre las drogas?** Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010

Tempestade sobre o convento de mulheres. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 442. Março de 1954, p.33-38; 116-117. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00442.pdf > Acessado em: outubro de 2017.

Todos somos homens e mulheres. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição 447. Agosto de 1954, p.66-70. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00447.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Um escândalo em Paris: Cleo de Merode? In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 398. Julho de 1950, p.26-27 Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00398.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Um simples caso de amor à primeira vista balança a posição da Inglaterra na África do Sul. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 396. Maio de 1950, p.57-58. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00396.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Um velho romance oriental: Noor Jean, Imperatriz do Império Mogul da Índia. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 337. Junho de 1945, p.15-19;98. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00337.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Uma advogada no processo de Jesus. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 443. Abril de 1954, p.34-38 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00443.pdf> Acessado em: outubro 2017

Uma princesa do Brasil, herdeira do trono da França. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 282. Novembro de 1940, p.33-34. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00282.pdf> Acessado em: outubro de 2017

VILAR, Ludmila; POVIA, Maria Clara. Casa Artsy. In: _____. **Marie Claire**. Edição 289. Abril de 2015, p.204-207.

Você teme o divórcio? In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no. 416. Janeiro de 1952, p.37-42. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00416.pdf Acessado em: outubro de 2017.

WARREN, Virginia Lee. O fenômeno de Eva Perón. In: _____. **Eu sei tudo**. Edição no.415. Dezembro de 1951, p.16-18. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00415.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

WINDSOR, Wallis. As pequenas dificuldades e hesitações de uma dona de casa. In: _____. **Eu sei tudo**. Novembro de 1943/318, p.44-49. Por Wallis de Windsor. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1943_00318.pdf> Acessado em: outubro de 2017

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: _____. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004. p.7-72.

ANEXO I

Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/eu-sei/164380>> Acessado em outubro de 2017.

Categorias:

1-Biografia: 18 artigos

Janeiro de 1940/272: “As mulheres de Henrique VIII”, p.63-66. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00272.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Novembro de 1940/282: “Uma princesa do Brasil, herdeira do trono da França”, p.33-34. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00282.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Setembro de 1940/280: “Mulheres soldados”, p.61-64. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00280.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Janeiro de 1941/284: “Uma milionária de 11 anos” (p.63-65). Por Yvonne Boymond. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00284.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Fevereiro de 1941/285: “Mulheres soldados” (p.29-36) Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00185.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Mai de 1941/ 288: “O epistolário da Rainha Vitória” (p.41-43), Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00288.pdf> Acessado em: outubro 2017

Agosto de 1941/291: “Entre as mulheres da Índia”, p.29-32. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00291.pdf> Acessado em: outubro 2017

Março de 1944/322: “As aventuras extraordinárias de Catalina Erauso”, p. 43-47;50. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00322.pdf> Acessado em: outubro 2017.

Maio de 1944/324: “As mulheres da vida de Goethe”, p.59-64. Por Paulino Masip. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00324.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Junho de 1945/337: “Um velho romance oriental: Noor Jean, Imperatriz do Império Mogul da Índia”, p.15-19;98. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00337.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Janeiro de 1949/380: “A Rainha Juliana da Holanda”, p.67-68. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00380.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Maio de 1949/384: “Sem ela... Outro teria sido o destino da França”, p.43-47. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00384.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Setembro de 1949/388: “O fim de Maria Waleska, a esposa polonesa de Napoleão”, p.23. Disponível em : < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00388.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1930/393: “Perfil de uma mulher misteriosa”, p. 22-26;98. Por P.H. Newby. (as feministas egípcias dizem do perfil de mulher estadista de Cleópatra) Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00393.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Dezembro de 1951/415: “O fenômeno de Eva Perón”, p.16-18. Por Virginia Lee Warren. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00415.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Janeiro de 1953/428: “Onde descansa a dama das Camélias”, p. 29-30. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00428.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1953/429: “A coroação de Elizabeth II”, p. 21-26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00429.pdf> Acessado em: outubro 2017

Setembro de 1957/484: “A casa de Joana D’arc”, p.51-53. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1957_00484.pdf> Acessado em: outubro 2017

2-Religião: 7 artigos

Novembro de 1940/282: “As mulheres da Bíblia”, p.61. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00282.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Fevereiro de 1941/285: “O último milagre que o mundo conheceu”, p.59-61. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00185.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Dezembro de 1942/307: “Natividade e maternidade”, p.13-16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1942_00307.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Abril de 1947/359: “As mulheres no Evangelho”, p.15-17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00011.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Março de 1954/442: “Tempestade sobre o convento de mulheres”, p.33-38; 116-117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00442.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Abril de 1954/443: “Uma advogada no processo de Jesus”, p.34-38 Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00443.pdf> Acessado em: outubro 2017

Setembro de 1954/448: “A igreja permitiu esses divórcios”, p.32-34. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00448.pdf> Acessado em: outubro de 2017

3- Trabalho/inserção social: 3 artigos

Dezembro de 1940/283: “Mulheres que alucinaram a política francesa”, p.35-38. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00283.pdf> Acessado em: outubro 2017.

Maio de 1945/336: “A mulher dos crocodilos”, p.25-26. Por Vítor Forbin Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00336.pdf> Acessado em: outubro 2017

Janeiro de 1948/368: “A mulher e a medicina”, p.31-34. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00368.pdf> Acessado em: outubro de 2017

4-Economia doméstica: 7 artigos

Novembro de 1943/318: “As pequenas dificuldades e hesitações de uma dona de casa”, p.44-49. Por Wallis de Windsor. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1943_00318.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Junho de 1944/325: “Soluções para o problema da empregada”, p.22-24. Por Margot Murphy. Disponível em:< http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00325.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Março de 1948/370: “A casa é como a mulher”, p.26-28. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00370.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Abril de 1948/371: “Dezesseis horas na vida de uma mulher”, p.30-32. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00371.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Maio de 1948/372: “O sentido da beleza no lar moderno” p.68-70. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00372.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Dezembro de 1948/379: “Conselhos as mães à férias dos filhos” p. 26-27. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1948_00379.pdf Acessado em: outubro de 2017

Janeiro de 1955/452: “As mulheres trabalham demais! O esforço mal gasto nas tarefas diárias”, p. 13-15. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00452.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

5-Estética/comportamento: 27 artigos

Março de 1940/274: “Cabeças femininas”, p. 70-71 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00274.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Agosto de 1940/279: “O conceito de beleza através do tempo”, p. 29-32. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00279.pdf Acessado em: outubro de 2017

Janeiro de 1941/284: “O chapéu e a silhueta feminina através do tempo”, p.55- 58. Por Frank Crane.

Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00284.pdf> Acessado em: outubro 2017

Outubro de 1941/293: “A beleza feminina através da idade”, p.83-87. Disponível em:< http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00293.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Janeiro de 1942/296: “As madonas de Rafael”, p.79-81 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1942_00296.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1943/309: “A história da máquina de costura”, p.25-26. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1943_00309.pdf Acessado em: outubro 2017

Novembro de 1943/318: “Uma das maiores tragédias da humanidade: 20 milhões de mulheres procuram marido” p. 37 a 42, Por Iracema. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1943_00318.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Novembro de 1944/330: “Deve a mulher restringir-se ao lar?”, p.78-79. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00330.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Dezembro de 1944/331: “Presídio só para mulheres”, p.37-41. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00331.pdf Acessado em: outubro de 2017

Fevereiro de 1945/333: “A mulher e o crime”, por Frederic Boutet, p.23-26. Disponível em; http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00333.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1945/333: A gastadora pública número um: a noiva, p.61-65 Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00333.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Março de 1945/334: “Dois milhões de mulheres sem homens”, p.73-74. Disponível em: , http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00334.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Março de 1945/334: A mulher e o crime: “Dramas de família e dramas políticos” por Frederic Boutet.(p.45-49) Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00334.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1947/357: “A vida extraordinária de Joan Philips, que por amor, foi saltadora de estrada”, p.9- 14. Por F. Matania. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00009.pdf> Acessado em: outubro de 2017

Abril de 1950/395: “Matou 600 virgens para banhar-se em seu sangue e conservar a sua beleza: a mulher-monstro de Csejthe”, p.32- 34.Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00395.pdf Acessado em: outubro de 2019

Mai de 1954/444: “A mulher chinesa: a grande escrava de ontem é dotada do mais admirável tato feminino”, p. 33-38. Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00444.pdf Acessado em: outubro de 2017

Fevereiro de 1947/357: “A beleza do gênero humano” p.51-53. Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00009.pdf Acessado em: Outubro de 2017

Abril de 1949/383: “O piano de Margareth continuará na Casa branca”, p. 52-53. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1949_00383.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Julho de 1950/398: “Um escândalo em Paris: Cleo de Merode?”, p.26-27 Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00398.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Março de 1951/406: “Nenhuma tradição obriga a princesa Margareth a se casar com 20 anos”, p. 48- 49;96. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00406.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Mai de 1952/420: “Quando os homens, só, não chegam”, p.36-38. Por Wendy Hall Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00420.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Setembro de 1952/424: “Um drama que só eles conhecem: os maridos abandonados”, p.16-18. Por Jhan e June Robbins. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00424.pdf> Acessado em: outubro de 2017.

Outubro de 1952/425: “A ciência se preocupa com os solteiros”, p.28-32. Por E. Gibson. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00425.pdf Acessado em: outubro de 2017

Março de 1953/430: Por que fracassaram certos casamentos?, p.29-34. Por Hardy Burt Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00430.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Junho 1953/433: Estranhos conceitos de beleza. Por Albert Brandt, p.66-69. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00433.pdf Acessado em: outubro 2017.

Agosto de 1954/447: “Todos somos homens e mulheres” p.66-70. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1954_00447.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Mai de 1955/456: “Da idade do broto ao casamento”, p. 76-80; 117. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00456.pdf Acessado em: outubro de 2017

6- Gênero: 22 artigos

Janeiro de 1940/272: “O papel da mulher deve ser o de acalmar”, Por Pierre Chanlaine, p.49-50. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1940_00272.pdf > Acessado em: outubro 2017

Novembro de 1941/295: “A Finlândia desconhecida: o feminismo e o trabalho”, p.55-58. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1941_00295.pdf Acessado em: outubro de 2017

Junho de 1944/325: Quem é mais capaz? O homem... ou a mulher?, p.59-62;65 Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1944_00325.pdf > Acessado em: outubro de 2017

Abril de 1945/335: “O custo de uma esposa em diferentes épocas e países”, p.61-67. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1945_00335.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Agosto de 1946/351: “Bruxas e loucos! Uma mulher queimada viva por camponeses portugueses”, p.29-30. Por Amancio Cabral Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1946_00351.pdf Acessado em: outubro de 2017

Janeiro de 1947/356: “A fada enamorada, como muitas mulheres”, p.34. Por E. Gonzáles Fiol. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00008.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1947/357: “Educação de Príncipes: Felizes princesas... pobres princesas” ,p.73-75. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1947_00009.pdf Acessado em: outubro de 2017

Mai de 1950/396: “Um simples caso de amor à primeira vista balança a posição da Inglaterra na África do Sul”, p.57-58. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00396.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Agosto de 1950/399: “A hora é das mulheres!” Os homens falharam, as mulheres são mais capazes. (p.26-28 e 96) Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00399.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Dezembro de 1950/403: “Senhora! Defenda a saúde de seu marido”, p.19-20. Por Shan e June Robbins. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1950_00403.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Mai de 1951/408: “Menino ou menina?”, p.15-17 Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00408.pdf Acessado em: outubro de 2017

Maio de 1951/408: “Neurose erótica”, p. 18-19. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00408.pdf Acessado em: outubro de 2017

Outubro de 1951/413: “Não se suicide por um homem”, p.17-19. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1951_00413.pdf Acessado em: outubro de 2017

Janeiro de 1952/416: “Os homens desmaiam mais”, p.18-20. Por J. M. Libman. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00416.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Janeiro de 1952/416: Você teme o divórcio?, p.37-42. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00416.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Fevereiro de 1952/417: “As sete portas do divórcio: a responsabilidade dos homens”, p33-36. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00417.pdf Acessado em: outubro 2017.

Março de 1952/418: “O divórcio combatido pelos divorciados”, p.17-23. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00418.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Abril de 1952/419: “Não faça isso com o seu marido”, p.33-37. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1952_00419.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Outubro de 1953/437: “Por que as mulheres se vestem de homem”, p. 31-34. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1953_00437.pdf Acessado em: outubro de 2017.

Setembro de 1955/460: “Por que as mulheres falam tanto? E os homens tão pouco?”, p.56-60. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00460.pdf Acessado em: outubro de 2017

Outubro de 1955/461: “A superioridade da mulher sobre o homem”, p.30-34.
Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1955_00461.pdf Acessado em: outubro 2016.

Fevereiro de 1956/465: “A mulher, essa desconhecida: o espírito de contradição”, p.32-34. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/164380/per164380_1956_00465.pdf Acessado em: outubro de 2017.

ANEXO II

1- Categoria Biografia: 2 artigos

Janeiro de 2018/322: “ As revelações da atriz e escritora Fernanda Torres”, p.40-46. Revista Marie Claire. Edição impressa. Por Adriana Ferreira Silva.

Junho de 2016/ Edição digital, seção Mulheres no Mundo: Chegou a vez dela!” Por Osmar Freitas Jr. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/mulheres-do-mundo/noticia/2016/06/chegou-vez-dela-hillary-clinton-se-firma-como-candidata-presidencia-dos-eua.html>> Acessado em: janeiro de 2018.

2- Categoria religião: 2 artigos

Marie Claire, Edição digital, seção Mulheres no Mundo, “Na Tunísia”. Disponível em : <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/10/na-tunisia-mulheres-agora-sao-permitidas-casarem-com-homens-nao-muculmanos.html> Acessado em janeiro de 2018.

Marie Claire, Edição digital, seção “pais x filhos”, a reportagem “Amor proibido”. Por Rodrigo Gerhardt. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML902381-1740,00.html>> Acessado em janeiro de 2018.

3- Categoria Trabalho: 1 artigo

Janeiro de 2018/322: “Revolução é com ela”, p.58-59. Revista Marie Claire. Edição impressa. Por Laura Ancona Lopes

4- Categoria economia doméstica: 3 artigos

Abril de 2015/289: “Casa Artsy”, p.204-207. Por Maria Clara Póvia e Ludmila Vilar. Revista Marie Claire. Edição impressa.

Dezembro de 2017/ Edição 321: “Carol paz...”, p.48-52. Por Ines Garçoni. Revista Marie Claire. Edição impressa.

Dezembro de 2017/ Edição 321: “Jardineiras fieis”, p.54-58. Por Luíza Karam. Revista Marie Claire. Edição impressa.

5- Categoria Estética/comportamento: 4 artigos

Janeiro de 2018/322: “Será que agora é que são elas?”, p.46-48. Revista Marie Claire. Edição impressa. Por Maria Laura Neves

Abril 2015, edição 289, p.180-184: “Hora de mudar”, Por Maria Clara Póvia. Revista Marie Claire. Edição impressa.

Abril 2015, edição 289, p.90-91: “Muito fora do padrão”, Revista Marie Claire. Edição impressa. Por Mariana Di Pilla

Janeiro de 2018, edição digital: “O que é uma mulher dona de si?”, na seção Dona de Si/ 17 .01. 2018 Por Suzana Pires

Disponível em: < <http://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Dona-de-Si/noticia/2018/01/o-que-e-uma-mulher-dona-de-si.html>> Acessado em: janeiro de 2018

6- Categoria Gênero: 3 artigos

Janeiro de 2018/322: “Freira, escritora e feminista”, p.30-33. Revista Marie Claire. Edição impressa. Por Maria Laura Neves

Setembro de 2011/ Edição digital: “A monogamia já era”. Disponível em: <
<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI274984-17735,00-A+MONOGAMIA+JA+ERA+PSICANALISTA+E+ESCRITORA+REGINA+NAVARRO+LINS+PREVE+QUE+N.html> > Acessado em: janeiro de 2018 Por Mayra Stachuk e Marina Caruso

Março de 2017/ Edição digital: Por Dolores Orosco. Disponível em: <
<http://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/03/lea-t-revela-que-sentiu-o-primeiro-orgasmo-somente-apos-cirurgia-ate-chorei.html> > Acessado em: janeiro de 2018